This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

JAMES W HAWES
SEPT 21,10

BIBLIOTHECA MORÉ

CAMILLO CASTELLO BRANCO

UM LIVRO

3.ª EDIÇÃO

novamente correcta e accrescentada com um prefacio

POR

THOMAZ RIBEIRO

da Academia Real das Sciencias de Lisboa

PORTO:
EM CASA DA VIUVA MORÉ — EDITORA

1866.

J. W. Haines;
from Portuguese dept
Philadelphia Exhibition.
Received March, 187.

UM LIVRO

UM LIVRO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

3.ª EDIÇÃO

novamente correcta e accrescentada com um prefacio

POR

THOMAZ RIBEIRO

da Academia Real das sciencias de Lisboa.

PORTO

EM CASA DE VIUVA MORÉ — EDITORA

PRAÇA DE D. PEDRO

1866

493600

Estes desvarios me fizeram companhia, ajudando-me a passar saudades e illusões...

D. F. Manoel de Mello. *Apol. dial.*

Solidão, eu te saudo! silencio dos bosques, salve!

A ti venho, ó natureza; abre-me o teu seio.

Garrett. *Flores sem fructo.*

PORTO: 1866.—Typographia Commercial, rua de Bellomonte n.º 19.

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Dei á estampa estes versos, com temor da critica. Esperava que me dissessem: "que temos nós com as tuas maguas? porque não carpes em silencio? se nos não deleitas com o primor da tua poesia, não te fôra melhor recatar as ingenuidades do coração?" E isto, se m'o dissessem, não tinha resposta satisfactoria. O remedio era calar-me, obrigando-me a um silencio judicioso.

Não me censuraram agramente essas linhas. Acolheram-nas com benevolencia, e corações haveria que as recolhessem. A primeira edição foi depressa consummida, e muito ha que esta coisa sem nome é procurada. Reimprime-se hoje com emendas, acrescimos e diminuições tambem, que havia ahi muitas pieguices e pequices que mondar.

Se a critica vier agora, será bem vinda e não perderá por serodia. O defeito capital, se está na teima, facil remedio tem. A terceira edição poderá o publico evital-a, negando-lhe a bemquerença com que recebeu essas bagatelas que tem um pouco de coração e mais nada.

Porto, 28 de Setembro de 1857.

PREFACIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Se eu podesse aspar o titulo d'este volume, e denominal-o o LIVRO DAS SAUDADES!

Se eu podesse, que mais ganharia elle, ou eu, com isso, na estima de quem abre este pobre livro? Que importa a quem lê o que vai na alma do escriptor se as impressões do livro não bastam a recender no espirito de quem lê o aroma de flores escondidas muito a dentro d'alma de quem escreve?

Livro de saudades é este para mim; saudades do tempo, saudades das maguas, saudades das esperanças que eu via por olhos marejados de lagrimas!

O que eu então via, e que horisonte este em que hoje me estou a fitar olhos no ultimo, em que os mais avultosos objectos que se me deparam são a relva rasteira d'uma campa, pobre campa como ella convém á mesquinhez e desambições de minha vida!

E, se assim não fosse, que desconveniente seria o desfecho d'ella! . . . .

Estes versos valeram pouco entre as formosas poesias d'aquelle tempo. Hoje, quando ressoam torrentes de primorosos poemas, nada valem. Para os amigos dos meus livros são mais um livro: para mim são uma flor fenecida de saudade, fenecida e quasi desfeita porque a lancei na urna das lagrimas.

Maio de 1865.

À MEMORIA

DE

JOSÉ BARBOSA E SILVA

este testemunho de antiga amisade e saudade eterna

OFFERECE

O AUCTOR.

Meu presado Camillo.

Em quanto os saudaveis ares de Lessa da Palmeira lhe estão depurando o sangue e amenisando a vida; em quanto se lhe está dilatando a alma em extasis contemplativos diante das mais solemnes solidões —o mar e o infinito; em quanto o seu grande genio se fortalece e ensaia para os arrojados vôos, e para novos suavissimos cantos,—arrasto eu a grilheta parlamentar n'esta galé politica, dita a nau do estado. Chama-lhe assim, á parte a deselegancia da frase, o meu mestre, e nosso commum amigo, o snr. A. F. de Castilho.

São sortes, meu romancista.

Não me detêem aqui as minhas mais gratas ambições; conhece-o quem me conhece; mas nem todos os passos que damos na vida se podem explicar a todos; e se o *destino* era cego, a *providencia* é inflexivel.

Sei que nada perdem as lettras com as minhas longas inercias; e que na sua hierarchia, como na politica, é o menos visto logar o que me pertence; mas perde o meu espirito, e lastima-o o meu coração.

Nasci para os gosos intimos e para as solidões fecundas. O meu berço alpestre acalentou-me ao som dos cantos livres e augustos da natureza; da natureza sem confeições; da natureza sem atavios de arte; da natureza de Deus e para Deus. Criei-me assim, eduquei-me ali.

Não sei se alguma vez premeditei os meus versos: sei que nunca os predestinei. Na minha solidão saudosa não havia logar nem incentivo para vaidades. *Eu* era o meu auctor e o meu publico; o meu censor e o meu apologista. A minha gloria applaudia-me e animava-me nos intimos e secretos extasis da minha alma. Nunca as estrofes que eu escrevia tiveram critico menos indulgente que a minha consciencia; menos delicado sim.

Era o egoismo da poesia que só cantava para si; e, quando mais, para dar alguns hymnos aos campos, ao céo, aos horisontes. Tinha que lhes agradecer os cantos das suas aves e os seus palpitantes murmurios.

Depois o egoista fez-se cidadão; o monge da poesia secularisou-se; disse á indiscreta publicidade os seus mais escondidos segredos. As candidas azas da poesia tem-lh'as querido crestar o lume impuro de ignobeis ambições. A fumarada que sai d'este brazeiro enorme, onde continuamente se consomem nomes illustres, reputações honestas, capacidades proficuas,

aspirações generosas, e quantas vezes a honra, a fortuna e o futuro das familias, tem-lhe empanado á morbida plumagem o fino esmalte da açucena.

Recordo-me agora de que já disse em verso o que aqui deixo em prosa. Escrevi-o no album de uma espirituosa senhora provinciana que encontrei em Lisboa.

E pois que tão a ponto me lembraram, deixe-me transcrever-lhe aqui alguns fragmentos que sei de cór:

. . . . . .

Ave da brenha alpestre, ao ledo canto esquiva,
fadada já por Deus para cantar só maguas,
cruzei o espaço azul buscando uma luz viva
que vi lá da montanha a dardejar nas aguas.

Voei... voei... a luz crescia no horisonte!
"Adeus, gratas canções! adeus, soidão celeste!.."
Era já longe o estremo, alcantilado monte,
onde ha mato florído, onde ha perfume agreste.

. . . . . .
. . . . . .

Cheguei, pairei, desci; poisei n'esta voragem
que rouba o amor do seio, a candidez das almas!
crestou-me a chamma a branca, a morbida plumagem;
poisei sobre um pragal onde sonhava palmas!

. . . . . .
. . . . . .

Ó pomba foge, foge! este murmurio eterno
aturde e abafa a voz da patria tão querida!
Mas não leves, como eu, saudades d'este inferno,
onde me fica... morta uma porção da vida!

E comtudo aqui estou, e Deus sabe até quando. Talvez em quanto se não consumir a ultima porção de vida util que me resta.

E assisto envergonhado, por assistir como estranho, ao augusto convivio das lettras; convivio onde não ha cathedraes mais que para o sacerdocio; festa onde não entram convidados nem romeiros; templo onde só teem voz para os canticos os corôados de loiro e revestidos de estringe.

Assisto de longe, de tão longe, que se me perdem na distancia os meus modestos applausos. Embora! Vingo-me em applaudir para a minha consciencia. Ficou o egoismo do louvor substituindo o egoismo da poesia. São-me tão gratas as reminiscencias dos meus antigos solliloquios!..

Um dia, enthusiasmo-me ante as perfumadissimas composições de Pinheiro Chagas, esplendida primavera da nossa poesia, que aprende o matiz, nas flores; o voejar, nas pombas; a transparencia, no lago; os fremitos amantes, nos beijos que a viração leva ao bosque; a musica, nas endeixas tristes da rola; e nos epithalamios do rouxinol; a luz, no céo; a melancolia no crepusculo, para nos copiar todos estes enlevos no seu *Poema da Mocidade*.

Outro dia é Bulhão Pato, o portuguez andaluz,

o conversador gracioso, o improvisador elegante, o fino espirito ironico, o coração que tem impetos, o genio que tem febre, a recrear-nos com a recitação do seu poema indefinivel e interminavel *a Paquita*; a fazer-nos provar os temperos picantes e as malicias amaveis das suas cantigas *malagueñas*; a casar aos sons furtivos do piano as suas valsas ardentes e delirantes.

Depois embellezo-me nos contos meio pueris, meio fantasticos,—agora tristes e agora humoristicos, do nosso *touriste* elegante e amavel Julio Cesar Machado, a mais formosa borboleta do nosso jardim litterario, sempre volitante, fugitivo, impalpavel;—espirito que tende para o céo, coração que se prende á terra.

Agora é Theophilo Braga; a varonil creança; o embrião que fructifica; a flor que amadurece; o fructo que floreja; a vergontea tronco; outomno e primavera que tem perfume nos fructos e sabor nas flores; o velho do passado que nos apparece imberbe; a larva brilhante que illumina d'um fulgor misterioso o casulo de nevoas em que se envolve, e de que ha-de sair astro fulgente para os espaços infinitos.

É Mendes Leal, o genio encyclopedico que deixa descançar a lira quando tem de nos ensinar a historia; que sai do theatro para nos vingar d'uma grosseira affronta escrevendo o *Pavilhão Negro*; que sobe do jornalismo á cadeira de ministro, e que depois de illustrar ali o seu illustre nome e do seu honrado paiz, salvo do naufragio politico, chega ao posto das lettras, segurando nas mãos, como Camões, uma gloria nossa e d'elle: *Os primeiros amores de Bocage*.

É José de Sousa Monteiro Junior, o herdeiro de um nome illustre. Dezoito annos uberrimos! Aurora que se entremostrou esplendida na *Visão do Lago* para se esconder de novo nas sombras castas da sua modestia. Um nome que pouca gente conhece hoje, mas que ha-de ser amanhã inscripto entre os mais illustres quando a gloria o tomar de assalto e o apresentar ao mundo. Heis de vêl-o ruborisado de pejo infantil, mas aureolado pelo talento e pelo estudo serio e consciencioso que aquella edade mal comporta.

Meu querido bisonho, aqui te denuncio ao mundo.

É João de Lemos, cuja alma se me afigura um templo povoado de luzes tremulas e de harmonias plangentes, onde a saudade se adora com todo o culto do amor e com toda a melancolia d'uma religião que vai transformando em extasis o que nós quizeramos em canticos.

É Rebello da Silva, o vulto mais sympathico da nossa tribuna parlamentar, o romancista patriotico, o continuador de Alexandre Herculano, e d'elle, por isso, póde dizer-se o que disse Zorrilla do primeiro general dos tempos modernos, quando o apresenta defronte das pyramides do Egypto:

Dos gigantes los siglos los trajeron;
los dos en el desierto se encontraron;
cuando grandes los dos se conocieron
de hito en hito los dos se contemplaron.

Vejo entre elles o paciente e consciencioso traba-

lhador Innocencio Francisco da Silva,—o auctor do nosso pantheon litterario, architecto e guarda do nosso museu illustre, e n'elle das nossas glorias lettradas.

Alexandre Herculano, o grande estatuario da patria! Escrevi-lhe o seu nome: resta-me curvar-me reverente diante do seu grande vulto.

Castilho, o nosso amado Castilho; mestre da poesia e da lingua, unico sacerdote impolluto das musas n'este despoetisado paiz! Mineiro do passado, cultor do presente, apostolo do futuro! Coração injuriado pelos que o temem, calumniado pelos que o invejam, incompletamente apreciado pelos que o respeitam, amado até ao culto pelos que o conhecem! Cego, a transvasar de luz, que jorra sobre a humanidade! O sol não vê: alumia, dá, e é rico de mais para receber.

Quero beijar aqui a mão do meu querido mestre.

Aqui me ia eu perdendo e transviando da senda que me traçára! É tão seductora esta contemplação das nossas boas fortunas! são tão sympathicos os nomes de Palmeirim, o nosso trovista popular; de Cordeiro, o nosso mais espontaneo improvisador; de Vidal, discípulo de Garrett; de Julio de Castilho, o morgado de grandes responsabilidades; de Biester, o nosso dramaturgo; de Palha e Roussado, os nossos distinctos parodistas; do meu mimoso João de Deus; do imaginoso e vernaculo Antonio Pereira da Cunha, e de tantos outros que me estão povoando deliciosamente a memoria, que ficaria com elles horas esquecidas se não se me deparasse o nome de Camillo Castello Branco, a quem e

a respeito de quem sómente, me propuz escrever uma carta litteraria.

E agora que o tenho em boa companhia, aprazme descançar aqui da longa romagem que emprehendi com piedosissima devoção.

É ameno o sitio que me acolhe: vejo palacios e jardins, relvas e cascatas, grutas e caramanchões, horisontes a perderem-se d'um lado por terra a dentro; do outro, por mar em fóra. Tenho laranjaes e lagos; madresilvas e gorgeios; bosques de luz mysteriosa, coada em resteas movediças e tremulas pelas estrellas transparentes da folhagem.

Não raro vejo atravessar pelas clareiras a *caça estranha* que os argonautas lusos acharam a banhar-se e a fugir-lhes na encantada *Ilha dos amores*. Não raro, na mais escusa gruta ou junto da mais sombreada fonte, encontro solitaria a carpir-se uma paciente saudade ou uma esperança impaciente. Assisto a festins e bailes, intrigas, caçadas, duellos e serenatas. Ha dias de lida vertiginosa, noites de amores delirantes.

E quando a febre do prazer tiver cessado, e quando o espirito necessitar de concentrar-se nas suas melancolias contemplativas, e quando o coração quizer entrar em si, e quando a pupilla afogueada carecer de banhar-se em furtivo pranto, ali tenho a mudez do santo ermo onde a solidão suspira uns murmurios que têem carinhos, umas endeixas que teem affectos. Irei visitar os desgraçados que se estorcem nas labaredas de suas almas precitas, ou nas ancias de suas aspira-

ções impossiveis. Levarei esperança aos tristes, e lagrimas aos desesperados.

Aqui não ha desejo que se não satisfaça, milagre que se não realise.

Encantos são que fazem lembrar: umas vezes as brilhantes narrativas do Oriente com os seus genios omnipotentes, com seus palacios de ametistas e diamantes, com suas Javas e seus Bosphoros, com suas volatas e harens, com seus palmares e desertos, com suas miragens e pyramides, tudo a transbordar de luz, de aromas, de harmonias e de glorias;—outras vezes as mysteriosas lendas da Allemanha, com suas fadas vaporosas, com seus castellos e ruinas, a recostarem as pittorescas margens do Rheno, velado tudo com a prateada cambraia de suas nevoas transparentes, e a fallarem-nos a linguagem suavissima dos singelos cantos do Norte.

Pois tudo isto nós temos sem necessidade de percorrer o Norte ou o Nascente, sem o poder magico dos genios e sem a varinha de condão das boas fadas. Tudo isto é nosso; tudo isto é de Portugal e portuguez: estamos na livraria de Camillo Castello Branco, d'um homem que vive (em Portugal!) do seu trabalho e da sua gloria!

Em vez dos *Genios*, o genio; em vez das *fadas*, o condão.

Estão aqui sessenta volumes escriptos por sua mão. O auctor conta hoje trinta e nove annos! É quasi a tachigrafia acompanhando os raptos instantaneos d'um espirito que não repoisa.

Eis aqui entre os seus romances, a *Filha do Arcediago*, estudo consciencioso de intrigas, invejas e miserias espreitadas na visinhança.—A *Neta do Arcediago*, consagração caprichosa da noticia de um jornal; um malogrado amor.—*Onde está a felicidade*, como se o auctor soubesse onde ella existe!..

Mas que sublimes criações não ha n'este livro: a costureira, o operario, o jornalista e Guilherme do Amaral!—*Um homem de brios*... morre arrependido; tinha de que.—*O que fazem mulheres*: epopeia sublime d'uma virtude paciente.—*Amor de perdição*: a abnegação das abnegações.—*Coisas espantosas*: um amor que apesar de não ter senso commum, inda assim difere de todos os outros amores; um coração que está fóra da lei e que estaria tambem fóra da natureza se a natureza não fosse a officiosa explicadora dos mais monstruosos absurdos.—*Lagrimas abençoadas*: um seio que se desfaz em balsamo de prantos para curar as ulceras gangrenosas d'um coração; e o coração curou-se.—*Anathema*.—*Mysterios de Lisboa*, que já fez a sua quinta edição.—*Livro Negro do Padre Diniz*.—*Scenas contemporaneas*.—*Doze casamentos felizes*.—*Romance de um homem rico*.—*As tres irmãs*.—*Estrellas funestas*.—*Noites de Lamego*.—*Scenas da Foz*—*Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado*.—*Estrellas propicias*.—*O bem e o mal*.—*Coração, cabeça e estomago*.—*Vingança*.—*Memorias de Guilherme do Amaral*.—*Vinte horas de liteira*.—*A filha do doutor negro*.—*Amor de salvação*.—*No Bom Jesus do Monte*.—*Esboços d'apreciações litterarias*.—*O Esqueleto*—*A*

Queda de um anjo—Scenas innocentes da comedia humana—Duas horas de leitura.—Agulha em palheiro.— E quantos outros?! Tudo quanto a imaginação mais fecunda e o espirito mais investigador póde escogitar e perceber no grande palco da comedia humana ahi está, n'essa galeria immensa de quadros em que o visitante não sabe que mais admire: se as criações do genio, se a fiel creação das copias da natureza.

Em breve virá juntar-se a esta preciosa collecção, uma trilogia de romances historicos que já o prélo nos está preparando: *A lucta de gigantes—A sereia—O Judeu.*—Novos ramaes e mais valiosos para as lettras patrias vão pois ser explorados por este mineiro incansavel das melhores e mais puras riquezas da nossa litteratura contemporanea.

Continuemos a nossa visita ás estantes da bibliotheca:—escriptos religiosos:—*Horas de paz—Divindade de Jesus.*

A quantas injustiças não está sujeito o espirito que se levanta acima do vulgo? Quantas vezes não tenho eu ouvido calumniar os sentimentos religiosos de Camillo Castello Branco, o redactor da *Cruz*, o auctor d'estes dois livros que ahi ficam mencionados, o homem que por tanta vez se tem erguido debaixo do lenho da desgraça que o opprime, para louvar, como Job, a mão de Deus que tudo póde tirar porque deu tudo? Leva-se em conta a palavra de desconforto, que mais traduz um queixume do que uma blasfemia, e ninguem quer ouvir a prece e o hosanna com que se

resgata o momento de fraqueza em que se não pôde esconder o pranto.

Almas ignaras e hypocritas, ha mais peccaminosa torpeza em vossas ignobeis murmurações, do que em todas as culpas em que possam incorrer os espiritos illuminados! Os reptis, como vós sois, nunca se erguem da terra; a aguia, se desce, levanta-se, e remonta vôos tão altos, que a pouca luz de vossos olhos não póde acompanhar.

Continuemos:

Dramas: *Agostinho de Ceuta—Marques de Torres Novas—Justiça—Purgatorio e Paraiso—Poesia e dinheiro—O ultimo acto—Vingança—Consciencia.*— A mais fina essencia da dôr, do sentimento e da philosofia está compendiada ahi n'esses admiraveis quadros dramaticos, que são gloria do nosso theatro, e que teem tido a sagração de tantas lagrimas sentidas.

Comedias—*O morgado de Fafe em Lisboa—O morgado de Fafe amoroso*, a ultima expressão da boa graça portugueza, da que se não contenta com sorrisos, da que desafivelaria os labios do proprio Heraclito, da que exige a franca e estrepitosa gargalhada provinciana.

Versos:—*Juizo final*, poema. Tinha o seu auctor quinze annos quando escrevia um poema, e um poema com o titulo de *Juizo final! Inspirações—Duas epochas da vida:* muito amor na primeira, muita uncção religiosa na segunda.

Um livro... Um livro! O titulo não diz nada á força de dizer tudo. Que pensamento dominaria o au-

ctor quando assim baptisava a sua obra? Seria o espirito da vaidade ou do orgulho que entendera haver escripto o *livro* por excellencia nos versos que dava ao mundo? Seria antes phantasia de poeta que deixava no indefinido o que era talvez indefinivel? É certo que o mysterioso tem a attracção irresistivel do espirito; é certo que a vontade se prende ao desconhecido; é certo que a phantasia se compraz de se demorar no enigma.

Estas mesmas reflexões faziamos nós estudantes de Coimbra quando em 1855 se nos annunciou pela primeira vez *Um livro* de Camillo Castello Branco.

A Coimbra d'aquelle tempo era toda academica e galhofeira: tinha violas e cantos em noites de luar e vesperas de feriado. O jardim, a ponte, o encanamento, o Penedo da Saudade, as barcas do formoso rio sabiam de cór as canções alegres e os mimosos conceitos d'aquella mocidade viçosa, d'onde irradiava luz, esperança, primavera. Vida ruidosa, folgada, febricitante. Enxame que na manhã da existencia se condensava zumbindo em torno aos festivos alecrineiros antes de se dirigir ao cilhal para as laborações serias do futuro.

Hoje o aspecto da feiticeira do Mondego é pensativo e serio; a mocidade, bem outra do que fôra, é hoje luxuosa e sabia. A primavera perdeu ali os seus direitos de cidade e refugiou-se com os rouxinoes nas engrinaldadas margens do rio amante. A canção passa ao largo, timorata e esquiva, não ousando perturbar a austeridade ascetica da camponeza que se fez senhora. A dicção portugueza e chã d'aquellas eras, é taxada

de *plebeia* depois que a fidalguia allemã veio enxertar-se no intellecto da nossa mocidade esperançosa. Não sei bem se ella nos entende; sei que nem sempre nós a comprehendemos. Era d'outra feição a nossa indole; fez-se por outro caminho a nossa educação. A planta é por ora exotica; a acclimatação ha de ser difficil. E trar-nos-ha ella taes proveitos que nos pague os sacrificios e as despezas que reclama?

O futuro dirá quaes são os *getas*, e dará a corôa de *Ovidio* a quem a merecer.

Recebemos *Um livro* de Camillo Castello Branco no meio de fervidos enthusiasmos. Não foi o espirito frio e allemão que o recebeu para o dessecar e estudar sobre a mesa anatomica da academia: foi o coração jubiloso, foi a esperança enthusiasta, foi o espirito que antegostava manjares d'uma iguaria litteraria que tinha por fiador e abonador um nome que nos era gloria e auctoridade.

Juntamo-nos eu e meus companheiros em convivio fraternal; unificamos as nossas attenções; fizemos a leitura em commum, e applaudimos unisonos e unanimes cada estrofe, cada canto, cada verso e cada conceito.

Transcrever aqui os trechos que mais nos impressionaram fôra tarefa prolixa e improveitosa. O *livro* é tão repassado de melancholias que n'um momento os nossos rostos imberbes assumiram as tintas d'aquella tristesa suave que formam o seu fundo e o seu tom caracteristico. Estavamos identificados com o poeta. A isso nos convidava a primeira estrofe do poema:

Soledade, triste amiga,
vim buscar nos teus affagos
suavidade á minha cruz;
dá-me aquelles sonhos vagos,
aquellas crenças ditosas,
em que a alma folga e espera
paz e amor, esp'rança e luz.

Era um coração que se nos apresentava triste: foi-nos bemvindo assim.

Começava a narração dos suaves amores do poeta; amores entrelaçados de açucenas e saudades, de innocencias e amarguras.

Um dia a creança troca as margens do Tejo e as caricias infantis da sua Amelia por

. . . . . agras montanhas
onde a torva natureza
não tem galas nem poesia,
onde é triste a primavera
sem aromas nem verdores,
onde o sol calcina a rocha,
e não deixa ao prado flores.

Encontra ahi um perdido que tenta contagiar-lhe a alma da lepra do cynismo que o devora. O seu credo é de horror; a sua historia, de precito. Despenhado de crime em crime, volta este filho de Satanaz á casa de seus maiores, toma de surpreza nas trevas da noite a desprevenida esposa, e paga-lhe o adulterio com a morte.

O dia que segue esta horrorosa noite accorda assim (que contraste!)

A aurora tinge o horisonte;
arraia os visos do monte
indecisa, frouxa luz.
Some a lua a fronte livida
no branco véo da manhã;
em redor tinge-se o disco
da rubra côr da romã;
ligeira nevoa se estende
ao correr das mansas aguas,
como um véo de tristes magoas
em rosto ha pouco risonho.
Começa ao longe o murmurio
do lavrador que sauda
a luz da aurora, que o chama
nas fendas do seu tugurio.
. . . . . .

Como é santo este silencio
d'um formoso amanhecer!
Tudo aqui nos diz que a infancia
é como a aurora a nascer:
primeiro a luz sem ardores,
a luz do amor sem paixões;
depois o sol e os amores,
como o sol, abrasadores
de sedentas commoções.

Haverá mais formosa e mais amena descripção? Vê-se, sente-se o desabrochar, o florir, o referver da vida!

Ouvide além na outra margem
o cantar da pastorinha
. . . . . .
. . . . . .
Sentada sobre o restolho,
velando inquieto novilho,
cinge na folha do milho
flores agrestes, que afaga.
Em que amor ella divaga,
dil-o a innocencia da flor,
do malmequer que lhe ensina
segredos do seu amor.

Onde ha ahi por esses livros fallados, mais campesino sabor de singelezas bucolicas?! Deixae-me extasiar diante d'esta estrofe!

Que dirá d'esta *plebeiasinha* a sabia fidalguia allemã?

Mancebos da nova escola, vale mais esta esteira de restolho e esta fitinha de milho, do que todos os vossos *subjectivos* desdenhosos, e do que todas as vossas estheticas pretenciosas.

Ainda ha pouco eu respondia aos pequenos espiritos que pretendem comprehender o que julgam contradicções do poeta: aqui tenho melhor resposta, e é de vêr como de repente o Béranger se apresenta Victor Hugo:

Pergunta o mundo ao poeta:
—como, tão cedo, está morto
quem, ha pouco, amanheceu?—
E pergunta o poeta ao mundo:
—como póde o humilde tojo,
que nasce e vive de rojo,
vêr o raio que fendeu
o cimo d'alto cipreste?—

Não posso furtar-me o prazer de copiar aqui uma descripção que póde servir de modelo aos mais esmerados descriptores:

. . . . . Um dia
o relampago accendia
roxas lavas pelo espaço;
ao longe, o ecco bramia
do trovão repercutido
d'horisonte a horisonte,
que prendia um igneo traço.
Pela garganta profunda
ruge a torrente, que innunda
cavernosos barrocaes.
Estala o sobro da encosta
que, soberbo, a furia arrosta
dos infrenes vendavaes.
E eu senti-me penetrado
d'um terror santo. E chorava,
e, de mãos postas, orava.
Vi, no céo, cruzarem fitas

d'abrasada vibração;
um triangulo de fogo
vi crispar na cerração,
resvalar no dorso á fraga,
reduzir a fraga a pó.
E soltei um grito!
Um riso
respondeu ao meu pavor!..
Ólho... e um vulto ali diviso,
sobre a rocha, estatua em pé!
Soberbo, encara a tormenta,
que vem rugir-lhe ao sopé!

Ou a minha competencia em coisas de poesia é ainda inferior ao pouquissimo em que a tenho, ou este esboço é sublime e bello como é arrojada a fantasia que o criou, e a mão que lhe acertou os traços.

Transcrevi mais que o meu dever; menos porém, muito menos que o meu desejo.

A definir o que seja a obra não ajuda mais o contexto do que o titulo.

Um livro é... um poema truncado... um ramilhete de poemas indecisos, vagos, mysteriosos, esboçados a traços incompletos... ás vezes não principiados... ás vezes não acabados. Ais que se não puderam abafar; lamentos que se completam n'um riso de ironia; preces que terminam em blasfemia; sarcasmo que se apaga em lagrimas.

Um livro é a carteira de viagem em que o poeta lançou a esmo, na primeira folha em que a abriu, as

notas soltas dos seus sentimentos mais intimos, das penas e dos trabalhos da piedosa romaria do coração.

Um livro é a fixação dos marcos miliarios no caminho do martyrio que só os eleitos conhecem; especie de *via-sacra* onde o poeta volta de tempo a tempo sosinho com as suas reminiscencias beijar as pedras onde cahiu, e regar com lagrimas as saudades que semeou limpar e pronunciar baixinho para si o nome ou a legenda que deixou gravada no pedestal de cada cruz.

Ó romagem da saudade! Que religioso culto não deves tu á poesia!... E morto o crente devoto, apagam-se os vestigios de seus joelhos e as luzes de suas lagrimas! mirram-se as saudades, desabam-se as cruzes, e voltam-se para a terra as legendas de seus pedestaes! Os labios, que podiam contar e recompor a historia de cada estação, perderam-se no abysmo do sepulchro!

Fica *Um livro*, roteiro incompleto para todos, mysterio amavel para muitos, cofre de reliquias sagradas e de saudades selectas para bem poucos!

Um livro! indice do coração do poeta, rosario que tens *contas* de lagrimas, *mysterios* de dôres, e em cujo remate offerece o abraço cadaverico a cruz do martyrio! com que poetica devoção eu te compulsei na minha adolescencia, decorei as tuas preces, e me entristeci com as tuas amarguras! Chegou o momento de te pagar o tributo do meu preito sincero: é modesto, mas pertence-te. Tu pagas-me eternisando-me.

Quando o nome glorioso do teu auctor passar da vida á immortalidade, ficarás tu aureolando a sua

querida memoria, como a corôa de perpetuas, o moimento.

És cofre, serás urna. És hymno, serás epitaphio.

Camillo: Já vê; escrevi de si o menos que podia; menos, muito menos do que devia.

Não o colloco abaixo nem a cima de pessoa alguma: não o quiz comparar. O logar que lhe pertence na hierarchia litteraria não é nem póde ser mercê de ninguem. A liturgia pára onde começam as legitimas conquistas. O que o seu talento lhe ganhou, é seu por direito proprio. Negar-lh'o é um crime; offerecer-lh'o uma indelicadeza.

Sei que *Um livro* não é a sua obra predilecta; acusa-lhe muitos defeitos, e alguns terá; mas eu não vejo n'elle senão o muito que lhe quero.

Consinta pois que no principio ou no fim da terceira edição fique n'elle o meu nome subscrevendo este singelo documento da muita admiração e amizade que lhe consagra

Lisboa, 8 de Setembro
de 1865.

THOMAZ RIBEIRO.

I

Soledade, triste amiga,
vim buscar nos teus affagos
suavidade á minha cruz;
dá-me aquelles sonhos vagos,
aquellas crenças ditosas
em que a alma folga, e espera,
paz e amor, esp'rança e luz.

Paz! se o mundo bem soubera
a que bens ella conduz!...
Amor!... aspiração, gloria,
que dilata o coração!
Esp'rança!... luz transitoria,
que nos mostra, a furto, o céo!...

Luz ideal de tantas cores,
reflectida em tantas flores,
grinaldas d'anjos, e amores,
mil poemas, n'um instante,
abrangendo o infindo espaço
d'aquellas magoas de Tasso,
das fantasias de Dante!

*

Solidão! grato remanso,
onde eu vim, do mar irado,
como naufrago, cansado,
recostar-me em teu abrigo,
ai! não digas teu segredo
aos que soffrem. N'este mundo,
n'este inhospito degredo,
quem não soffre? Tenho medo,
que te amem quanto eu amo,
que me roubem teu carinho!
Sê tu minha; que eu, sósinho,
como a ave, que além canta,
dou-te um altar no coração;
cantarei na harpa santa,
ao Senhor votada, o hymno,
que me influes, oh solidão!

*

Sinto ainda enlevos d'alma,

que pensei já não sentia.
Vivo ainda; arfam-me o seio
enlevos d'alta poesia.
Vai-se-me a vista alheada
por ceruleos horisontes;
diviso imagens celestes,
quando o murmurio das fontes,
que, Senhor, ás varzeas déstes,
não sei que fallas murmura...
Tristes... sim; mas que doçura
n'esta sombria tristeza!...
Perde-se alma, de encantada,
n'esses silencios, quebrados
pelos cantos afinados
na lyra d'anjos aéreos;
vai a alma onde os mysterios
do sentimento se escondem.

*

Esses, do mundo que sondem
os mil segredos d'aqui...
Não sabem, não, que delicias
Deus reserva aos desgraçados,
se lhes dá ermos e prados
a vicejar e florir,
a noite e o luar, e a fonte,
selva escura e horisonte
que ensina a amar e sentir.

Não peço gosos ao mundo,
não perturbo o seu festim;
dei-lhe da alma um thesouro
d'illusões, que mundos d'ouro
já não podem dar-me a mim.
Em recompensa, se posso
pedir pobre galardão,
dêem-me goso innocente,
que não valha a inveja ardente
d'alguma estranha ambição.
Deixem-me o ermo, e as galas,
que não tem valor nas salas,
onde a ventura delira;
deixem-me o céo e as estrellas,
e do estio as noites bellas,
quando a saudade suspira.
Deixem-me as tardes saudosas,
em que as auras sonorosas
são como a dôr que respira.
Deixem-me esta fé que sinto
renascer d'um pó extincto...
Deixem-me a crença e a lyra.

*

Aqui, desdobram-se as scenas
da longa vida do homem,
que folgar-se póde, um instante,
do combate excruciante
de paixões contrariadas.

Vêem-se os quadros diversos
no pó das crenças dispersos,
crenças perdidas... choradas!
Lembram-se instantes ditosos,
precursores do tormento,
que instilara o desalento,
em peçonha ao coração.
Mas que saudosas chimeras
me reluz a fantasia!
E que instantanea alegria
me não abre esta illusão!

Lá vem as sombras malditas
que o meu passado escurecem...
Embora venham, que ao menos,
as fibras d'alma estremecem...
E' que as paixões, os venenos
que eu traguei quando as senti,
laceraram-me entre angustias
de infernado phrenesi.

*

Flores, vós ereis o encanto
dos meus anhelos d'infancia,
como o symbolo adorado
d'alto amor predestinado.
Horas e horas de enlevo,
horas d'amor esquecidas,
a nomorar-vos passei.

Eu tinha uma, que amei,
rosa de folhas tingidas
pelo nácar do pudor.
Era minha, e não viessem
disputar-me a pobre flor . . .
Choraria, se quizessem,
mas perdel-a . . .
Ai ! . . . que eu perdi-a ! . . .
Do nordeste o sopro, um dia,
perpassou por ella, e a triste,
pallida já dos ardores,
nem já linda era nas cores,
nem, por meu pranto regada,
erguera a fronte queimada,
nem, por meus labios quecida,
sentira o éther da vida . . .
Morreu ! . . . de rojo, levou-m'a
vento do inferno, e não sei,
se outra mais bella, tão bella,
como foi gentil aquella,
n'este mundo encontrarei ! . . .

*

Rosa d'amor, e do pranto,
por quem senti viva ancia,
flor, tu eras o encanto
dos meus anhelos d'infancia !

*

Os anjos amam as flores.

Na terra um anjo vivia:
era mulher pelas dores,
que, fundas n'alma, sentia.
no mais, não era, não tinha
n'este mundo cousa sua.
Mysterios d'alma sabia
decifral-os nas estrellas,
e na solitaria lua.
Sempre extatica, sorria,
quando um cherubim de sonhos
d'entre nuvens luminosas
com grinaldas lhe acenava.
Eram momentos risonhos;
mas as noites tormentosas
da vida d'ella!.. que vida!
Eu vi-a quasi transida
n'aquella peleja cruel.
O calix intransitivo
não tinha gota de fel.
Na fronte humida do transe
resplendia luz do empyreo,
luz divina do laurel,
premio e pompa do martyrio.
E nas mãos lividas, alvas
uma camelia sustinha.
Poucas lagrimas chorava,
que poucas lagrimas tinha...
E as extremas derramou-as,
horas antes da agonia,
nas caras flores... Deixou-as,

quando o espirito espedia.
A mão, que os olhos cerrára
á martyr desconhecida,
nas mãos d'ella entrelaçára
as confidentes da vida,
as suas queridas flores,
os seus primeiros amores,
e derradeiros tambem.

*

Nem as lagrimas de mãe
quebram os sellos da lousa?...

*

Oh tão ditosa, repousa!
Começas hoje a viver...
Onde estás? a qual estrella
te subiu a tua cruz?
Na terra chamei-te bella,
No céo és anjo de luz.
E aquelles sons divinos
dos teus angelicos hymnos,
que santificavam a dor?
Esses são da terra ainda.
Voejaste, ó pomba linda;
mas deixaste aqui algumas
d'aquellas argenteas plumas
das azas do teu amor.

Flor, tu eras o encanto
dos meus anhelos d'infancia!
O teu prestigio era santo
para mim, que via o immenso
no mar, no bosque, nos céos.
E tu eras, flor, o incenso,
perfumando, em mãos sem mancha,
a magestade de Deus.
Alvas roupagens vestia
o meu lirio, côr do archanjo
das singelas poesias.
Hoje, sim, vejo quão doce
e arrobada fantasia
Deus concede á innocencia!
Ai! venturosa demencia
a dos meus sonhos pueris!
Cousas, que eu via nas flores,
fadas, archanjos, e amores,
o homem-feito não diz!
N'esta idade, o lirio é pallido,
veste da côr da tristeza;
não podem olhos que choram
vêr as galas que decoram
a formosa natureza.

A arte mata a poesia;
a razão mata a innocencia;
a luz que o prisma alumia,
no viço d'alma infantil,
é clarão d'instantes breves,

como a flor d'um dia só:
de manhã, galas d'abril,
e á noite, murcha no pó!

*

Este amor da minha infancia
profetava o máo destino
das almas apaixonadas.
Primeiras notas do hymno
de tristes notas choradas,
aquelle amor eram dores
preságas d'isto que sou;
era a previsão do abysmo
onde maneatado vou.
Era, em labios de creança,
balbuciante expressão;
era o sorrir de esperança,
desmentido pelo pranto
da esvaecida illusão.
Era tudo... ou era nada...
Era a flor, o mago encanto
dos meus anhelos d'infancia.
Era aquella infantil ancia
de esposar, n'uma affeição,
tudo que é bello, que é santo,
tudo que é luz radiosa,
e exalta a alma anciosa
no arrobo da aspiração.

*

Saudade meiga, transporta
a pobre alma abatida
aos jardins, que a minha vida
perfumaram de illusões.
Dá-me instantes de innocencia,
tão rica alfaia perdida!
Que eu dispa as honras fallazes
d'esta mentida sciencia,
filha dos gelos eternos
da álgida e torva razão.
Dá-me os dislates da infancia,
dou-te por elles as pompas
d'esta vaidosa ambição,
que rasga o véo dos mysterios,
sonda os abysmos aereos,
abre as entranhas da terra,
como quem abre um sepulcro,
onde sepulta a illusão.

II

Bem hajas, melancolia! ...
Envolve a harpa das dores
com teu crepe funeral.
Fôra perfida a alegria,
Mentira inutil no rosto,
quando, o peito vara o gume
d'infame e hervado punhal.
Nem o livido desgosto
d'um sorriso se irradia,
sem que o aspeito da desgraça
se transverta em ironia.

*

Vem, amiga! tens dôçuras
no teu fel; é d'ouro a taça

em que dás o teu veneno.
Voluntario, me condemno
a ser teu. Em ti, tristeza,
como n'um crysol de dores,
perde a alma a impuresa
dos regalos seductores.
E' que a dôr nos aproxima
da justiça omnipotente,
como quem invia acima,
ao throno da divindade,
os clamores da orfandade,
desamparada, indigente.

*

Mãe, eu era inda creança,
já te não vi: morta eras!
buscou-te amor, e esperança,
e o coração que me deras.
Com que fé eu te pedia
um carinho maternal,
pois, na terra, eu não sabia
quanto um doce affago val!
E eram mudas as estrellas,
mudo o altar, e a solidão;
mas eu tinha imagens bellas,
tão formosas... mais que ellas,
no meu céo do coração.
Essas, sim, diziam muito,
em teu nome... Adivinhei

os prantos que tu choraste,
pelos prantos que chorei.
D'ellas soube o longo drama
da tua breve existencia.
Vi que intensa fôra a flamma
que queimou tua innocencia.
Vi o eculeo de tormentos,
que teus labios macilentos
oscularam, na agonia.
Vi desses labios o fogo,
sentil-o pude, tambem,
sobre meus labios, na hora,
em que a morte se demora,
respeitando a dor de mãe.

*

Descei dos olhos meus, lagrimas tristes;
Se o arido infortunio o pranto enxuga,
foi grande a angustia, e a filial saudade,
que o pranto me esmolou.
Deixai-me vêr, Senhor, a imagem d'ella,
que o sangue, derramado em seu caminho,
eu pude ainda vêr, como um vestigio
da martyr que passou.

Descei dos olhos meus, lagrimas tristes!
perdi o amparo, o amor, e o pão da alma;
deixei meu coração, livre, sem guia,
os abysmos sondar.

Nas horas lancinantes do remorso,
á beira de fataes desfiladeiros,
pedi ao céo que a mão da mãe finada
descesse a me salvar.

Descei dos olhos meus, lagrimas tristes!
Ferventes orações meus labios mandem
ao throno do meu Deus, onde o martyrio
recebe galardão.
Meu anjo valedor, mãe, se me escutas,
se, espirito invisivel, vens, no ermo,
o pranto abençoar do pobre filho,
ai! dá-me um coração!

Descei dos olhos meus, lagrimas tristes!
Sem ti, pomba d'amor, não sei librar-me
nos espaços da fé, onde a virtude
exalça os vôos seus.
Ai! dá-me um coração! lava-lhe as nodoas,
desata-lhe as algemas, que o prendem
ás baixezas da terra, que não póde
servir o mundo e Deus!

*

Eu vi os lucidos raios
da minha aurora d'amor,
quando apenas concebia
n'este mundo uma só dor.
A orfandade julguei-a

a desventura suprema,
quando vi solver a morte
o insondavel problema
d'esta existencia d'um dia.
Férvidas crenças sentia,
quando ao silencio das campas
meu destino interrogava.
O cypreste murmurava
lugubres sons d'um gemido,
que me deixava transido
de pavor sagrado e estranho.
Já me disseram que a morte
interpõe immenso espaço
entre filho e mãe, partindo
d'este amor immenso o laço.
A SCIENCIA o diz! Sciencia!
manto de ouropeis bordado,
dourada joia do orgulho,
não dás nada ao desgraçado!
Pões em gélida indigencia
o coração, despojado
dos crentes dons da innocencia!

*

Vi dilucidar-se a alva
da minha aurora d'amor,
quando uns dobres a finados
me coavam frio horror.

Incendida em viva fragoa,
anciava affectos minh'alma
como a gazela sedenta
arde, e anceia gota d'agua.

Só no mundo! A consciencia,
vigilante, noite e dia,
acordada desmentia
aureos sonhos d'innocencia.
E foi ella, que, tão cedo,
ensinando-me o segredo
dos thesouros da paixão,
me accendeu no pensamento,
o precoce sentimento
que insinua ao coração
venenos que lhe consomem
o melhor sangue. Depois,
a creança, feita homem,
pela desgraça, aspirava
sensações intempestivas.
E, sósinha, ella anhelava
abrasar-se em chammas vivas,
embora fossem do gladio
do archanjo do Senhor,
que defende o paraizo...
Mais que o anjo póde o amor.

*

Vi dilucidar-se a alva

da minha aurora d'amor.
O meu ar fez-se um pó d'ouro
em que scintillavam lumes,
como espiritos e numes,
que velavam o thesouro
d'aquella imagem, tão minha!
E ella passava, rainha
d'aquelle mundo infinito,
que na fantasia eu tinha.
E eu, desde a terra, proscripto,
lhe mendigava uma estrella,
onde, humilde escravo d'ella,
espirasse o ar e a vida,
d'um mundo todo ideal.

*

A' noite, á beira do Tejo,
no esplendido crystal
d'aquellas ondas dormentes,
pascia a vista encantada
pela visão, que não via.
Suspensa a alma, alheada,
no alvoroço da alegria,
não sei que mysticas vozes
d'eólias harpas ouvia.

*

Amelia, a filha dos sonhos,

a rival dos anjos, vinha
povoando aquelles mundos
para mim, que mundos tinha,
no coração, para dar-lh'os,
e não ousava offertar-lh'os,
nem como escravo humilhado,
nem como rei de mil thronos
no coração escondidos,
conquistados pelo genio,
só ao genio concedidos.

*

Como aquelle amor nascera,
tenho uma vaga lembrança...
Da lua um raio descera,
e, d'improviso, illumina
as feições emaciadas
d'um anjo que, por magia,
suas azas convertia
nas cabaias alvejantes
com que, virgem, se vestia.
Que mulher, Deus, que mulher!
Moça, tão moça, e menina,
os seus segredos, se os tinha,
nem a arte os adivinha
quando sondal-os quizer.
Mas a tristeza! ... o que era
aquella nuvem sombria,
triste presagio de dores,

*

que esmaiava o sol, e as flores
da tão linda primavera ?!
Orfan não é... que eu sei bem
aquella dor... se ella a tem,
adivinhar e sentir.
Amimada e estremecida
da mais carinhosa mãe;
das mais creanças inveja;
farta dos gosos da vida,
que o ouro a froixo lhe dá...
se aquella alma deseja,
que desejos sentirá?!

*

Amor! impulso vibrado
pela mão, que rege o espaço,
e marcou ao sol um traço,
como ás leis do coração!
Amor! inteira existencia,
sol da alma, que termina,
breve, à noite da innocencia!
Amor! sorriso dos anjos,
que vem no berço sorrir,
e sobre a campa chorar!
Amor! ditosa tristeza
numen santo, cuja palma
é a propria dor da alma,
consagrada ao seu martyrio!
Amor! enlêvo, delirio

que dás alma e harmonia
aos transportes da poesia,
que perfuma terra e céos!
Amor! scintilla de Deus,
que prende o homem, restricto
na estreiteza dos gosos,
ás regiões do infinito!
Amor! . . . . . .

*

Amelia, esqueceste
aquellas noites do Tejo,
quando vinha dar-te um beijo
a brisa, que te dizia
o que não dizia o pejo?
Em redor de nós viviam
vida diversa da nossa
teus irmãos e mãe, que viam
em nosso amor um gracejo.
É que não viam no espaço,
onde a poesia fluctua,
duas almas n'um desejo,
presas por intimo laço,
aos raios d'ouro da lua.
Para elles a tristeza
d'esses momentos ditosos,
e de teus olhos formosos
a pupilla, humida sempre,
era a indole mimosa

de mimosa compleição;
era a infancia acarinhada,
contristada, sem razão;
era um enfado sem causa,
sensação indefinivel,
excesso d'alma sensivel,
mas, amor... ai! tanto não!
E quem diria, querida,
na manhã de minha vida,
quem diria os mil poemas
nas alvoradas da infancia
d'aquella extatica ancia?
Se nos vissem sós... recordas?...
N'aquelles dias tão breves,
em que te eu disse... que disse?...
Palavras, não, que não pude,
por mais que á alma pedisse,
dizer que era então amar-te!
Ai! que mysterio profundo,
n'aquelle erguer-me tão alto
das coisas baixas do mundo!

*

Onde existes, vago mytho
d'aquelle culto sagrado?
Busca-te a alma anciosa,
e não te encontra, oh formosa
sombra do amor infinito!
Amelia, sonho, acordado

pela desgraça estrondosa,
não sei se vives... Perdi-te
quando a mão impetuosa
da desventura imperiosa
longe de ti me levou.

*

Das scismadoras montanhas,
nos crepusculos de agosto
que saudades tamanhas
te mandei, chorando, Amelia,
pela andorinha, ao sol posto,
quando a via volitando
e altos serros trasmontando
para os céos que eram os teus!...
De cá, saudei-te nas auras,
que teu nome murmuravam;
mas estas auras não eram
ao que, no Tejo beijavam
teus labios virgens d'um beijo.
Além, n'um throno de nuvens,
inda, qual eras, te vejo
pelo prisma da saudade.
Tens na fronte um diadema,
anjos te entrançam capellas,
a teus pés fulgem estrellas,
és divindade.....

Que importa

a fantasia risonha,
que o pincel dá ardente alma
traçou nos céos para ti?
Quem me diz que não és morta?
Quem me diz que a tua palma
foi a desgraça, a vergonha?

III

Vivi por agras montanhas
onde a torva natureza
não tem galas nem poesia;
onde é triste a primavera,
sem aromas nem verdores;
onde o sol calcina a rocha
e não deixa ao prado flores;
onde o inverno se contorce
em vulcões de ventania,
e, ruindo sobre a espalda
d'aquellas serras cinzentas
onde a custo alveja o dia,
com bramido pavoroso,
genio infernal das tormentas.

Dei uns longes da agonia
da terra ao nada volvida.
E vim das margens do Tejo
na aurora da minha vida
desterrado para alli.
Pela desgraça proscripto,
deram-me um solo maldito,
onde o amor santo e infinito
da minha infancia chorei.
Em ternos annos, ao peso
da vida ingrata verguei.
Olhei, com ira e despreso,
esta providencia occùlta
que a blasfema piedade
piedosamente insulta,
quando diz ao innocente,
sem mancha na sua vida,
que a desgraça é providente,
da Providencia nascida!...

.....

*

Quando, eu, tão triste, buscava,
O linimento das penas,
que nos muda escuras scenas
pelas que a fé illumina,
e nos converte em doçura,
de resignação na dor;
via-te, anjo d'amargura,

colorir um falso amor
ao teu forçado destino.
Altivez, genio, hombridade,
Coração e mocidade,
Tudo victimado a um lance!...

. . . . . .

Ó Moloc! ó falsa honra,
quantas martyres se matam
em tuas aras assim?
Quantas dos olhos desatam
aquelles prantos de sangue
para choral-os sem fim?
Quantas morrem de abafal-as
as lagrimas que injuriamos?
E podeste suffocal-as!..
E com sereno semblante,
d'agonia acerba estalas
sem que um gemido offegante
desprendas do coração?
Que vida a tua, que vida!
Que perpetua solidão!
Se te resgatas, suicida,
quem te negará perdão?!
Porque vais ao cemiterio
n'altas horas do mysterio
fitar os olhos na cruz...
Porque perguntas ás sombras
que estremecem, se vasqueja
aquella pallida luz
do lampadario suspenso

na capella de Jesus...
Porque perguntas, oh triste
se o repouso é irrisão?

*

– Ouvide um hymno, e só esse
diz o profundo segredo
d'aquella immensa afflicção.
As correntes do degredo
parte-as, um instante, a agonia,
quando a alma, fraca um dia,
segue, forçada, a expansão.
Aquelle canto sem nome,
canto sem ecco, e perdido,
de amargas notas, quebradas
no soluçar d'um gemido,
é doce, e amargo lembrar:

*

Passo aqui tardes, sósinha
n'estas rochas calcinadas
A scismar.
N'alma sinto as fundas maguas,
ao murmurio d'estas aguas,
suspirar.

Quando assim me vejo triste
d'um penar d'intima pena,
choro, então...

Que eu não amo a natureza,
quando traja só tristeza,
na soidão.

Amo-a, sim, embalsamada
dos perfumes, que lhe aspira
a alma em paz.
Mas, se a dôr punge, de aguda,
esta natureza muda
não me apraz.

Sei que a dor tem desafogo
no alaude, terno amigo,
tão fiel.
Faço trovas, mas as trovas
são amargas, duras provas
de agro fél.

*

Em tardes de saudade amargurada
ao pé do anoitecer,
eu venho aqui, viuva abandonada,
viuva d'uma crença requeimada
n'um triste amanhecer...

Aqui na solidão, arfa-me o peito,
aspira immenso ar!
Careço para a dor um vasto leito,
não posso respirar no asylo estreito,
onde é força calar.

Amargas, n'estes ermos, eu chorava
as lagrimas um dia.
Busquei repouso aqui... ai! se buscava...
Em vão, no peito, a dor acalentava,
em vão... que não dormia.

Hoje choro tambem... Foi-se a ventura
nos annos que perdi.
Já morto o que é *sentir*, vive a amargura...
É tempo de morrer... Ó sepultura,
em ti, espero em ti!

Debalde, intima voz me diz na alma:
"silencio! ignobil dôr!"
É martyr a mulher, martyr sem palma!..
De que serve a mudez, se não lhe acalma
o destino oppressor?

Ha no seu coração tanta harmonia
em tudo que é amar!
Em tudo vê florir tanta poesia...
Em tudo... mas, aqui, a fantasia
suicida-se a scismar!

Que é pena vêl-a escrava da mentira
em nome da rasão!
É pena ver-lhe inutil quanto aspira
na infancia, quando a alma arde e delira
por tudo que é paixão!..

. . . . . .

De que serviu este pranto?
Ouviu-me algum n'esta dôr?
Quem se dóe da occulta lagrima
chorada sobre uma flôr?

No desamparo da vida
os tormentos são assim...
Dobra-se a elles quem soffre,
como ao vento este jasmim!..

Eu, solitaria, não tive
consolação em chorar...
Sou bonina d'entre campas...
Quem vem ás campas chorar?

Como a flôr, eu pendo a fronte
á luz ardente do céo,
e, depois, cinza, me junto
ás cinzas do mausoleu.

Flôr da morte! não resurges,
quando te orvalha a manhan!
Para ti... morte perpetua...
Para mim... esp'rança van!..

O meu destino... cumpriu-se...
Tive-o no berço... este foi...
Não é d'hoje a farpa hervada,
que no peito acerba dóe!

Ao regaço da innocencia,
vós me enviastes, Senhor,
uns sonhos que me pintaram
estes infernos de dor...
. . . . . .

IV

Quando a saudade sombria
me dava azas, e eu ia
á minha terra natal,
e de lá, triste, volvia
áquellas ermas montanhas,
uns labios desconhecidos
estas vozes me disseram:
"Chora e espera, que estas dores
nem tão fundas, nem tamanhas
são como outras que te esperam
onde vês em tudo flores.
Não vás lá. Diz-te um mendigo
que não vás!.. A toda a parte
a desgraça irá comtigo.

Esperanças podem dar-te
uma illusão de momento;
mas o algoz, o inimigo
vai comtigo... o pensamento.
Que não vás, diz-te um mendigo
pela esmola, que lhe dás.
Não te deshonre este amigo...
A desgraça irá comtigo
a toda a parte, que vás."
Quem era este homem? Mysterio
para a condoída mão,
que respeitosa, lhe dava
pedida esmola de pão.

Quem era este homem? Fallava
como falla a inspiração.
Tinha momentos sublimes
de impressiva exaltação.
Revelava infames crimes,
mas não diz se d'elle são.
Quem era este homem? Se ria,
eram sinistras risadas;
o rosto pallido, exangue,
de rubor de vivo sangue,
de improviso, se tingia.
E, nos olhos coruscantes
de sangue, e odio e furor...
não sei que medo que horror
aquelle olhar incutia!
Quem era este homem?

Um dia,
o relampago accendia
roixas lavas pelo espaço;
ao longe, o ecco bramia
do trovão repercutido
d'horisonte a horisonte,
que prendia um igneo traço.
Pela garganta profunda
ruge a torrente, que inunda
cavernosos barrocaes.
Estala o sobro da encosta,
que, soberbo, a furia arrosta
dos infrenes vendavaes.
E eu senti-me penetrado
d'um terror santo. E chorava,
e de mãos postas, orava.
Vi, no céo, cruzarem fitas
de abrasada vibração.
Um triangulo de fogo
vi crispar na cerração,
resvalar no dorso á fraga,
reduzir a fraga a pó.
E soltei um grito!
Um riso
respondeu ao meu pavor!...
Ólho... e um vulto, alli, diviso
sobre a rocha, estatua em pé!
Soberbo, encara a tormenta,
que vem rugir-lhe ao so-pé!
Quem assim zombando tenta

céo e inferno? Este valor,
quem lh'o dá? a grande fé?
Quem vos insulta ou adora?
Quem rir póde assim, Senhor?
É um justo, ou um precito?!
Justo ou demonio, quem é?

*

Obscuras existencias
arrastadas ahi vão,
gota a gota derramando
o sangue da punição.
Deus lhes deu em longo espaço,
vasto alento para a dor;
mas á dor marcou um traço,
um limite, áquem da morte.
Manda ser lenta a agonia;
faz que o homem seja forte,
quando um longo crime expia.
E á fatidica bravura,
com que o homem vê o abysmo
da tardia sepultura,
o mundo chama loucura,
impiedade, atheismo,
perversidade, cynismo!
Deus o quer!.. e o mundo exprime
a Providencia?.. talvez!..

Mas, se o goso anima o crime. . .
Providencia! . . tu que és?
. . . . . .
Magestoso na miseria,
tal tu eras, réo sublime
d'uma agonia suprema!
Ainda assim, não resolvias
da deshonra e da virtude
o lacerante problema.

V

Em berço d'ouro embalado,
este prodigio na dor
vira o céo da leda infancia
explendoroso d'amor.
Tudo em redor lhe sorria
crença, fé, amor, poesia;
tudo quanto anceia a alma,
de ideal, que o genio sonha,
na primavera risonha
da fantastica magia,
em que o amor, em flor, expande
perfumada sympathia.

Rico dos dons da fortuna,

bello e gentil como poucos,
em seus devaneios loucos,
sobejavam-lhe caricias.
Muitos anjos conspiravam
contra a sua isempção;
azas candidas voejavam,
e, na face, lhe tocavam,
por tocar-lhe o coração.
Era-lhe bem-quisto o incenso;
mas no extasis, suspenso,
em que vivia, não via
que nem sempre a poesia
é do amor a condição.

Lucinda, a filha ditosa
da belleza caprichosa,
com mais astucia que amor,
enlevou-lhe a fantasia.
Com a falsa pedraria
de um mentido pundonor,
vestiu-se aos olhos da crença,
deu-se um garbo seductor
de estudada indifferença,
de uma engenhosa reserva,
que, a não ser cansada a alma,
alma não ha, que resista,
que não queira, escrava e serva,
dar-lhe a vida como palma
da tão suave conquista.

Conquistara. A mão d'um joven,
que, na vida, amanheceu,
foi d'aquelle amor, sem alma,
o suspirado tropheu.
Foi!.. Que vale o throno d'hoje
ámanhã throno de dores?
Esconde espinhos pungentes
esse diadema de flores,
que cinge a fatua rainha
d'aquella alma, que tinha,
mais vasto espaço infinito
para infinitos amores.

*

Quando a voz da consciencia,
mestra amarga da innocencia,
diz ao mancebo captivo
que a bella quadra mudára...
Quando na sala, a lisonja
não lhe afaga o genio altivo,
como ha pouco porfiára
em disputar-lhe um carinho...
Quando o espirito cansado
de enlevar-se na belleza
da mulher, que quiz ser presa
áquelle poste dourado,
novas imagens sonhou...
surge a pallida tristeza,
irmã da triste suspeita.

Lucinda, bella e orgulhosa,
ao amor fogoso affeita,
sente, em breve, extincto o lume
d'essa paixão momentanea.
Queima-lhe a alma o ciume;
não póde crêr, que o enojo,
o regelado fastio,
tanta soberba de rojo
aos pés d'outra vá lançar.

*

Altiva, irada, não sabe
o insano orgulho humilhar.
Diz que o crime incita o crime,
e, na vingança, ha nobresa,
porque é nobresa vingar
uma affronta ao amor-proprio
com uma affronta á pureza,
que condemna a mulher debil
á desigualdade imposta
pelo mundo, e não prescripta
pelas leis da natureza.

Disse e viu tremer, no punho
do consorte allucinado,
um punhal, que o braço ousado
d'um irmão, no ar, sustem.
E ella, destemida, encara,
com despreso, a ponta aguda

d'aquelle ferro covarde.
A sorrir, olhava muda,
como a pungente ironia,
o odio fundo, que ardia
no furor, em que ella arde.

D'improviso, o rancor vence...
Nos brancos labios lhe freme
um cavernoso gemido.
Era d'alma um grito ardido,
o orgulho retrahido,
que respira pelos labios
do impudor, da vingança...
O que ella disse... era a morte...
Era o sepulchro, que avança,
onde a vida principia
a recolher no seu nada,
as illusões d'um só dia.
. . . . . .
. . . . . .

*

Desde esse instante cahira
ulcerado um coração
no desamparo, no abysmo
de incuravel perdição.
"Sou escravo!" elle exclama;
e respondia o cynismo
"És devasso!.. escravo, não!"

Pois sim, *devasso!*

E a deshonra
vestiu as galas manchadas
da torpeza, mas douradas
pela opulencia faustosa.
A aspiração generosa
desce do céo, onde fôra,
n'uma luz fascinadora,
do genio a aza crestar.
Cahe!.. na queda, a flôr esmaga
da derradeira affeição.
Não póde, ao menos, salvar
por si proprio uma affeição.
Dá-se em pabulo ao despreso,
quer o insulto, e a honra affronta,
e, se entre elle e a mulher fraca,
um braço d'homem encontra,
de sangue tinge o punhal.

*

Longe da terra natal,
d'onde o crime o expulsara,
em cada passo deixara
um vestigio deshonroso.
Francas as portas do goso,
em toda a parte, encontrou,
em quanto o ouro abundoso,
na concurrencia do vicio,

lhe dava a gloria no crime,
que avarento disputou.

Mas a nuvem da miseria
toldou-lhe o astro sinistro,
que lhe fadava as victorias.
O ouro, a arma das glorias,
que tão caras conquistou,
entre as mãos sentiu partida.
Profundo golpe na vida
de vermes já combalida
o desgraçado sentia!
Travou-se lucta cruenta:
d'um lado, a infamia sedenta,
d'outro, a miseria infallivel.
Mas a infamia reagiu;
fel-a a desgraça invencivel;
a consciencia algemou:
novo abysmo, em fundo abysmo,
aos pés do impio cavou.

*

Nos algares penhascosos
do Ladario, onde o terror
gela o peito ao caminheiro,
vêem-se cruzes, que pedem
orações ao passageiro.
Nas gargantas da montanha,
ha vestigios d'uma gruta,

e, em redor, a mata hirsuta
esconde a bôca do abysmo.
Dizem que, ha annos, vivera,
n'aquelle fosso profundo,
um açoute das vinganças,
que Deus suggere no mundo.
Dizem que, á hora do dia,
d'aquellas furnas surgia
sanguinario salteador;
e, talando as cruzilhadas,
com as joldas amestradas,
saciava em ouro e sangue
seu frenetico furor.

Dizem que o chefe nascera
de pais illustres, honrados,
depositarios d'um nome,
nome grande entre os maiores,
no brasão de seus passados;
que tivera, em verdes annos,
um amor louco, perdido,
sentimento repellido
pelos preceitos humanos,
que dão morte ao coração,
no casamento vendido.
Dizem que, longe da patria,
consumira immenso ouro,
e volvera á patria, pobre,
rico de infamia e desdouro.
Que perguntára se ainda

na terra um anjo vivia,
essa mulher que o perdera,
e, morta, mais o perdia...
Morta, sim!.. que a pobre amára,
nos trances do desconforto
um escravo... escravo!.. um morto
para o amor que ella sonhára
abençoado por Deus.

*

E, depois, balbuciara
uma pergunta, que as faces
de vergonha lhe incendia.
Fôra a resposta cruenta!
Pranto dos olhos rebenta,
pranto de raiva, se o ha...
Deshonrado! ultimo golpe,
que a desventura lhe dá...
E essa mulher... vive e gosa...
Sonha venturas... não sonha...
Não vê o gume d'um ferro,
que vem na nodoa affrontosa,
tingir de sangue a vergonha!..

VI

Alta noite, a lua explendida
no esmaltado azul fluctua.
Por entre os choupos, a restea
da melancholica lua
pratea as aguas do Tamega,
rio, que falla em saudades,
no seu soturno gemer.
Por entre a copa dos cedros
além, se vê nas vidraças
de magestoso edificio
da lua o brilho tremer.
Tremem as frondes da acacia
em ligeira vibração.
A brisa brinca no myrtho,

No rosmaninho oloroso,
róla, de leve, no chão
a murcha folha do lirio,
sorve um beijo sonoroso
na rosa esquiva em botão.

Meia noite. Alva roupagem
Entre os lilazes perpassa;
ao pé d'ella, a lua é baça
como a luz do lampadario,
junto ao marmore alvacento
do pomposo cinerario.
Soltas nos hombros as tranças
entrelaçam-se nas franças
das acacias recendentes.
Murmura a fonte, na taça,
a palavra, que lhe passa
por entre os labios frementes.
Arfam-lhe os seios, ditosa,
ao colher a mais formosa
entre as flores, branca rosa,
flor d'amores innocentes.

Innocentes!.....

Olha, e perto
Vê um vulto avisinhar-se.
Sente o sangue alvoraçar-se,
no delirio da alegria.
Um ai, que ao peito lhe foge,

era amor, era ventura;
mas, ao pé da sepultura,
são assim ais de agonia.
Corre ao muro, e cahir deixa
alvo lenço, onde envolvida
vai a chave da avenida
que o seu amante conduz.
Corre, vôa a encontral-o,
quer escondida nas tilias,
onde não penetra a luz,
surprehendel-o, assustal-o;
e, depois, acarinhal-o
com um beijo desses beijos
abrasados de desejos,
que a *rosa branca*, se é symbolo
da innocencia... não diz.

*

Abriu-se a porta. Profundo
o silencio então reinou.
Lucinda espreita o amante,
toda sorriso, arquejante,
por entre as tilias occulta.
Mas, se o amado a porta entrou,
um passo ainda não deu.
Que será?!.. Estremeceu...
é já instincto de vida,
que presente a morte alli!..

Lucinda á porta correu,
e murmura:

'Tu não sabes
que eu não gosto vir aqui?'
"Não sabia—respondeu...—
"E porque?"—continuou.

*

Um grito d'alma estalou...
E foi unico...

'Piedade!..'

"Sim... piedade... mas silencio!"
Murmurou em cavo tom
o trahido, que não quer
que se escute ao longe um som.

"Triste vaidade, mulher,
—lhe diz elle em voz sumida—
me será tirar-te a vida,
morta de mais para mim!..
Quero mais... nem por tão pouco
perturbar teus gosos vim...
Não sou nuncio da desgraça:
venho fazer-te uma graça,
que deve ser-te um conforto.
Tens um amante?.. que importa?..

não é bello cahir morta
nos braços do amante morto?"

E, de joelhos, prostrada,
Lucinda a face rojou
pelas lages, d'onde o esposo
em ar d'acerba ternura,
ironía amarga e dura,
carinhoso a levantou.

"Frio amor sentes por elle!
Pois não é tão bello lance
dar-se as mãos no mesmo trance
quem as deu já na alegria?!
Devem ser deliciosas
as contorsões d'agonia,
quando se abraçam, na morte,
e vão, no mesmo transporte,
duas almas carinhosas
habitar, no céo, a estrella;
e, na estrella, continuam
uma existencia mais bella,
que a d'este mundo traidor,
ande as delicias fluctuam
na incerteza, na dôr!.."

Lucinda, tremula, fria,
roxa, da côr do cadaver,
suffocada, reprimia,
em soluços, o terror.

Elle, em pé, braços cruzados,
com as pupillas de fogo,
nos olhos negros, orlados
do negro sangue da ira,
um momento as não retira
da face d'ella, que a aza
da torva morte gelou.

"Tarde chega a sua casa
o teu amante! . . É desdem?
—a sorrir, elle lhe diz—
não é grato aos teus carinhos
quem se espera, e tarde vem! . .
Tão depressa cansaria
de teus estremos, Lucinda?
Já te não vê, como via,
entre as lindas a mais linda?
Não respondes! . . não respondas. . .
natural é que me escondas
o amor proprio offendido. . .
Mas. . . um amante perdido
dará praça a outro amante. . .
Não vale a pena a tristeza. . .
Deves muito á natureza. . .
Tens, no vasto coração,
logar de sobra, onde nasçam
muitas crenças todas nobres,
como foram, e tem sido
as tuas crenças. . . não são?

Vamos... que importa o segredo?!
O teu amante não vem...
São quatro horas... é tarde...
Não nos deve vêr alguem.
É um desejo innocente...
Tinha vontade de vêl-o
pódes seu nome dizel-o?..
Balbucías!.. tu juraste
guardar segredo?.. é de fé;
mas, se é crime... eu te absolvo...
O teu amante quem é?"

'O meu amante!?'

"De certo."

'Amigo... amante... isso não!'
"Pois sim... amigo, que occulta,
nas *trevas castas* da noite,
os seus carinhos d'irmão...

Seja amigo..."

'Amigo, sim...
Viu-me, só, n'este abandono,
em que, por ti, fui deixada...
compadeceu-se de mim...'

"Generoso coração!
Vê o ingrato que eu era,

que trazia a gratidão
na ponta do meu punhal!"

'Matal-o!?'

"Sim... E a quem?"

'A teu irmão!'

. . . . . .

VII

A AURORA tinge o horisonte;
arraia os visos do monte
indecisa, froixa luz.
Sóme a lua a fronte livida
no branco véo da manhan;
em redor tinge-se o disco
da rubra côr da roman.
Ligeira nevoa se estende,
ao correr das mansas aguas,
como um véo de tristes maguas
em rosto, ha pouco risonho.
Começa, ao longe, o murmurio
do lavrador, que sauda
a luz da aurora que o chama,

nas fendas do seu tegurio.
A natureza acordada
eleva um canto ao Senhor,
nas melancolicas notas
do solitario cantor
entre os salgueiros da margem.

Como é santo este silencio
d'um formoso amanhecer!
Tudo aqui nos diz que a infancia
é como a aurora a nascer:
primeiro, a luz, sem ardores,
a luz do amor, sem paixões;
depois o sol, e os amores,
como o sol, abrasadores
de sedentas commoções.

*

Ouvide, além, na outra margem
o cantar da pastorinha,
que desce á varzea, sósinha,
sem receios... tão feliz!..
Vêde-a... affaga os tenros filhos
da assustada codorniz,
que dá lições de ternura
n'aquelles sustos de mãe.
Invejai-lhe o seu destino
á pastorinha d'além,
que não sabe as agonias,

que vão na casa soberba,
que vê, na margem de cá...

Sentada, sobre o restolho,
velando o inquieto novilho,
cinge na folha do milho
flores agrestes, que afaga.
Em que amor ella divaga
dil-o a innocencia da flôr,
do mal-me-quer, que lhe ensina
segredos do seu amor.

E, de repente, ouve um grito...
Corre á margem... na torrente
vê um vulto a debater-se
em terrivel paroxismo.
Segundo brado afflicto...
um ai d'extrema agonia...
inda ouviu... Depois, o abysmo
um cadaver e um segredo
escondeu á luz do dia.

*

E diziam que, ao sol nado,
o senhor d'aquellas terras,
que, de mui longe, viera,
á sua porta batêra,
e que aos servos perguntara
se sua esposa dormia;

e acordal-a não deixara
quando a aia ao quarto ia
tão fausta nova levar.
Mas a serva não podia,
em seu jubilo, calar,
a sua ama o segredo,
pois quando é grande a ventura
nunca a ventura vem cedo,
nem ha esposa, se adora
o esposo ausente, como ella,
que não queira, a toda a hora,
quebrar um somno de sonhos,
presentimentos tristonhos
do muito amor conjugal.

Foi... Por fóra a chave encontra
da silenciosa alcova!
este acaso é cousa nova,
se não foi esquecimento...
Ergue o fecho... era fechada
aquella porta por fóra...
Abre, e corre, alvoroçada,
os cortinados do leito...
Encontra o leito deserto!..

Do fidalgo ouvem-se ao perto,
os mansos passos, que dá.
Vai-lhe ao encontro a serva afflicta
da surpresa, chora e grita:
' ai, senhor!.. alli não está!.. '

"Quem?!"

'A minha ama, senhor!'

*

E na face ao assassino
não se vê livida mancha
do remorso accusador.
Nem uma gota de sangue,
nem um ligeiro signal
d'aquelle infame punhal,
que tem na ponta o segredo.
Nem já dos eccos se ouvia
aquelle grito, estalado
nas convulsões da asfixia!

*

Trinta dias, encerrado
em seu quarto, em sua dôr,
vivera o nobre senhor.
E no fim de trinta dias,
voltam as tristes vigias,
que procuravam Lucinda,
a nobre esposa, chorada
pelo esposo inconsolavel.
Dizem que, além, nas montanhas,
da outra margem do rio,
uma pastora dissera

cousas horriveis, estranhas!
Que, ha trinta dias, ouvira
um grito agudo, e que vira,
sem podel-a soccorrer,
ao romper da madrugada
uma mulher afogada
estrebuchar, e morrer!

Ha trinta dias... Foi ella!

*

Traja de lucto o viuvo;
cobrem-se as armas de crepe;
vem a nobresa em redor
consolar o primo illustre,
que verga ao peso da dôr.
O sino dobra a finados,
dizem-se missas geraes.
Soam, no templo, responsos
em pomposos funeraes.
E, entre os muitos, que elevam
as suas preces ao céo,
o consternado consorte,
que, dizem, fôra um atheu,
em maus tempos, que lá vão,
ergue as mãos, vai n'um transporte
de fervente devoção,
seguindo o rolo do incenso,
que perfuma os pés do Immenso,

a quem pede a gloria eterna
para a esposa estremecida!..
. . . . . .

*

Ao pé d'elle, inseparavel
todos viram... seu irmão,
por quem mostrava o dorido
extremos d'alta affeição.
Raro, em seus labios, o riso
da amisade carinhosa
era do irmão... d'elle só!
E, só com elle, fallava
d'aquella pomba formosa,
anjo d'amor, que anciava
encontrar... para pedir-lhe,
d'erros passados, perdão.
Vinha dos labios ouvir-lhe
aquella santa expressão.
Vinha, alli, restituir-lhe
os extremos de ternura,
victimados á loucura
d'uma infancia criminosa!

*

A viração deleitosa
brandamente balouçava
a ramagem do jardim.

No céo, a lua amorosa
n'aquella noite, era assim,
n'aquella noite horrorosa
em que, sereno, medita
o matador sem remorso.
Além, das aguas no dorso,
como sobre argentea fita,
fulgem scintillas de prata,
onde a imagem se retrata
de Lucinda a vasquejar.
Sôa, no tanque, um sonido
que traz á mente o gemido
que a moribunda gemêra.
Mais ao longe, o mocho pia,
como grita, em agonia,
quem, de surpresa, é varado
pelo punhal d'um traidor.
E o assassino, enleiado
em cogitações de dôr,
parece estar-se lembrando
delicias de extincto amor,
n'aquelles ermos gosado.

*

"Como é bella a natureza,
que saudade a noite faz!..
Quem podéra, n'este instante,
sentir os gosos da paz!
Quem podéra áquelle anjo,

que Deus da terra levou,
n'este momento dizer-lhe
as saudades, que deixou!
É tão triste a viuvez,
quando chora o coração!..
Signaes de martyr não vês
em meu rosto, caro irmão?"

'Vejo, sim... Ai!.. era um anjo,
que Deus mandára, e voou
rapido vôo na terra,
e, tão depressa, voltou
para os anjos seus irmãos!
Na terra as ancias celestes
são desejos sempre vãos...
Os martyrios, que lhe déstes,
na mocidade, infiltraram
gotas de morte no peito,
que a morte lenta lavraram...
Foi-lhe este mundo um deserto...'

"E eu fui perverso... de certo!..
Troquei afagos de esposa
por paixões... que esconde a lousa
para sempre... ainda bem!
Fui perjuro á fé jurada,
e neguei, com vil desdem,
essa divida sagrada,
nos altares contrahida.
E ella, a pobre, espavorida,

n'um momento de terror,
não sei que disse... um desaire
ao seu casto pundonor...
Não te lembras, meu irmão?"

' Lembro, sim... Ella dizia
que...'

"O crime incita o crime,
e na vingança ha nobresa,
porque é nobresa vingar
uma affronta ao amor proprio,
com uma affronta á pureza
que condemna a mulher debil
á desigualdade, imposta
pelo mundo, e não prescripta
pelas leis da natureza—
Não te lembras, meu irmão?"

' Foi assim; e tu...'

"Convulso
d'uma cega indignação,
contra ella ergui um ferro."

' E eu sustive a tua mão...'

"Assim foi... mas diz-me, amigo...
Infame injuria eu fazia
áquella nobre mulher

em sonhar no pensamento
uma suspeita se quer!..”

’ Infame injuria fazias!..
chorava as noutes e os dias!..
Nunca mais seus labios riram,
nem seus tristes olhos viram
d’este mundo as alegrias.’

“Infeliz!..”

’ A cada instante
o teu nome repetia...
Sempre só, vagava, errante,
n’essa tristeza incessante,
que conduz á sepultura.’

“Pobre amiga!”

’ E sempre pura,
como póde a honra ser,
não sonhou, se quer, um crime,
nem o mundo ousou manchal-a
d’esse ferrete, que imprime...
deshonra eterna...’

“Ai! cala,
meu irmão... basta, que é muito
para mim que soffro tanto!..
Se tu visses como estala

aqui dentro a minha dôr!..
Eu tenho um crime... e não posso
occultar-t'o... não!.. O horror
d'este mysterio é mortal!..
Queres ouvil-o?.."

'Sim...'

"Ouve...
Compadece-te de mim...
Soffro um castigo infernal...
Olha, irmão... vês este sangue?..
A ponta deste punhal...
no coração lh'a cravei!.."

'Tu!..'

"Sim!.. maldito dos homens...
Fui eu... fui eu que a matei!"

'Horror!'

"Atterras-te, irmão?!..
Tens alma nobre... não pódes
tal infamia conceber..."

'Maldito!'

"Maldito, sim...
Eu não te disse que o inferno

ardia dentro de mim?!
Mas esta infamia é segredo...
hade-o ser... segredo eterno!..
e tu não pódes guardal-o!..
é forçoso sepultal-o
n'um abysmo... e esse abysmo
heide, com ferro, rasgal-o
no teu nobre coração..."

Desceu, tres vezes, o ferro.
Um grito rouco ressôa...
Roja um cadaver no chão.

VIII

Viu-se, nas margens do Tamega,
entre gratas alamedas,
linguas de fogo cingirem
um vasto e nobre edificio.
Ao clarão das lavaredas,
que o fumo em rolos enturba,
vulto sinistro se viu,
rindo dos gritos da turba.
Em brasa as traves crepitam,
ao redor as chusmas gritam,
mas, em soccorro... ninguem!
O senhor d'aquelle predio
quiz gosar do fogo o assedio,
que apagar não ousa alguem.

Aquelle vulto, que passa,
tem nas mãos ensanguentadas
um punhal, com que ameaça
as multidões atterradas!
Quem ha ahi, que tente a morte
contra um homem grande, e forte
do poder de Satanaz?!

*

"Maldito!" o povo clamava,
quando a ultima centelha
d'entre as cinzas faiscava.
"Maldito!" a turba rugia,
quando, ao longe, o campanario,
com seu dobre funerario,
um cadaver annuncia.
"Maldito!" que esse cadaver,
de punhaladas cortado,
fôra na cinza encontrado
d'aquelle incendio!.. "Maldito!"
soava um pávido grito
contra o barbaro precíto,
que matára o seu irmão!
Fratricida, entrega ás cinzas
o segredo da traição!..
e, Cain, não vê que o sangue
lhe borrifa a impia mão!

*

Foi este o homem, que eu vira,
sobre as penhas escalvadas,
quando o latego cortante
das indomitas rajadas
lhe sacudia os cabellos,
e lhe dava aos olhos, bellos
d'aquelle brilho sinistro
das paixões allucinadas,
terrivel fascinação!
É este o homem, que pede,
nos andrajos da pobreza
escassa esmolla de pão;
e me diz: "Eis que um mendigo,
"o teu futuro prediz!
"Vai! que a dôr irá comtigo!
"Olha... a sombra da desgraça
"caminha a par co' infeliz!"

*

De tal homem, insondavel
como o segredo de Deus,
como o segredo do inferno,
que disputa o imperio ao céo,
de tal homem, que escarnece
as palavras do conforto,
para a fé extincto, morto,
para o amor sarcasmo atroz...
foi d'este homem, que eu, na infancia,
despertada á sua voz,

recolhi no coração
lições amargas da vida.
A mais viçosa illusão
da primavera florida,
aquelle amor, todo flores,
o mais santo dos amores,
o primeiro... injuriou-m'o!
Do escalpello da sciencia,
que lhe déra a experiencia,
senti profundos os traços
golpearam-me as entranhas.
Ouvi palavras estranhas,
que, nunca, em labios devassos,
ousou dizer-me o cynismo;
desci, com elle, ao abysmo
do que ha ahi mais nauseabundo
no prostibulo immundo
das paixões degeneradas,
sem crestar as flores d'alma
no fogoso enthusiasmo
do despejo e da orgia...
A minha candida palma,
da descuidada innocencia
casto dom d'aurea poesia,
aos pés d'um impio cahia,
como tropheo conquistado
pelo crime impenitente!
Eram maximas, que ouvia
nas lições do desgraçado;
mas que maximas!.. que infamia

graval-as mão pervertida,
em coração d'innocente,
mal entra as portas da vida!

*

E gravou-as! Leio-as sempre,
quando o espirito anciado,
almeja luz de esperança
no denegrido horisonte
da vida escura, que vivo.
Se me impelle a confiança,
e me diz que a morte affronte,
de vivas crenças altivo,
ouço-as sempre... que eu não posso
esquecel-as, arrancal-as
da consciencia, onde estão.
Um homem póde graval-as,
e não póde a aspiração,
nem o desejo sedento,
nem a vaidade... nem essa...
esquecel-as, um momento!

*

"Não creias. É mau o homem.
é mentira a consciencia,
é fantasma a providencia,
verdadeira é só a dôr.

"Não creias. O céo é sonho
de vaidosa fantasia;
o inferno é mercancía
dos que te vendem o céo.

"Não creias. A alma, que existe,
são os sentidos, que sentem:
depois, os vermes desmentem
essa chimera *immortal.*

"Não creias. A sepultura
é do berço o complemento:
a vida vem n'um momento,
n'outro momento se esvae.

"Não creias. Honra e deshonra
é um jogo atraiçoado,
em que perde o mais honrado,
e, dizem, lucra no céo!..

"Não creias. O amor singelo
Ideal, casto, infantil,
é pieguice pueril,
sensual hypocrisia.

"Não creias. Se o pranto vires
em mulher, que o pranto ostenta,
é a astucia, que fermenta
a cavilosa traição.

"Não creias. A virgindade,
em coração de mulher,
não chega nunca a nascer:
nasce e morre em embrião.

"Não creias. Dizem que existe
sancta amisade! É mentira!
quando a desgraça te fira,
abandonado serás.

"Não creias. Quando o infortunio
á tua porta bater,
manda-o calar-se, e morrer,
cospe-lhe insultos na dôr.

"Crê na materia, na infamia,
dom dos homens: nada mais!
joga com armas iguaes,
paga affronta com affronta.

"Pisa aos pés a caridade,
insulta os homens, e Deos;
affronta as iras dos céos,
zomba da vil sociedade."

*

Dôr! amargo patrimonio
d'infelizes, que se extremam
da turba alvar, que sorri!..
esses labios, que blasphemam,

quando os corrompe a desgraça,
beberam tragos violentos
de venenosos tormentos,
que lhe déste em negra taça!
Como teu poder é forte,
dôr! que imperio tens no homem!
que veneno corrosivo
tu lhe filtras!.. dás-lhe a morte
ao sentimento nativo
da consciencia do mal!

Aguia ferida em suas pennas,
das regiões puras, serenas,
cahiu, perdeu-se, abysmou-se
n'este sujo tremedal,
em que o despejo, revolto,
insulta homens, e Deus...
d'onde o sarcasmo vai, solto
das algemas da piedade,
polluir a virgindade
das almas puras, que podem
sonhar delicias nos céos!

IX

Como é que o homem se espanta
de se vêr, cedo, cançado
quando mal começa a vida?
Hoje, póde a aurora, apenas,
na infancia d'alma nascida,
antes do sol das paixões,
queimar-lhe o seio... e das cinzas,
de congelados vulcões
nem um clarão reverbera.
O vulgo chama chimera
essas noites infinitas,
em que o talento lacera,
uma a uma, as illusões.
Não crê, não póde elevar-se

á dôr, que toca o sublime,
e, no genio, um cunho imprime
de descrença e desconforto.

*

Pergunta o mundo ao poeta:
—como, tão cedo, está morto
quem, ha pouco, amanheceu?—
E pergunta o poeta ao mundo:
—como póde o humilde tojo,
que nasce e vive de rojo,
vêr o raio que fendeu
o cimo d'alto cypreste?—

*

De amargoso sacerdocio
o talento Deus investe.
Da desgraça o genio é socio,
d'esta desgraça, que enturba,
como a nuvem da sciencia,
a luz d'um mundo que a turba
não aspira, nem deseja.
O pensamento, que sobe
da baixeza, onde rasteja
o trivial, o commum,
não tem, na terra, repôso,
queima-o a sêde do goso,
não satisfaz goso algum.

Gasta-se o homem, que pensa;
o pensamento devora-o;
o prisma, caro á innocencia,
vem a sciencia, e descora-o...
Agra sciencia da vida,
que adivinha a intelligencia
concentrada, resumida
em se lêr no coração,
onde a luz vem, reflectida
mostrar-lhe o mundo, ao clarão
dos incendios, em que morre
para os outros, na velhice,
de asco e infado, a illusão!

*

Não é no mundo, na lucta
das paixões escandecidas,
que se vão esmaecidas,
donosas crenças ao nada.
Não é no mundo, é no ermo,
no pensamento insulado,
n'este trabalho continuo
d'um espirito abrasado
em meditar no que é.
O livro, espelho da vida,
desmente as crenças e a fé.
O homem, d'alma esvahida,
sem pudor para calar
os desenganos, que teve,

sente orgulho em desvendar
os segredos, que a desgraça,
filha do crime, devassa
nas trevas do coração.

E o talento sente as dôres,
adivinha os dissabores
que na alma não sentiu.
Tem, na mesa do infortunio,
um quinhão de dôr, distincto,
d'elle só; e sem proval-o,
sente o agro do absyntho
d'esse calix d'agonia,
que, de sobre o pensamento,
o seu anjo não desvia.

*

O amor, eterno movel
das ambições generosas,
symptoma eterno de vida,
tella, nunca denegrida
por torpes nodoas... o amor!
Esse, que é filho do instincto
nobre e bom de coração,
como o sentira na infancia,
como, aqui, no ermo, o sinto,
e sentil-o heide na ancia
da final aspiração...
Esse não soffre, não perde

o condão do seu destino...
Ao nascer, nasceu divino,
morrerá manchado? não!

E sabeis qual elle seja
este amor, que vive em si,
que, no céo, tanto deseja,
e descrê de tudo aqui?
Sabeis que lagrimas custa
este amor indefinido,
abrasado, e consumido
em procurar a verdade,
a verdade eterna e augusta,
que se esconde á humanidade
em pavoroso mysterio?

Este amor, que anceia amor,
na mudez do cemiterio,
é o amor, que vós sentis?
Este amor, que espósa a dôr,
não é privilegio amargo
de quem é muito infeliz?

*

O amor, nos bellos dias,
da mocidade inexperta
alto vai nas fantasias;
raro, desce ao frio estudo
da mulher anjo, encoberta,

como um sacro-santo mytho.
Nobre ardor impelle a alma
ao transporte, ao infinito.
Vê-se, na terra, uma imagem,
é profunda a adoração;
presta-lhe a alma homenagem
de enthusiasta affeição;
mas no céo; que, n'este espaço,
curto e estreito, d'ar impuro,
não respira o coração.

Luminoso fulge um traço,
onde corre o pensamento;
a scintilla da poesia,
desferida pelo amor,
irradia um fogo etherio
aos gelos d'esta existencia,
positiva, sem mysterio,
turva, e rude, e descarnada,
sem alento, amortalhada
nos ouropeis da sciencia.

*

Mancebo, ninguem te diga,
n'essa florida estação,
que vem perto o inverno triste
arrefecer tanto fogo,
que, depressa, consumiste
n'um sonho de coração...
N'um sonho, sim, que, tão rapido

é ser no amor innocente,
que nem delicias, nem dores
d'esses primeiros amores,
raro, a memoria as consente.

E eu recordo-as todas, sinto-as,
porque a saudade, e só essa,
tem sido o doce maná
no meu deserto da vida.
Embora a alma arrefeça,
a minha vida foi lá;
vivo, acordado, dos sonhos
vejo as imagens, que vi...
Umas pallidas, sombrias
mortas dentro d'alma, e frias
como eu sinto a alma aqui.
Outras, mal pôde a memoria
tributar-lhes vassalagem
d'uma delida lembrança...
Esquecel-as foi coragem...
Calco aos pés a ignobil gloria...
nem eu tenho outra vingança.
Outras... vejo-as, ondulantes
sombras lividas, errantes,
como nuvens alvejantes,
que, no espaço, o norte espalha.
Eil-as vão... além... passando,
envolvidas na mortalha,
e nas auras suspirando,
como a saudade suspira...

Tenho a saudade e esta lyra,
minha querida pobresa,
minhas joias, meu thesouro
não disputada riqueza,
n'este meu seculo d'oiro
e de lama! E só com ella,
ha tantos annos, caminho
sobre um chão, onde renasce
d'um espinho um novo espinho.
E, muitas vezes, cansado,
n'esta fadiga incessante,
em busca d'outro destino,
tenho abastardado o hymno,
nobre impulso de minh'alma,
aviltando a inspiração;
tenho aos pés calcado a palma,
e arrojado a lyra ao chão.

Mas vendel-a a grandes, nunca!
Se manchada a vejo aqui,
é de a ter rossado em manchas,
que insultei, com frenesi.
Ao que vive circumscripto
em si proprio, e a luz da alma
bebe a haustos, do infinito,
que lhe importa o tremedal
em que, revoltos, disputam,
e, materia vil, relutam
os que tem direito á herança
d'um diadema sensual?

Aviltados dons, perdidos,
momentos nobres de dôr,
quantò déra eu da existencia,
se eu vos visse esquecidos!
Dons do amor, prostituidos
em fantasticas paixões,
sem nobresa, nem renuncia
de rasteiras sensações...
Poesia, a que vexames,
e crueis humilhações,
sem pudor, eu te aviltei!
Quantas lagrimas infames
eu te fiz chorar, mentidas
calculadas, pervertidas,
vergonha d'outras sentidas,
que, uma só vez, eu chorei!

*

Por essse mundo, dispersos,
eu lancei baratos versos...
versos só... poesia... não.
Meditai-os! Não tem alma,
nem amor, nem consciencia;
são momentos de existencia,
sem vigor do coração.
Não são meus, nem podem sel-o,
nem orgulho deve têl-o
quem, vaidosa, ahi presume
que era seu esse perfume,

essa baixa idolatria.
Foram lampadas extinctas,
ao findar d'um curto dia...
eram quadros cujas tintas
sobre a tela não são já.
A soberba envergonhou-se,
a razão emancipou-se,
e descorou-as de lá.

*

Celeste dom da poesia,
joia sem preço, calcada
aos pés da turba, que insulta
as desventuras do genio;
pomba mystica, occulta
no santuario do amor;
filha do céo, que na terra,
vens ungir o soffrimento
e fazer sagrada a dôr,
vituperada por homens,
algozes do pensamento;
balsamo santo, alegria,
que deixa tanta agonia
desafogar-se em cantares,
ás luzes do firmamento,
e ao hymno eterno dos mares;
amor d'infelizes, poesia,
tu me bastas, santo alento,
quando o limite do mundo

na estreitesa me angustía.
Ave linda, vens pousar-te,
descida lá do teu céo,
entre a folhagem das selvas;
e no regaço me lanças
uma folhinha das relvas
dos jardins do doce Alceu.

X

Luiza, flôr d'entre as fragas,
donairosa camponeza,
toda graças e pureza,
lindo esmalte das campinas,
colhes no prado as boninas
brincas á tarde, na espalda,
onde verdeja a alameda
da viva côr da esmeralda?
Brincas, Luiza, affagando,
o que mais amas no bando,
o teu alvo cordeirinho?

Vais ainda áquella fonte,
espelho aonde te vias,

onde me viste sósinho,
e de fallar-me tremias?
Vens d'ahi vêr esconder-se
no purpurino horisonte
o sol dos teus devaneios?
Cantas a trova singela,
namoro da phylomela
dos requebrados gorgeios?
Colhes as pedras brilhantes,
como perlas rutilantes,
que te seduzem, no leito
do regato cristalino?

Sentes a crença no peito
palpitar de devoção,
quando, ao longe, ouves o sino
do aldeão presbiterio
pedir-te a doce oração,
que, desde o berço, tu oras,
quando o sagrado mysterio,
nas tão poeticas horas,
do intardecer te enleva?

Quando, á noite, o gado mettes,
farto e ledo, em seu redil,
vais no coro das donzellas,
onde as não viste mais bellas,
descantar cadenciosos
carmes d'alma tão saudosos,
d'um sabor tão infantil!...

E eu que muito a amei!..
A tarde
quando o sol no occidente
de escarlate as selvas tinge,
com o brilho refulgente
de floresta incendiada,
fui sentar-me, pensativo,
sobre a crista dos rochedos,
decifrando em minha alma
indecifraveis segredos.

Além, nas varzeas do val,
tinha quanto o coração
sonha de bello, e immortal,
na sua ardente ambição.
Nem mais formosa que ella,
nem mais pura o mundo a tinha!..
Quizera vêl-a, e não vêl-a...
Antes fugir-lhe!.. offendel-a...
Mais valera não ser minha!

*

Por essas horas, que fallam,
quando o coração é mudo,
quando as palavras se calam,
porque o silencio diz tudo,
procurei nos olhos della
vêr a luz d'aquella estrella
onde os olhos d'ella eu via;

e, ao sentil-a entre a ramagem,
esfriava-me a coragem,
e o pejo me estremecia.

*

Em tua face córada
pelas rosas do pudor,
não sabia eu ler segredos
que debalde esconde o amor.
Vim, depois, saber no mundo,
onde o talento fecundo
tudo sabe, e nada occulta,
que a surpresa, quando tinge
de purpurea côr a face,
é o amor, que não se finge,
é um mystico enlace
de duas almas, que a flamma
do mesmo facho abrasou.

*

Vês, Luiza, o mundo chama
ao teu córar e tremer
um nome simples, bem simples,
que não soubemos dizer.
E porque? eu nunca pude
conseguir dissessem labios,
quando a singeleza é rude,
esta palavra, que os sabios

do coração nos ensinam!
Simples palavra... e mal pensas
a que missão a destinam
e que paixões ella diz!..
Ha um amor todo amarguras,
preço de crimes, e offensas,
qual o dão instinctos vis;
mente em suas alegrias
cala as surdas agonias,
a taça dos seus prazeres
tem venenos infernaes.

Este amor não era o nosso;
nunca empeçonhei o goso
dos teus risos festivaes.
Eu velava o teu repôso,
como estremecido irmão,
na virgem fronte d'um anjo,
vela a grinalda innocente
do virginal coração.

Aquelle amor fulminante
que abrasa a flor que toca,
e da consciencia suffocca
gemidos de ingente dôr;
aquelle indomito amor,
que se apraz na impudencia
d'um torpissimo egoismo!
Ai! Luiza, eu hoje posso
pela voz da consciencia,

dizer-te, do meu abysmo,
que este amor não era o nosso.

*

Olha, o mundo não sabia
como a nossa vida era...
O velho torpe riria,
se, tão novo, eu lhe dissera
que, nos meus sonhos, te via!
eu era só, e não tinha
entre aquelles fragoedos
se não tu, que os meus segredos
no silencio adivinhasse.
Ninguem viu a minha alma...
Tanto amor, tanta poesia,
eu pensei que, se a dizia,
lhe abastardava o perfume.
Era egoismo? ai! não... ciume?..
Tambem não... nem hoje sei
como escalda o vivo lume
d'esse inferno... e creio, e juro
que me, lá, não queimarei...
Mas o teu nome adorado,
que eu não disse, nem diria,
o meu sacrario d'affectos,
que não fora profanado,
e eu pensei nunca seria...
o nosso amor, tanto a medo,
escondido n'um segredo,
todo o mundo o conhecia.

Desceu do céo, despenhou-se
para vir na sociedade
receber a torpe marca
d'uma impostora piedade!
Lamentavam-te... previam
que as flores murchas cahiam
do teu diadema!.. Devassos!
Eu não sabia que o amor
murcha as rosas do pudor,
nem podera inda sentir
que o diadema da candura
da fronte póde cahir!

Que enlevos puros mataram
os moralistas zelosos
d'aquelle amor innocente!
Que puro sonho accordaram
com seus gritos "virtuosos"
d'um preconceito impudente!

Que a sociedade, atalaia
d'incautas virgens, proclama
quando a virgem sente, e ama,
com descuidada effusão,
que do amor a flor desmaia
nos seios do coração,
e que é deshonra a pureza,
e blasphemia a devoção.

*

Amor, do céo reflectido,
pura scintilla da flamma
que divinisa a paixão,
oh! angelica virtude,
como te arrastam na lama!..
Vê, que mascara hedionda
os hypocritas te dão!..
Despem-te as candidas galas
que, no berço, a fé te deu!
Núa das joias, que o genio,
emprestadas, pede ao céo,
mostram-te esqualida, sordida,
vagas, espectro do susto,
gemes, golpeada nas carnes
sobre o leito de Procusto,
onde o hypocrita demarca
o tamanho á honradez!..

*

A candura de teus labios
manchou-t'a um beijo?.. talvez!..
na tua coroa de virgem
nenhumas flores já vês?
Olha... pede á sociedade,
que te abriu os olhos d'alma
á nudez da realidade,
que t'os feche ella, outra vez...
. . . . . .

XI

E EU vi que o mundo era triste!
vi um cortejo humilhado,
inaugurar o reinado
do dinheiro e da torpeza.
Vi a purpura do crime
Nos faustos da realeza;
vi a nobre dôr, que opprime
quem quiz ser leal á honra,
enxovalhada de insultos,
que se ostentam, sempre inultos,
sob a mascara dourada.

*

Em leilão apregoada,
vi que a mulher se vendia,
não de rojo e maneatada,
mas, voluntaria, soffria,
em quanto ao luxo sorria,
captiva no coração.
Quiz sondar-lhe a alma, e pude
sobre o peito por-lhe a mão;
achei-a fria, sem pena
da aviltante condição,
do rebaixado desdouro
a que, na alma, a condemna
mais um vil punhado d'ouro.

Conheci homens altivos
de soberba independencia,
encararem, revoltados,
os opulentos, manchados
do pranto da indigencia.
E, depois, vi-os passarem,
na carruagem pomposa,
e de lama salpicarem,
com visagem desdenhosa,
a indigencia importuna.

Vi rossar-se o vil talento
pela estupida grandeza
dos heroes improvisados.
Em degradante proscenio,
vi poetas, laureados,

pelas migalhas da mesa,
assoldadarem o genio
a miseraveis lentilhas.

*

Vi a luz de que tu brilhas,
fulgurante divindade,
refugir, espavorida,
da sciencia, pervertida
ao sabor da sociedade.

Vi apostolos da luz,
que da base demoliam
o vulto inutil da cruz.
E em redor da cruz gemiam
muitas crenças virtuosas,
que a penuria perverteu.
Umas... o ouro cegou-as...
outras, a campa fechou-as;
e são estas da virtude,
moribunda, quasi extincta,
o derradeiro tropheu.

Vi as amphoras, fecundas
de inexgotavel poesia,
jorrarem ondas de metro,
meigo de estylo e harmonia.
Nunca, tão alto, subira
a musa grega, na lyra

das canções apaixonadas.
Oh que almas tão captivas!
que paixões, que ancias vivas
dos aereos sonhadores!
Foi-se Deus, mas veio a crença
na mulher d'aureas madeixas;
Portugal fez-se Provença
de arrobados trovadores.

*

Irrisão! Todo esse affogo
d'enthusiasmo forçado,
esse exaltar-se do engenho
pela arte electrisado,
em cadencias numerosas,
eram modos de poesia,
gentilesas primorosas
dos artistas da harmonia.

Quando Byron domina
uma eschola, a do "cansaço"
todo bardo a lyra afina,
pelo tom do desalento;
todos tem de fogo um traço,
no espirito, sedento
de vida, escassa no espaço,
de paixões, que n'alma grande
são incansavel tormento.

*

Sôa um canto harmonioso,
rico d'affectos divinos.
Quem o canta? É Lamartine.
Já não ha quem não afine
n'aquella corda os seus hymnos.
Sahe das trevas o poeta,
crê, adora, vive, sente,
consulta, á noute, as estrellas,
chora em estylo de propheta,
canta em extasis fervente,
inveja a sorte do Tasso,
quer a dôr de Bernardim!
ha pouco ainda o cansaço
lhe dá tudo escuro e feio...
felizmente, a crença veio
envolver tudo em setim!

*

Carecia d'alma a lyra,
que tantas crenças fingia.
Era a formosa mentira
esmerando-se em branduras
de harmoniosa magía.
Nem a mulher respirava
no coração o perfume,
que o sacerdote do culto,
o cantor, desperdiçava
em cada altar, onde occulto
um novo anjo sonhava!..

493600

Que o seu amor era immenso,
infinito e bem podia,
por cada anjo, que via,
repartir um grão d'incenso,
e um diadema... de poesia!

*

Era na vida, sem sonhos,
n'esta existencia real,
que eu procurava o poeta,
em seu amor immortal.
Não o vi... Minto... encontrei-o
no vigor da vida e fé,
cheio de esperanças, sentindo
quanto o amor, na infancia, é;
aspirando, em cada nota
do silencioso canto,
o aroma puro e santo
de remontada affeição;
segredando o sentimento,
que na alma não cabia,
á mudez da solidão,
onde o silencio é poesia,
que adormece o soffrimento;
onde a magoa, contrahida
pela mão do desalento,
sente que é maior que a vida,
e suprema sobre a dôr.

A ti, prodigio d'amor,
joia d'extrema amisade,
um gemido, que a saudade
irá comigo gemendo
pelas veredas escuras
d'esta existencia, sem ti!

*

Amavas!.. Eras exemplo
de probidade no amor.
Viste, n'este mundo, um templo
de sincera adoração,
sem mysticismo impostor.
Amavas, com que ternura,
com que virtude severa!
Renunciaste os prazeres,
que o mundo facil te déra!..
Com que nobre sacrificio
amparavas um archanjo,
na sua extrema agonia,
quando na terra despia,
o envolucro mortal,
a crysalida d'um anjo!

A chorar, tu me disseste
que o amor, ao pé do tumulo,
era sagrado, sublime.
Era!.. e a dôr, que sustiveste
calada no coração,

sem o remorso d'um crime...
essa dôr é preito á honra,
é magestosa ovação,
que, pelo instincto, concebo;
é solemne desmentido
ao labéo torpe, cuspido,
na face da geração,
em que nasceras, mancebo!
. . . . . .

*

Aquella gentil creatura
chorava, não pela vida,
mas por ti, na despedida,
tanto ao pé da sepultura.
E tu, febril, inspirado
por não sei que impulso aerio,
rasgas o seio ao mysterio,
fallas do transe da morte,
dizes que a morte é mentira,
para a alma, que, em transporte,
a novos mundos aspira.

E ella ouvira-te, suspensa
de teus labios, e, improviso,
lhe subira o sangue ás faces.
Nos roxos labios um riso,
instantaneo, lhe fulgura,
riso de fé e esperança,

de conforto, e confiança
na tua fé, que não póde
restringir a sepultura.

*

Fria mão, quasi cadaver,
em tua mão tu sentiste...
Duas lagrimas lhe viste,
as derradeiras, descer...
e nos labios incendidos
viste-as brilhar, e morrer.
Entre soluços quizeste
dar-lhe um adeus... não podeste!
Ella... sim!.. no paroxismo,
sorrindo á beira do abysmo,
não foi mulher na coragem!
eram d'um anjo a mensagem
estas palavras, que ouviste:

"Amei-te muito... bem viste
que fui tua, em quanto pude
chamar á vida, que tinha...
tanta no meu coração...
chamar-lhe tua... não minha...
E tanta vida... acabou!..
Hoje... não posso... já não
ouso dizer que sou tua...
da sepultura é que sou!
Meu esposo n'alma, e irmão...
hasde ouvir-me... Na agonia

da mulher, que muito amou,
sem um vestigio de crime,
quem nos diz se Deus imprime
um cunho de prophecia?!
Olha... o mundo é muito estreito
para a vida, que trasborda
os limites de teu peito...
Não pódes viver aqui...
Querem-te os anjos... não posso
pensar que o "sempre" da morte
quer dizer que te perdi...
Não! tu vens... breve, buscar-me
no céo, na estrella, que vimos,
quando a Deus, ambos, pedimos
outra existencia... mas nunca
outro amor!.. Vens esposar-me,
no espaço immenso, abraçar-me
n'um devaneio immortal...
Não vás á campa chamar-me...
não vás... que ahi nada existe...
Esse silencio é fatal...
Gera na alma o terror
impia descrença... talvez!..
Qual me viste, e qual me vês
foi um sonho... um fundo abysmo
onde cahe murcha uma palma...
Sabes a vida do amor?
Vai ser a minha, sem dôr,
vida infinita da alma...
. . . . . .

"Derradeiro beijo, amigo!..
Adeus... é tarde... escurece
o meu bello e curto dia...
Vem depressa, vem comigo,
dou-te metade dos louros
do meu sonhado tropheu...
Serás, esposo... o primeiro
entre os archanjos do céo...
Dá-me outro beijo..."

E morreu.

XII

O ATHEU, Senhor, não olha,
cego de orgulho, não vê,
em tantos lances da vida,
o vosso dedo, que os traça.

Da "razão" escravo, crê
na ventura, e na desgraça.
Reina o acaso, ou fatalismo,
vans palavras, galardão,
com que se brinda a piedade
e laurêa a corrupção.

Surge a eschola, o aforismo,
que reputa inutil Deus:

É mentira o bem, e o mal,
nada é vil, nada é sublime;
não tem cadafalso o crime,
nem a virtude tropheus!

*

E eu, Senhor, sinto-me grande
quando, na terra, pequeno,
até, na dôr abatido,
vejo que o homem se move,
involuntario, impellido,
por mysterioso aceno
d'uma suprema vontade.
Nunca tive um claro dia
de fugaz felicidade,
desde que peço á poesia
illusões para viver!
E que flagello seria
ser desgraçado, e não crêr
na Providencia, que ordena
seja galardão da pena
este condão d'enlevar-me,
forte da propria agonia,
nas visões, que póde dar-me
o vigor da phantasia!

E eu, senhor, vejo o mysterio,
nos longos dramas do pranto.
O terror, que infunde espanto

na machinal multidão,
o impotente orgulho humilha
d'esta vaidade, que é filha
da presumida rasão.
Nos golpes grandes, que vemos
retalhar a humanidade;
n'esses açoites extremos,
que deixam sangue a escorrer,
e que a soberba do homem
encara sempre a gemer...
n'essas tormentas, sem porto,
n'essas trevas, sem fanal,
quando o alento afrouxa, morto,
sem vêr ao longe um indicio
que lhe diga: "és immortal!.."
descrer de Deus, do conforto,
fôra um tremendo supplicio,
lucta de morte infernal!

*

Senhor! eu vi nas orlas do occidente
um negro disco, triste véo de lucto
dilatar-se, esconder o sol nas dobras.
E no dorso do mar, sereno ha pouco,
perpassa o furacão; e o mar cavado
geme, soturno, como geme em ferros
o leão faminto que fareja o sangue.
Relampagos eu vi de luz sinistra
lampejarem nas trevas, azulando
as escarpas das ribas fragorosas.

E eu vi, Senhor, ao longe, entre coriscos,
um vulto escuro, a balouçar nas vagas,
romper abysmos, resurgir ao cume
da procella, que rossa o bojo ás nuvens.

E a terra o vulto vem, fugindo á morte,
e a morte, em de redor, vem-lhe mostrando
as fauces do sepulchro, e as agonias,
que gelam de terror o sangue, e a alma!

Mais perto, eu vi, Senhor, um tubo negro
ruir, vergado ao vortice, que ruge,
nas fendas do baixel, que se retorce,
nos braços da tormenta, em lucta insana.

Em terra, ouvi um grito... eram mil gritos,
erguidos para vós, Senhor, no afogo
da dôr, do desespero, inferno incrivel
em tantas almas, que não tem só uma,
que seja, Deus do céo, por vós ouvida!
Do mar percutem sons d'afflictos brados;
ouvem-se os nomes dos que em terra pedem
um milagre, um perdão, se aquella morte,
a morte do afogado expia crimes!

"Mãe! soccorro, oh mãe!" dizem as vozes
que vem das ondas no bramir do vento;
"filho, querido filho!" a mãe responde,
sacudindo nas mãos inutil facho,
que mor terror incute aos naufragados.

E a morte, em de redor, mostra-lhe as fauces
do cavado sepulchro, e as agonias,
que gelam de terror o sangue e a alma!

Por quem chamavas tu, na tua angustia,
amigo, anjo no amor, anjo na morte?!
Por quem chamavas tu, filho extremoso
d'estremecida mãe, de pae, que as rugas
da velhice precoce o pranto abrira?!
Por quem chamavas tu? Dizem que um nome
em teus labios vibrou, roxos da morte,
um nome... era o de Deus, que fôra sempre
o teu fanal na dôr, fanal extincto
no lance atormentado em que o procuras!

E a morte, em de redor, mostra-lhe as fauces
do cavado sepulchro, e as agonias,
que gelam de terror o sangue e a alma.

*

E eu, Senhor, que ouvira o grito
d'aquella immensa afflicção
buscar no amor infinito,
piedade, implorada em vão,
não quiz negar-vos, Senhor!
Nem pude vêr na tormenta
do irado mar, que rebenta,
tocado por vossa mão,
um capricho sanguinario

de vosso braço arbitrario,
que se apraz cavar nas ondas
a procella, a morte, o abysmo...

Senhor, não pude negar-vos,
porque eu vi no paroxismo
d'essa angustia de cem vidas
a innocencia, a candura
pedir na mesma tortura,
o vosso amparo, Senhor!
Vi dous anjos abraçados
á margem da sepultura,
repassados de terror,
celebrar, na morte, o amor,
que seu pae lhe déra em vida.
Vi, no vortice, sorvida
uma existencia, sem mancha,
um homem, typo da honra,
um moço, sem mocidade,
austero na probidade,
desvelado filho e irmão;
e, para todos, sorriso
de bondade, e d'affeição.

*

E morreram, quando a supplica
fervente, ardida, anciosa,
era a vós, Senhor, mandada
nas vascas incomportaveis
d'aquella morte horrorosa!

Pois a prece afervorada
em tantos labios, meu Deus,
compadece os máos da terra,
e não commove a piedade,
eterna essencia dos céos?!
. . . . . .

*

E o atheu, senhor, não olha,
cego d'orgulho, não vê,
em tantos lances da vida,
o vosso dedo, que os traça.
Dôres ha ahi que desluzem
a luz da crença. A desgraça
com hervada flecha passa
o seio mais forte em fé.
A esperança estremece,
a fé vacilla, e perece,
e a fé, meus Deus, que é
senão a humilde alliança
com um ser que não seria
sem mysterio, que a rasão
não desvela, não alcança,
se a não leva o coração?

*

Amigo! Eu longo tempo, allucinado
na sinistra visão d'aquelle trance,
esqueci-me do anjo, arrebatado
de teus braços, um dia.

Lembrei-me de ti só... pedi-te á campa,
procurei-te no espaço, alma gemente,
pairando sobre o leito d'agonia,
da atribulada mãe.

Depois, amigo, recordei, que o anjo
te fizera na morte a prophecia
da tua breve ausencia dessa alma,
que da terra, tão cedo, te fugia...
E busquei-te no espaço.
Busquei-te, e n'esta febre da saudade,
que illumina visões de fantasia,
um luminoso traço,
vi das trevas profundas levantar-se
e esconder-se no céo...
Instantaneo se rasga o denso véo...
depois, mundos de luz, n'um gyro eterno,
os olhos d'alma, deslumbrados, viram.

Confusos turbilhões d'aerias flammas,
nas limpidas torrentes scintillavam
d'electrico fulgor.
De toda a parte um hymno, em sons estranhos,
de pulchras harpas, ressoava: "Hosanna,
ao goso eterno d'um perpetuo amor!"

Fendendo o espaço, como a ignea cauda
da estrella errante, duas flammas, n'uma,
que cingem nuvens do candor da espuma,
vi, rapidas, passar.

Um prestito d'archanjos vai cortando
as amplidões do céo, e a lyra eolia
dos cantares sagrados ao Senhor,
cuja fronte radia luz ondeante
em carmes divinaes vai entoando:
"Hosanna,
"ao goso eterno d'um perpetuo amor!"

Eu vi-te, pois, no céo. Eras amigo,
devias sêl-o, ó alma! A prophecia
do anjo, na agonia,
cumprida foi! A morte atormentada,
o trance da asfixia,
nas roscas da procella,
foi tributo de dôr, extremo grito,
que pagaste na terra, onde, proscripto
d'um mundo teu, e della,
poucos annos te foi pesada a vida.

Espiritos, brilhai no seio esplendido
das lucidas espheras!
Vagai, sombras eternas! que eu vos veja
como aceno de esp'rança á minha dôr!
Ao vêr-vos, minha alma aspira, ufana,
um premio, no martyrio, animador!
Juntai ao côro d'anjos vosso hymno,
n'um psalmear divino,
que eu não posso imitar! Dizei: "Hosanna
ao goso eterno d'um perpetuo amor!"

XIII

Oh Alda, eu, quando ouvi gemer o bronze,
além, pelas quebradas da montanha,
perguntei se morreras.

"Morreu!"

me responderam labios frios,
faces sem pranto, corações sem dôr.

"Viveu!"

Intima voz ouvi...

"Viveras!.."

Alda, querida irman, eu vou de joelhos,
orar por ti a Deus!
Pura tu eras, eras santa... e a prece
será talvez a flôr, que orvalham lagrimas,
e não cabe em tropheus,
tropheus de martyr, qual tu foste aqui!

Embora a minha prece inutil seja...
é tão doce o chorar, pedir por ti!..
é dor suavissima elevar-se a alma
n'este enlevo de fé, que diz ao Eterno:
Senhor! em vosso amor entrou um anjo!
Senhor! dai recompensa á virtuosa!
Senhor! realisai-lhe as vivas crenças,
que lhe deram coragem na tortura!
Olhai, Senhor, tragou quanta amargura
o calix de infeliz em si continha.
Recolhei-a, meu Deus, em vosso seio...
Vai pura, não trahiu, no desespero,
a divina missão para que veio.
Mensageira da dôr, Senhor, quizeste,
mandal-a aqui soffrer... Soffreu, calada,
humilhou-se no altar do sacrificio,
o collo sujeitou á mão cruenta!
Fibra a fibra, retalhada,
gemidos... nem um só lhe ouviram homens
nem souberam, que morte a devorava,
que veneno lhe foi n'alma vertido,
nem viram gotejar o sangue occulto

do pungente cilicio, que lhe encrava
de agudo espinho o coração transido.

. . . . . .

*

Oh Alda! pavoroso sonho eu tive.

Descera a noute. Escuridão espessa,
caliginoso céo, trevas do cáhos
pesavam sobre a terra, que fremia.

No soturno rugir do fogo interno
das profundezas d'este abysmo lobrego,
d'um anjo eu vi fulgir a aza candida.
Subiu, subiu, librou-se, alto, no espaço,
e na vasta amplidão que cinge o globo,
com sonorosa voz esperta os eccos:

"Abysmo, que o tigre nutres
de infamia e de rancor!
Terra, fojo de serpentes,
latibulo d'abutres!
Potro de espinhos pungentes,
gotejantes de sangue,
onde a virtude se estorce
e desfallece, exangue.
Manda dizer-te o Senhor,
terra, terra maldita,
que o pesar, a dôr infinita,
segunda vez pungiu

a suprema omnipotencia
  da intelligencia increada,
que te fez surgir do nada,
  homem de barro vil!
Resfolga sangue, precíta,
  terra, terra maldita,
que te escondes n'um covil,
  como a fera esfomeada,
a devorar, no segredo,
  a virtude indefesa,
que se debate na presa
  do cynismo feroz!
Pavida furna do algoz,
  terra, terra maldita,
és na sciencia infinita,
  a mancha da creação,
que, tantas vezes, provocas
  eterna maldição!
Maldita sejas, oh terra!
  O teu nome maldito
soa no espaço infinito,
  na voz do Eterno,
  no urrar do inferno,
soa no canto da ave,
  que louva o Senhor,
em quanto, homem, tu blasphemas,
  Caim sanguinolento,
  de infamia avarento,
contra a virtude dos céos,
que desce á terra, um momento,

contra o santo soffrimento,
contra ti, e contra Deus!
Terra, terra maldita,
és, na sciencia infinita,
a mancha da creação,
que tantas vezes provocas
eterna maldição!
Maldita sejas, oh terra,
como Lucifer, maldita
da maldição infinita,
que o anjo mau fulminou."

*

E o meu sonho mudou. Rasgam-se as trevas.
Limpidas nuvens, pelo sol douradas,
a prumo, sobre o globo, a fronte erguem
ás campinas do céo, côr da ametista.
Do seio d'ellas, que tocara o anjo,
da maldição de Deus, terrivel nuncio,
oh Alda, rutilaste d'improviso.
Ligeira vibração te vibra as orlas
da candida mortalha. A fronte cinge-t'a
de myrtho funeral verde grinalda.
Teu rosto é livido, e as pendidas palpebras
são roxas, côr dos labios mal cerrados,
d'aquelle extremo "adeus" que murmuraste,
cingida ao coração da mãe, que apertas,
ao seio reprezado de amarguras,
no desejo de erguel-a ao céo comtigo.
Tres vezes te chamei, Alda! Teu nome

não tinha ecco na mansão da gloria.
Teus olhos não abriste á luz da terra;
teus labios não moveste á falla d'homens.
Os anjos, esses sim, ao perpassarem
em luminosas legiões no espaço,
osculavam teu rosto, e tu sorrias
um rapido sorrir.

Depois, oh Alda,
os anjos pararam,
as harpas calaram
os cantos, que ouvi.
Silencio profundo
nos orbes do mundo
se fez, n'esse instante.
Celeste scintilla
n'um disco rutila
em volta de ti.
E a terra a teus pés
aos justos da terra
pergunta quem és;
e os justos levantam
as mãos, e descantam
um psalmo ao Senhor.
E os anjos, e os santos
respondem aos cantos,
que sobem daqui.
Silencio profundo
nos orbes do mundo
reinára, outra vez.

Os olhos abriste,
e a terra, que viste,
chorando, tu vês.
Os labios frementes
entoam gementes,
chorada canção.
Oh Alda, teu hymno
humano e divino
recordo... era assim:

"Soffri... soffri, muito.:. na curta existencia,
mas longa de maguas, sem culpa, Senhor!
Fui grande nas crenças do amor, que previa;
e, ao vêr quanto a vida real nos mentia,
senti que era grande, nos transes da dôr.

"Sonhei, cómo sonha a candura... Embalei-me
nos mysticos hymnos da lyra infantil.
Pensava que á debil razão da pureza,
nas luctas do crime, bastava a defeza
da propria candura... vaidade pueril!

"Diziam que a vida era eivada de dôres,
contavam martyrios, em volta de mim;
ouvia, e pensava que o mal era o premio,
de quem procurava delicias no gremio,
do *mundo*, que exulta em mentido festim.

"No ermo escondida, obscura, sem nome,
meus pobres desejos ninguem m'os vedou;

soffria, se, ás vezes, a brisa nocturna
levava de rastos a candida urna
do aroma da rosa, que um sopro esfolhou.

"Ao longe, o que eu via no drama da vida,
mal posso dizel-o... não era ambição!
Dizia-me a alma, que, ao longe, existia
o anjo n'um homem... um sonho que, um dia,
devera espertar-me em ditosa affeição.

"E esperava anciosa a promessa do instincto.
Por elle ás estrellas do céo perguntei;
das brisas da noute seu nome aprendia;
nas sombras da acacia pensava que o via
colher-me o suspiro que, em vão, suspirei.

"E esperava anciosa, por elle, indecisa
imagem d'archanjo, que, em sonhos fluctua.
No peito, escondido, calava o mysterio,
ninguem me seguira no extase aerio,
amor confiado aos silencios da lua.

"Senhor, depois vi, quanto a mente anciara,
um ente, a dizer-me:—Em sonhos te vi.
Sonhei-te no berço, busquei-te no mundo...
És tu... deves sêl-o!.. és o mytho profundo
que em traços divinos na alma esculpi!—

'Pois sim, serei tua... a ti me consagro...
Sou tua e não minha... é teu este amor!

Serás meu verdugo, se lagrimas queres,
se o pranto é destino de tantas mulheres,
será meu destino humildade na dôr! '

"Ouviu-me, e nos labios passou-lhe um sorriso...
d'amor? de piedade? quem sabe dizer!
Exprime-se em risos a alma corrupta?
no labio o sarcasmo revela essa lucta,
que, em risos, procura o perverso esconder?

"Depois... tudo soube, Senhor! A desgraça
toldou de improviso de negro o meu céo!
Apenas trilhára no mundo um só passo,
eu li na tristeza d'esse homem... "cansaço"
sepulcro d'affecto que nunca nasceu!

"Cahi, Deus eterno, cahi das alturas
do orgulho, da esp'rança, do amor, da illusão!
Senti gêlo n'alma, senti que tal sorte
não tinha recurso entre a vida e a morte...
Morrer com valor fora a minha ambição!

"Ai! tudo que a terra na infancia me dava
de bello, de puro, de encanto, e d'amor,
vestiu-se de negro, de enfado, e de enojo,
cahi de abatida... esta fronte de rojo
não pôde exaltar-se até vós, oh Senhor!

"Gemi, solitaria... ninguem pôde ouvir-me
gemidos represos no peito... ninguem!

Impuz á minh'alma um silencio forçado...
Calei-os... e a campa, mysterio sagrado,
não hade na terra contal-os tambem.

"Senhor! dai-me um premio por tanta amargura,
um premio que a martyr vos pede... o perdão!
Perdão, para o homem, que fica no mundo,
no peito cevando um remorso profundo,
qual sombra do crime, fatal punição!"

CÔRO D'ANJOS

"Graças, Senhor, que remiste
do captiveiro da vida
a pobre mulher cuspida
na face, no coração!
Graças, Senhor, que desceste
vossa mão compadecida
ao atormentado abysmo
d'aquella immensa afflicção.
Graças, Senhor, que tiveste
compaixão da desvalida,
da pobre mulher cuspida
na face, no coração!

XIV

E, por tanto, o mundo é triste,
vorazes herpes consomem
a natureza corrupta,
sordida, vil, dissoluta,
degenerada no homem.
O crime ostenta-se, impune,
com desgarro insultoso.
Ao opprobrio o ouro une
um privilegio affrontoso
de aviltada tolerancia.
D'aqui foge, espavorida,
a virtude que não curva
á insolente arrogancia,
ao despejado impudor

que vos arremessa á face,
o dinheiro affrontador.

*

Filha, vergontea mimosa,
nascida á orla do abysmo,
olha o sorvedouro immundo
d'onde o esqualido cynismo
te vê crescer para o mundo!
Vê, na voragem, sumidas
tantas affeições cuspidas,
augustas crenças manchadas,
tantas almas combalidas,
flores d'uma hora manchadas
pelo espirito do seculo!

*

E é assim o mundo, filha!
Lê-me estes quadros: decóra,
imprime-os no coração.
Mas o tom d'estas palavras
os teus ouvidos desflora?..
Illusões te mato?.. Embora...
Eu sei que a alma se humilha,
quando se vê, tão de rastos,
em tão baixa condição.
Mas o mundo é este... aprende-o...
Quero erguer-te o véo do enigma;

desde já... creança, entende-o,
qual elle é... não te aventures
a sondal-o, em outra idade,
quando o capricho, a vaidade,
mais calculada, e subtil,
cuida que póde em belleza,
o que não póde a destresa,
simulada em torpe ardil.

*

Verdade amarga! É forçoso,
custa muito acerbas dôres
pegar da mão innocente,
conduzil-a aonde as flores
tem o aspide latente,
e dizer-lhe: "a flor da fé,
nas illusões da candura,
filha, esmaga com teu pé,
porque não achas ventura,
como a quer teu coração.
Sonhaste affectos?.. mentira...
Reprime a santa ambição,
antes que o mundo te fira
com desenganos mortaes.
O genio inspira-te imagens,
na região, onde vais
pedir culto e vassalagens
ao teu amor grande e nobre?
Quebra a lyra, o mundo é pobre,

não tem amor para ti...
Ovações, premios á lyra,
não se dão... roubam-se aqui."

*
*

Verdade amarga!..
Foi crime,
foi talvez em outras eras,
deslusir doces chimeras,
o melhor que a vida tem!..
n'essas epochas austeras
de temor, e amor a Deos,
eram infames as frontes
que enastram, hoje, tropheus.
A innocencia velada
era a seducção punida.
Podia a fé, descuidada
pelos desvios da vida,
confiar-se ás illusões.
Entre o dever e as paixões
estava Deos... nome intruso,
dizem os sabios do tempo,
pelo fantasma do medo.
Provou-se inutil, escuso
esse mytho, vão segredo,
que abastarda o coração!..
É que o amor quer expandir-se,
nos horisontes infindos
da fervente aspiração!

Quer tocar dos sonhos lindos
a realidade, o goso,
que nenhum Deus caprichoso
manda sentir, e conter!

Entre as paixões e o dever,
que nos dais, sabios? que lei
em vosso nome, philosophos,
á innocencia darei?

*

Uma só. Filha, não temas
manchar as crenças supremas,
que te elevam para o céo,
se, tão cedo, ascosas manchas
és forçosa a vêr, aqui.
Ninguem tens... filha, sou eu,
eu só, entre o mundo e ti.
Contra elle as debeis armas,
as que eu tenho, elle m'as deu;
ostentou-se-me qual era,
envelheceu-me, n'um dia
tanto viço e primavera,
tanto amor, que se expandia,
em troca de vituperios...

*

Anjo, crê, não ha mysterios
que tu não possas sondar.

Tudo aqui descobre a face,
tudo se mostra qual é.
Temes as chagas tocar
d'este mundo apodrentado,
sem o balsamo da fé?
Não temas! Abre esses livros
onde o genio atormentado
horriveis quadros gravou.
Caia, embora, espedaçado
o véo, que a terra separa,
do ideal santo de crenças,
que a tua infancia sonhou.
Deixa-o cahir... tarde ou cedo...
chorarias... sem remedio...
quando o mentido segredo
te rasgasse alheia mão...
Rasga-o tu, que, n'esse esforço,
quebras o espinho ao remorso,
poupas muito do que é vida,
crença e luz, no coração.

*

Ouve:
Que a flor mais recatada,
toda amor, e candidez,
sem ambições, descuidada,
tranquilla, acalentada,
em recordações talvez,
d'altos céos onde avoára

para vir pousar aqui...
um anjo, filha, que eu vi,
e, na alma, retratára,
com bellos traços, que, apenas,
vejo impressos, hoje, em ti...
essa, que o mundo apontára
inacessivel, defesa
ao astucioso verme
das sceleradas paixões,
affrontosas á pureza!..
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

*

Que é do teu aroma, flôr?
a tua alvura, açucena?
como pôde o ardente amor
d'aquella immensa paixão
esfriar, tão cedo, cinza,
de escandecido vulcão!
Como póde ser que eu sinta
sobre o peito, fria a mão,
quando peço ao meu passado
reminiscencias de ti!
Que triste imagem, sem alma,
hoje te vejo, tão outra,
d'aquella imagem, que eu vi,
quando prostrado a teus pés,

te pedia... o que?.. que fosses
a desgraçada, que hoje és!..
.....
.....

*

Filha! se ha thesouro, caro
de soffrimentos que apenas
recordal-os... é morrer...
és um thesouro de lagrimas,
que me sorris, e condemnas;
dás-me instantes de prazer,
em troca d'annos cortados
por pungidora afflicção.
Vês-me nos labios forçados
o sorriso contrafeito
que responde ao beijo terno,
mas não vês que dôr, que inferno,
escondo no coração.

XV

Deixa-me recordar, Maria, um hymno
de fé, verdade, e amor,
ouvido por ti só.
Ouça-o agora o mundo... eu profanei-o...
E tu... ambos, no pó,
calcamos essa flôr.

Não recordas? Eu sim! Passaram annos,
revoltos de paixões,
muito ao longe de ti.
A saudade não mata... é grande o homem!
Vence sempre, e eu venci...
Achei consolações!

Mas não pude esquecer-te... O que tu fôras
quem sêl-o poderia,
na terra para mim?
"Mulheres"? essas não! A alma nutre-se
de enlevos, sem um fim...
se o tem, a alma esfria.

Escuta o hymno:

*

Em horas d'agonia,
quando, em volta de mim tudo era triste,
meu anjo, eu te chamei, e tu me ouviste.

Quasi extincta sentia,
no frio coração, a luz do amor,
meu anjo, eu te chamei, na minha dôr.

Sem fé, sem luz, sem guia
sem alma para o mal, nem para o bem,
virtude e crime olhava com desdem.

O meu passado eu via
de pallidas saudades nubloso...
sentir assim é triste... é tormentoso!

Contristada, sombria,
a alma perde aquella ardente ancia,
que tão rica d'esp'ranças vem na infancia.

E d'esta dôr vivia
o pobre coração. . . n'este morrer!
Affiz-me ao fel. . . achei no fel prazer!

Ao perto me sorria
a estancia, onde não pulsa o coração. . .
Mal sabes quanto dóe sorrir então!

Apaga-se a poesia,
os alentos congelam-se. . . Que resta?
O calculo, sem fé, que o mundo empresta.

XVI

Saudade, que me dóes, não fujas, crava
o teu pungente espinho sem piedade;
grava em meu coração, ó deusa, grava
os bellos quadros da florída idade.
Eu quero padecer. Dest'alma trava,
assombra-a de tristezas, ó saudade.
Cala-me os hymnos do fallaz futuro;
traz-me o passado, e aquelle amor tão puro.

*

Aquelle amor... Não podem já dizel-o
labios affeitos a mentir amores;
recorda o coração o quadro bello,

mas não podem pintal-o falsas côres.
A phrase é falsa, é louco, é vão disvelo
querer d'árido peito haurir verdores.
Não sinto, não, por mais que o seio abra,
ungir-me a fé a juvenil palavra.

*

Comigo estás, mulher, sempre comigo;
em sonhos, és, qual foste, um anjo, um nume;
brilha o sorriso no teu rosto amigo,
ferem teus olhos da paixão o lume.
Não acha em nosso peito infausto abrigo
o Lucifer maldito do ciume:
em sonhos, és, qual foste, o dom extremo
que concede aos da terra o Ser-Supremo.

*

E pude-te perder, thesouro immenso,
apoz tamanha lucta de incerteza!
e pude arrefecer o fogo intenso,
fundindo n'elle a unica riqueza
que n'este mundo tinha... Ai! quando penso
que, n'este amor, senti mais que avareza,
como Job na penuria trasformado,
suspeito que o Senhor me ha castigado.

*

Recorda-te. Era o sol no occidente,
beijavam-te seus raios moribundos.

Eramos dous, uma só alma ardente,
voando d'este mundo a novos mundos
o labio estava mudo; mas vehemente
orava o coração; ambos jucundos,
anhelantes d'amor, n'esse transporte,
talvez a Deus pedissemos a morte.

*

Pedimos, sim; tal foi nossa ventura
que logo alli nos excrucia o medo
do breve instante que a bonança dura
n'este de prantos misero degredo.
Um nefasto presagio nos augura
á nossa doce crença a morte cedo:
nos extremos da dôr, ou da alegria
pede-se a campa como a eu pedia.

*

Porque te amei eu tanto, se era crime
que o meu amor egoista e delirante
calcasse a impia lei que te reprime
pulsar no peito o coração amante?
Se a mão do homem n'essa fronte imprime
de serva humilde o stygma aviltante,
porque fui eu, em louco amor acceso,
fazer-te dos grilhões sentir o peso?!

*

Querida, o teu viver era um lethargo;
nenhuma aspiração te atormentava;
affeita já do jugo ao duro cargo
teu peito nem sequer desafogava.
Fui eu que te apontei um mundo largo
de novas sensações; teu peito anciava
ouvindo-me contar entre caricias
do livre e ardente amor tantas delicias.

*

Não te mentira, não. Sentiste-o, filha,
esse amor infinito e immaculado,
estrella maga e que, incessante, brilha,
no puro peito ao casto amor sagrado;
affecto nobre, que jámais partilha
o coração de vicios ulcerado.
Não sentes, nem recordas já, sequer?
Quem d'este amor te despenhou, mulher?

*

Eu não. Se muitos crimes me deslusem,
se pôde trasviar-me o seu incanto,
ao menos, uma só me não recusem,
uma virtude só: amar-te tanto.
Embora injurias contra mim se cruzem,
cuspindo insultos n'este amor tão santo,
diz tu quem fui, quem sou, e se é verdade
o opprobrio aviltador da sociedade.

E eu disse-te: "Este amor não te condemna,
perante Deus, perante a consciencia;
pódes o mundo contemplar serena
qual virgem soberana de innocencia;
o remorso cruel não te invenena
o sentimento d'esta infinda ausencia;
se eu, por ventura, de ti fôr olhado,
não volverás o rosto envergonhado.

*

Não é verdade, pois, irman querida,
que não houve mulher mais adorada?
Escuta o coração: viste na vida
consagrar-se affeição mais recatada?
Conheces que jámais foste trahida,
nem podes ser com outra confrontada?
Sabes o que é amor profundo e eterno,
que foi meu céo, e me é hoje inferno?

. . . . . .

*

Por que assim me despenhaste
n'esta insanavel tristesa?
Dá-me conta da puresa
da alma, que te entreguei.
Dá-me os prantos que eu chorava
quando tuas mãos beijei.
Dá-me as preces, que eu orava,
as preces que eu já não sei!..

XVII

Pude na alma concentrar-me,
vivos lances recordar-me,
lances d'aquelles meus dias,
poucos, longos de agonias,
sacrificados a ti.
Escravo, a rastos, se querias,
renunciei-me, aviltei-me,
d'altivo, que era, desci,
para elevar-me a teus olhos.
Entre nós a tempestade
da tartufa sociedade
cavára abysmos e escolhos,
humilhações, que venci...
Tudo por ti!

Soberbo, e ingrato furtei-me
ás honrosas condições,
com que fizera infelizes
nobres, puros, corações
que conspiravam em dar-me
novos alentos no amor;
fui cruel, por libertar-me,
fiz-me escravo, e fui traidor.
Quiz altear o teu prestigio,
incensando-te, sem alma,
cada affecto, e cada palma,
que, em peitos nobres, colhi.
Impassivel, vi correrem
bagas de pranto, e sorri...
Fiz de bronze o coração,
abafei a compaixão...
Tudo por ti!

*

Eras escrava... eu sabia,
o teu pranto m'o dizia;
mas esse pranto mentia;
pois que nunca a mulher nobre
o seu tormento descobre,
quando algemas a comprimem.
As que, a esmo, vão chorando
um barato pranto, imprimem,
como vergonhoso indicio,
em cada lagrima fria,

indelevel, feia mancha,
no seu falso sacrificio
de mentirosa agonia...
E, comtudo, eu pude absorto,
no carpido desconforto,
com que choravas, Maria,
pude crêr-te, pude amar-te
essa dôr abençoar-te,
como irmão, acarinhar-te,
soffrer comtigo... e soffri...
Affrontei... affrontaria
com deshonrosa ufania
quantos verdugos o odio
conjurava contra ti.
Soffrera opprobrios... bem sabes
que affrontas, mudo, curti...
Soffrera novas, e muitas...
Tudo por ti!

*

Apaixonada, rendida,
não temias vêr manchada
tua honra, e denegrida
essa alma immaculada
de aleivosas tentações.
N'esse languido quebranto
de contrafeita tristeza,
que impostor era o teu pranto
de moribunda pureza!

E eu, tão velho n'esta lida
de sondar os corações,
deixei-me ir, cega creança,
ao sabor das commoções,
de ternura, e confiança,
com que a mim te abandonavas.
N'aquelle pranto... cuidavas
que eu via a dôr d'um remorso
presentido, antes do crime?
Vi, de certo, vi... e o esforço,
com que o homem se reprime
na presença d'essa dôr...
É sublime, é maravilha!
luz do céo, que, raro, brilha
no que ha nome aqui d'*amor*.

"Pura ainda d'uma nodoa,
n'esta face heide cuspir!..
Esta consciencia é pura...
e ámanhã hade a tortura
este pobre anjo pungir,
abandonado, talvez,
por quem abysmos lhe cava
de perdição, a seus pés!"

Não! virtude é tua a gloria!
Venceste! desceste aqui,
quando o homem vacillante,
entre a mulher supplicante,
e o fogo vivo do amante,

alheado já de si...
vai manchar... E não manchei!..
De meus pés pura te ergui...

"Serás anjo qual tens sido...
Serás! não profanarei,
esse laço santo, e ungido
pelos homens, ou por Deus...
Mulher... vês? não te perdi...
És, qual foste a casta esposa,
que, a soffrer vida de penas,
não pisaste uma só rosa
da florida capella,
que te faz, na dôr, mais bella,
e, quanto mais desditosa,
mais radiosa!.. assim te vi...
Anjo, assim te deixarei...
Perder mais?.. mais perderei.
Tudo por ti!..
. . . . . .

*

Ai!.. escrupulos de poeta
são como a nescia innocencia...
Pobre crente!.. O bem pintado
d'uma estudada apparencia
pinta-lhe coisas!.. coitado!
O dom Quichote moderno,
não vê moinhos, vê anjos.

Sempre sceptico, no inferno
das desillusões, se o quer
uma pouca d'arte e estudo,
arma subtil da mulher,
o desgraçado vê tudo!

*

E, depois, a "prosa" diz-lhe:
aquelle "anjo" puro e limpo
de feias manchas da culpa,
que tu pozeste no olympo
cahiu do seu pedestal,
não em braços de poeta,
que lhe prégasse moral
beata, honrosa, e discreta...

Bardo! o teu casto evangelho
desagrada já, de velho,
de infecundo, frio, e insosso!..
Os teus affectos são mythos...
Desce os vôos infinitos
da região da chimera
ás paixões... de carne e osso.

XVIII

. . . . . .

Pois, se eu não tenho alma
que supere o desconforto,
porque sorris, homem frivolo,
se te digo que estou morto?
se, perdida a esp'rança, existo,
sem amar, sem crêr, sem fé...
se não é morte, o que é isto?
Pois um cadaver que é?

Esta vida é já castigo,
é já inferno em que peno;
vês palpitar minhas veias?
Ai! não é sangue, é veneno.

XIX

Ditosos são aquelles que percorrem
as difficeis paragens d'esta vida
opulentos de seiva, onde não morrem
os vividos alentos da paixão.
Ditosos, porque tem, no transe extremo,
na alma hymnos d'amor ao Deus supremo
e ao mundo um suave adeus, no coração.

Assim, que poucos vão d'aqui ditosos,
quão poucos os que vem com alma aqui!..
Seus ultimos instantes são penosos,
excruciada a vida lhes correu!
Assim lhe fôra a vida ao pobre amigo!
Ao resvalar-lhe o pé sobre o jazigo,
do fel o trago extremo, alli, bebeu.

Cortado de afflicções, sorrindo a ellas,
a mão d'amigo dando ao inimigo,
acarinhando a morte, entre as procellas,
que a vil má fé do homem levantou,
do berço á sepultura vai sereno
a sorrir da tristeza ao torvo aceno
que, em leito de agonias, lhe acenou.

Caminha e leva n'alma attribulada
imagem de mulher, roubada ao mundo...
mulher, em vil leilão mercadejada,
acorrentada aos pés do seu chatim...
Resgatal-a... por quanto?.. é pouco o sangue,
a força é debil n'esse corpo exangue,
a vida não resgata, a morte sim!

Mau foi sevar paixões com sangue d'alma,
paixões, que o mundo diz "infando crime"...
o mundo, em cujo seio abrolha a palma
do austero pundonor... sempre ironia!..
Mau foi deixar nutrir no seio a esp'rança,
sem ter, no ardil, travado uma alliança
co'a regia estupidez, co'a hypocrisia.

Hasteam-lhe uma cruz, cingem-lhe a fronte
de espinhos, e de fel rossam-lhe os labios;
não ha birbante alvar que o não affronte,
reptil ascoso, que o não manche aqui!
Alma soberba que és na dôr sublime,

deixas á turba condemnar um crime,
que não te accusa a consciencia em ti!

A fronte já pendida ao pó do nada
cuspida e iujuriada tenta erguer-se...
Levanta-se, e, n'um grito, a dôr rasgada,
na fibra derradeira, é "maldição!"
Seu cantico suavissimo de morte,
depois é fé, e amor!... Morreu um forte...
Agora, arraia vil!.. piza-o no chão!

XX

És tu, Angela? é de ti,
que me vem esta frescura
de celeste orvalho á alma,
requeimada de secura,
sedenta dos gratos pomos
que saboreia a paixão?
Tentas rasgar a espessura
das trevas do coração,
com os lucidos assomos
da minha estrella d'amor,
perdida, ha muito, na escura
cerração da minha esp'rança?

Mensageira de bonança,

quem te ha dito a minha dôr?
Quem te segreda a amargura,
que devora o esquecido,
o solitario cantor
de abrasadoras saudades?
D'onde vens "irman"? Que impulso
te fez voar para mim?
Dilecta filha do genio
que me contas os supplicios,
que, a soffrer, na terra, vim!

*

Angela! crê-me... Ha um destino,
deve havel-o... é um segredo,
entre o humano e o divino,
obra do céo, que os proscriptos,
rebeldes em seu degredo,
dizem ser fatalidade!
Sei.

Sei que vivo, ha annos,
quasi extincta a mocidade,
esperando... não sabia,
que novo astro, que dia
d'outra vida para mim.
Descrido em sonhos, descria
d'aquelle anhelo ideal,
arrobo d'alma sem fim,
que, a poder muito podia,

só dizer-me; "és immortal!
Esse espirito, que estala
as gastas cordas do peito,
não dorme o somno do leito
d'aquella gélida vala!"

*

Nada mais! D'aqui da terra
fugira, tudo, que fôra
luz d'estrella precursora
de venturas mallogradas.

Nada a esperar! E, comtudo,
tantas vezes me dizia
um brado intimo, mudo,
agra e dôce prophecia:
"crê e espera a fada errante
em regiões onde habitam
os espiritos, que anceias,
abrasada e anhelante
das pulsações, que palpitam
corações, orphãos, aqui...
Crê e espera! Anjo é, e existe
perto e longe. Vive em ti,
porque sente, e foge, expulsa,
como tu da turba ignara...
Vive da vida, que pulsa
tua alma ardente, avara
d'uma ventura impossivel."

Impossivel!.. Angela, vês?
Impossivel... Póde a alma
presentir-te, adivinhar-te,
póde erguer-se, acompanhar-te
no sublime, onde respiras,
mas... feliz... não póde ser,
nem por crenças, que lhe inspiras,
nem do amor santo, espontaneo,
que não se sente nascer...
que vem de dentro, instantaneo,
como lava irresistivel,
fogo de intenso prazer...

Angela... vês?.. é impossivel!
. . . . . .

*

E, comtudo, é outra a vida,
outra alma esta que eu sinto!
Se é soffrer... a taça é outra...
travor novo o do absyntho.
Em tua fronte, esculpida
vejo a sina do talento,
altos segredos do instincto
no sondar do soffrimento.
Ouvi sons da tua lyra,
e d'ouvil-a, estremeci...
Quem será, que vem dizer-me,
n'estes sons mysteriosos,

que chorára, e que sentira
em segredo, o que eu soffri?
Ha dous orphãos desditosos,
ha dous ermos tormentosos,
onde os sons de dous gemidos
choram em triste harmonia?
Existes, anjo, entre os homens,
ou teus hymnos vem, mentidos,
insultar minha agonia!?

*

Existia!

Irradiava-se
d'aquelle rosto a scintilla,
como ether luminoso
da electrica pupilla.
Na tez pallida, mostrava-se
o doer continuo intenso,
o scismar triste n'um goso
impossivel... e adorado,
com toda a alma da infancia,
com todo o amor, todo o incenso
da abrasada juventude,
reprimida em sua ancia.

Existia!

Eu nunca pude
esquecel-a... esquecerei-a?..

cizelada, como a estatua
da Nióbe, que prantea,
no da alma mudo pranto,
o morrer de tudo, quanto
lhe adoçára a vida aqui!..

*

Não! oh Angela, por ti,
que farei?.. Diz-m'o, propheta!
Onde irá comtigo o espirito?
Em que céos te luz a méta
do meu destino, e do teu?
Só tu pódes, tu, poeta,
que concebes o que eu sou,
dissipar a sombra, o véo
que me esconde ao longe o enigma
que ninguem prophetisou.

XXI

Amizade, dom precioso,
perfume santo na ara
do tranquillo e eterno goso;

Alva perola, tão rara
das paixões no oceano iroso;

Amizade, luz querida
de corações, que poderam,
entre as ruinas tristonhas
das illusões, que perderam,
salvar-vos, crenças risonhas
na lealdade do amigo;

Halito suave e sereno
de peito de homem, sem seiva,
porque o sceptico veneno,
infiltrado, ulcéra e eiva
o melhor do coração;

Formosa, vem bafejar-me,
com singela espiração,
a corda asperrima, rude
do luctuoso alaude,
sempre gemente e funereo!

Dá que eu possa a ti altear-me
d'este baixo, e positivo
viver de maguas rasteiras,
em que morre o estro vivo,
sem ideal, sem mysterio,
como elle é n'aquella dôr,
grande, e ardente do amor.
Ai! suavissimo martyrio,
que, em quanto a vida golpea,
deixa expandir-se em delirio
a febre d'alma, que ancea!

Não! meu Deus! é agro o calix...
Affastai-o! Antes assim...
antes n'alma esta frialdade,
esta languida atonia,
triste, e escura soledade,
profundo somno, sem fim,

continua noite sem dia!
Mas, Senhor! n'esta pobreza
de commoções que dão vida
fogosa, cálida, ardida,
dai-me o placido remanso
d'aquella branda amizade,
d'aquelle affago d'irmão,
em que me acolho e descanso
das luctas do coração!

*

Amigo! vê que estas paginas
são minha alma! Vieram
aos labios, que t'as disseram,
do coração, que t'as disse.
Eu não me escondo a teus olhos!
Sabes que soffro... sabias
que profundas agonias,
ha muito, escondo... e de mim!
Predisseste, muitas vezes,
os desastrados revezes
a que vieste, e a que vim!
Quasi marcaste o momento,
em que tanto sentimento
expirar devera, em fim.

E expirou!
Que salvei eu
d'esse opulento thesouro

d'affeições? Só tenho um louro,
o meu mais caro tropheu...
É teu nome, amigo, aqui,
como a primeira expressão,
que saudei, quando a escrevi
no livro da solidão...
Deixa que falle a vaidade,
outra, já não tenho, amigo...
Deixa expandir-se a amizade.
Este orgulho é justo e nobre,
engrandece-se comtigo;
dou-te um nome, que não posso
dar no mundo a mais alguem...
Foi condão, só meu, só nosso,
esta alliança de extremos
que te devo... Aos labios vem,
vem da alma a confissão...
Fiz-t'a já, sem pejo, amigo,
quando em ti, buscando um abrigo,
encontrei braços de irmão...
. . . . . .

*

Olha... eu vim buscar ao ermo
paz, e um novo coração...
Ai! não póde já fazer-m'o
tal milagre a solidão.
Sentir profunda saudade
do amor, que, em outra idade,

me deu vida, alento, e ar...
Pude! Amei, senti, transpuz
a minha alma abatida
aos jardins d'aquella vida
cheia de flores e luz...

Tens assim horas, no dia,
attribuladas na cruz
da saudade, e da agonia?

*

Illusão! ainda és bella,
mesmo pallida e sombria!
Na longa noite da alma
brilhas, instantes, mas brilhas!..
Rica das pompas do dia,
um relampago desferes
de deslumbrante poesia;
mas depressa a luz se apaga,
que o artificio accendeu...
A arte morre esvahida,
onde o coração morreu.

XXII

*

Mulher! onde has descido que não vejo
vestigios teus no mundo onde hei subido,
queimando incensos puros de um desejo
tres vezes santo, só a Deus devido?
Busquei-te n'um altar com teu cortejo
dos anjos, teus irmãos... Tinhas fugido,
fugido para a terra, onde perdida
nem memoria já tens d'uma outra vida!

*

E a buscar-te, assim, vão indo tristes
meus já tão longos dias! Longos annos
contai em vida breve, se não vistes
durarem muito os magicos enganos.

Ó sonhos infantís, que me fugistes,
d'esta vida mostrando-me os arcanos,
volvei, sonhos, volvei, ainda um dia;
pousai sobre o meu leito de agonia.

*

Deixai-me vêr o céo da minha infancia,
aquelle céo de estrellas namoradas,
por onde se perdia esta alma em ancia
de crenças que nem já tenho sonhadas.
Deixai-me inda aspirar essa fragrancia
de viridentes flores cultivadas
por mãos de archanjos, que lá vão perdidos
comvosco, ó sonhos, nunca mais volvidos!

*

Eu fui sempre infeliz. Alma abrasada
em anhelos d'amor sempre impossiveis,
seguindo uma visão, palpava o nada,
o nada, o vacuo... sensações horriveis!
De novo, erguia a crença despenhada
aos mysterios d'amor incomprehensiveis;
e, quando a esp'rança, toda luz, radiava,
subita escuridão meu céo toldava.

*

*

Que importáva ter alma enthusiasta
de formosas mentiras d'esta vida?
Sonhar o bello, em vão, é dôr, e gasta
no devorar-se a alma em insana lida.
Não é cynismo, não, que nos arrasta
ao baixo affecto de alma desflorida...
Ha delicias no amor? queres gostal-as?
Desce, aqui, do teu céo, para encontral-as...

*

É isto o coração? a vida? o homem?
Amor é isto só? n'um goso breve
se esfriam os vulcões que nos consomem,
e amarga esponja as lagrimas imbebe?
Aonde, aonde essas visões se somem,
visões queridas do sonhar tão leve
na doce madrugada dos amores,
em que ha prantos e bençãos para as dôres?

*

Ai! não. A vida é mais. A bella imagem,
o rutilo phantasma que extasia,
que nos captiva e acurva á vassalagem,
e, a cada instante, a crença ludibria;
essa eterna visão, fallaz miragem,
que aos sequiosos labios nos mentia,
segue-nos sempre, ou sempre a nós seguimos,
e, ao pé da campa, ainda a lá sentimos.

O que é dizer "estou morto"? Van mentira!
não morrem corações predestinados
para este amor profundo que delira
em febre de desejos mallogrados;
em quanto um hausto de ar o peito espira,
em quanto os olhos buscam arrobados
sobre a terra a mulher que Deus não fez,
não se morre... agonisa-se, talvez.

XXIII

Mentira! escarneo atroz!.. Hontem vivia...
ainda hontem poisou sobre meu seio
a celeste ave. E a pomba mensageira,
fallou-me do seu céo! tanta alegria
lhe irradiava a fronte! e com que enleio
me disse: Este raminho de oliveira
é symbolo de paz! A tempestade
de tua vida passou. Repousa agora
no regaço da candida amisade.
Aqui me tens... Mas olha esta alma chora...
Presinto a morte breve... E tu sósinho
e, tu sem mim, perdido irás na senda
d'aquelle em que te eu vi fatal caminho
da infamia, do remorso.! Ai! eu não quero!
Tens força? tens? supplica a Deus comigo
pede-lhe a morte, pede que eu espero.

XXIV

Abre-te, meu coração, ás grandes dôres,
de lagrimas te nutre! Ergue-te, alma,
ao teu abatimento: olha, e contempla
as muitas não sabidas agonias
escondidas no lodo da miseria.
Olha e contempla, e, a chorar sobre ellas,
esquece as tuas phantasias negras.

XXV

A pobre mãe, sentada entre os dous filhos,
do peito os aconchega, e diz: "quecei-vos,
filhinhos: não choreis... É fome?.. eu dei-vos
o pão todo que eu tinha... Ora, esperai...
Eu tenho aqui o livro em que rezava
a vossa santa avó; irei vendel-o...
não volta mais a santa ao mundo a lel-o...
Tereis hoje mais pão, filhos sem pai!"

Comsigo a mãe os leva aconchegados
nas dobras do capote. Um dos meninos
folheava com os dedos pequeninos
o livro, e certa imagem queria vêr.
A estampa era Jesus preso á columna;

costumava beijal-a a criancinha:
achou-a, deu-lhe um beijo, e a pobresinha
quizera já seu livro não vender.

Susteve-se, e pensou: "... Mas os meus filhos! ..
e a fome! .. e as longas noites de dezembro! ..
e o dia de ámanhã! .. Eu não me lembro
de nada mais que venda. . ." E caminhou. . .
Viu pão n'um taboleiro: entrou á loja,
e disse, a soluçar de dôr e abalo:
"Quanto val este livro? quer compral-o?
—Veremos. . .—disse alguem; e examinou.

—De que serve?—pergunta um homem nedio,
os oculos montando mui de espaço;—
—já falta n'esta folha um bom pedaço,
e as outras. . . ai! que sujas que ellas são!
É livro lá do tempo d'Affonsinhos!
Tem as letras comidas n'este canto. . .
E que é feito da cara d'este santo,
que, em quanto a mim, já foi um São João?—

"As nodoas (disse a mãe das criancinhas)
são lagrimas. . . talvez! . . da santa alma,
que já se foi a Deos buscar a palma,
do muito que penou. . . d'ella é que são! . .
Talvez tambem que os dedos de meus filhos,
estragassem a pagina rasgada. . .
mas ella não tem letras. . . não faz nada
a quem quizer rezar, . . Compra-m'o ou não?

—Quanto quer?—
"Veja lá, que eu não entendo...
o que eu quero é dar pão ás criancinhas...
Valerá oito pães?.. Pelas alminhas
dê-me os oito p'ra hoje e p'r'amanhã."
O logista entregou o livro á pobre,
e disse:
—Vá com Deus! Grande empreitada!..
Tres pães inda talvez... mas oito? nada...
Um livro que já esteve na certã..!

Tomou a pobre mãe o livro, e disse:
"Pois fique-se com Deus."
E os innocentes,
que vendo o pão, sentiram, mais pungentes,
da fome as dôres, clamam: "dê-nos pão!.."
Entrega o livro a mãe:
"Pois sim, eu vendo...
Dê-me os quatro, se póde; ou tres... que importa?
A santa bem me vê aqui tão morta
de trabalhos, de fome, e de afflicção!"

O homem repassou inda tres vezes
as paginas do livro, e fez reparo
em outras nodoas feias...—Comprei caro...
—(disse elle) mas, emfim...são tres...ahi tem...—
Rompeu ella um dos pães entre os dous filhos.
De lagrimas a face tinha cheia;
e o quinhão, que tomou d'aquella cêa,
foi lagrimas... Ai! chora, pobre mãi!

Chora, se t'o não veda o mundo, chora!
És desvalida? o céo te abre um thesouro...
cadá lagrima tua é conta d'ouro,
que lá te incendra e guarda a mão de Deos.
Não cesses de chorar... semeia perolas
sobre a terra maldita! morre em dôres!
Já teus espinhos desabrocham flores...
verás que lindas são á luz dos céos!

NOTAS

PAGINA 34

Este caracter, ligeiramente esboçado, não é fantastico nos traços essenciaes. O homem, que ahi se pinta, foi, viveu, e conheci-o tal, na primeira luz do quadro, em que os accessorios, o ornato, é o que menos val. Chamava-se José Pacheco de Andrade. Oriundo de uma das mais distinctas familias de Cabeceiras de Basto, era filho do capitão-mór Serafim Pacheco dos Anjos. Senhor do vasto morgadio de Friume, em Ribeira da Penna, dissipou-o em hypothecas tão ruinosas para elle como para os especuladores, os quaes deixando morrer de fome o senhor do vinculo, viram-se despojados das regalias da fraude e dolo pelo successor immediato.

José Pacheco de Andrade, quando eu o conheci,

trazia sobre os hombros uma manta, apontoado de farrapos, uma tigela vermelha debaixo do braço, e dormia no palheiro d'um lavrador, onde creio que morreu. Representava quarenta e quatro annos, quando muito. A fome não podera ainda descompor-lhe o rosto fino e feminil. A expressão torva, panica, e repulsiva tinha-a nos olhos coruscantes e incovados. No trato era rude e affavel. Tinha asperas vaidades de fidalgo, que se esquece de que é mendigo, e mansas humiliações de mendigo, que se esquece de que é fidalgo.

A parte da sua casa, não vinculada, andava por mãos de mulheres (donzellas, não...) dotadas umas a cem, outras a duzentos mil reis: era conforme a cara, que tinham. Ás feias dava mais. Mas tudo isto fôra em bom tempo. No fim, como sabem, pedia uma tigela de caldo.

O caso é que, de tal homem, ha muito que dizer, e eu prometto dizer muito n'um romance.

PAG. 101

A ti, prodigio d'amor,
joia de extrema saudade,
um gemido, que a saudade
irá comigo gemendo
pelas veredas escuras
d'esta existencia, sem ti!

São reminiscencias dolorosas do meu amigo José Augusto da Silveira Pinto, e do naufragio de 28 de

Março de 1852. Traslado competentemente para este logar a poesia, se assim heide chamar ao gemido de mui lancinante saudade, que sahiu n'estes improvisos versos escriptos á hora em que me annunciaram a morte do meu amigo.

VERSOS Á DESVENTURA

Versos á desventura?! Sim, que ha dôres
que despertam na alma essa harmonia,
accorde som d'angustias, que soluçam
no seio da poesia.

Embora orvalhe o pranto a mão que treme
sobre as cordas da harpa da paixão,
pelo hymno, que, a gemer, ascende aos anjos,
respira o coração.

Ha tristezas no mundo inconsolaveis,
que do mundo ninguem as avalia...
Alivios... só em Deus, que o homem busca
nos vôos da poesia.

É linguagem da mágoa a voz dos carmes;
a dôr faz o poeta; é só a dôr,
que faz subir aos céo cantos ferventes,
em perfumes d'amor.

Amor! palavra santa, que aprendemos
dos anjos, quando o beijo maternal,
nos labios nos vertia esta palavra
d'uncção celestial!

Amor de Deus, amor da humanidade,
que nos faz devorar do mesmo fel,
que punge um nosso irmão, despedaçado
por saudade cruel!

Amor de Deus, amor da humanidade,
que espontaneo da alma aos olhos vem,
quando descem no tumulo d'um filho
as lagrimas de mãe!

Amor de Deus, allivio á desventura
que precisa do céo consolações...
Oh harpa do amor, se comprehenderas
d'um pai as afflicções!..

. . . . . .

. . . . . .

*

Em seu berço dorme um anjo...
que sereno é seu dormir!
Que sonhar será o d'elle?!
Não n'o vêdes a sorrir?
Perguntai á mãe, que o vela...
saberá dizel-o ella,

ella só, que é sua mãe!..
Talvez um beijo paterno
despertasse o riso terno,
que do anjinho aos labios vem!

Junto ao berço de seu filho,
que ternuras sente um pai!
Que tremor lhe abala o seio,
se o filhinho solta um ai!
Com que afago o toma ao collo,
como exprime esse consolo,
quasi delirio d'amor!
N'este affecto á innocencia
não vos falla a Providencia
pela voz do Creador?

Entre afagos e temores
cresce a tenra creancinha...
Qual dos pais mais pressuroso
a vontade lhe adivinha...
O pae lhe escuta anhelante,
n'uma voz balbuciante,
O doce nome de "pae."
A mãe, ebria d'alegria,
aos pés da Virgem Maria,
com seu filho ao collo, vai.

Pede-lhe um bello destino,
cheia d'amor e de fé...
Bello futuro a seu filho,

que do mudo escravo é.
Ergue-se, crente, e confia
na protecção de MARIA,
que foi mãe d'immenso amor!
Crê-se feliz, e segura,
Vendo, á sombra da ventura,
Ir-se abrindo aquella flôr.

*

Depois, a linda quadra dos brinquedos,
fechou-se para o filho estremecido,
e dos braços dos paes entra no mundo,
na carreira das providas sciencias.
do berço a innocencia o acompanha
convertida em bondade e singeleza.
É velho entre mancebos, que desvairam
pelas vias escuras, tortuosas,
das dementes paixões da mocidade.

Orgulho de seus paes, anjo entre amigos,
não sei que luz celeste illuminava
aquella fronte sempre pensativa!
Ás vezes esta luz mysteriosa
brilhava-lhe nas lagrimas dos olhos,
e não fosse ninguem sondar-lhe o seio,
pois calado segredo era o seu pranto.

. . . . . .

Nos bailes, onde a vida se reveste
das gallas mentirosas da alegria,
quantas vezes o vi fugir ás turbas,

vergar ao pensamento da tristeza,
buscar a solidão, buscar o amigo,
contar-lhe as pulsações da sua alma,
sacrario de honradez, defêso ao crime!
Amor de irmão, de filho... oh! se ha na terra
quem já visse no céo amarem-se anjos,
não peça um quadro, que não podem homens
em pobre linguagem dar-lhe côres!

Se no seio do filho um pae reclina
a fronte, onde alvejavam longos annos
de virtudes... irmãs do soffrimento...
se no seio da mãe repousa o filho
a face irradiante de alegria,
perdida a illusão d'outros affectos...
Se nos braços d'irmão busca um refugio,
que terrenas paixões não podem dar-lhe,
depois que as santas crenças lhe roubaram...
quem é que póde ahi pintar o affecto
que prende os corações de quatro anjos,
vivendo d'esse amor n'um só espirito,
na mesma aspiração, no mesmo enlevo!!
Mysterios d'alto amor, vinculos sanctos,
sellados pela mão da Providencia,
no coração d'um anjo!
E este era o anjo...
Era teu filho, oh pae das amarguras!
Era aquelle innocente, em alvas faxas,
que beijavas no berço, em quanto a alma,
receios do porvir te palpitava!

Tinhas n'elle o thesouro de tão gratas
esp'ranças, firme amparo d'outros filhos...
doces sonhos d'um pae, que, na velhice
ás bordas do sepulchro lega um nome,
com quantos fóros lhe engrandece a honra,
nas virtudes d'um filho digno d'elle!
Desça em teu rosto consternado pranto!
Lamenta, oh pae, a perda inconsolavel!
Vai ás rochas do mar, chama teu filho,
que, no rôlo das vagas espumantes,
invocando ó Senhor, teu nome augusto
a morte lhe gelou, talvez, nos labios!
Não ouves este som cavo e profundo,
que ruge na amplidão d'aquellas aguas?

É a voz do Senhor!.. Curva o joelho,
e pede, e clama, e chora, pois o Eterno
do tumulo já fez surgir um Lazaro!
. . . . . .

Curva, sim, o joelho, mas teus rogos
sejam preces humildes de christão!
Não digas ao teu Deus—"dá-me o meu filho...
"que eu morro d'afflicção!"

Esta vida que é? astro d'um dia,
que, sobre espinhos crus d'intensa dôr,
nossos passos dirige á eternidade
da luz, ou do terror!

Quando em braços de pae um filho expira,
chamando em seu auxilio o amor de Deus,
seu Pae, seu Creador, não lhe deu morte...
deu-lhe a vida dos céos!

Ao homem, pó da terra, fragil barro,
quebrado no seu throno d'illusão...
que lhe resta? chorar!... mas seja o pranto
d'amor, e d'oração.

Tinhas um filho, herdeiro de virtudes,
mas herdeiro tambem era dos céos!
Tu, pae, lamentarias, se escutasses
chamal-o a voz de Deus?

Humilde, no revez da desventura,
levanta para Deus tremulas mãos;
tens um filho no céo, pedindo ao Eterno
Amparo a seus irmãos!

PAG. 95

Luiza, flor d'entre as fragas

No "discurso preliminar" ás *Memorias do Carcere*, escrevi, cinco annos depois:

"... Ao seguinte dia da minha chegada, parti para a aldeia, onde passára alguns annos de minha infancia em companhia de minha irman. Alli é que me levavam memorias, que por ahi estão escriptas em livri-

nhos, de que o leitor se não lembra. Alli estava o craneo de Maria do Adro [1], e aquella Luiza...

"Ai! Luiza

... a flor dentre as fragas

que eu cantei n'um poema, escripto com as minhas ultimas lagrimas, adoçadas de esperanças! Passei por ella, e não a conheci. Meu sobrinho ia murmurando ao meu lado:

Luiza, flor d'entre as fragas,
donairosa camponeza,
typo gentil de pureza [2],
lindo esmalte das campinas,
colhes no prado as boninas?
Brincas, á tarde, na espalda
onde verdeja a alameda
da viva côr da esmeralda?
Brincas, Luiza, afagando
o que mais amas no bando,
o teu alvo cordeirinho?

"Encarei sorrindo tristemente em meu sobrinho, e elle disse-me:

—Não a vê?

—Luiza?

—Sim. Aquella que tem os braços cruzados.

[1] *Duas horas de leitura.*

[2] Não sei porque refiz este verso na 3.ª edição.

Contemplei-a, e vi... uma velha.

—Aquella que me está olhando?!—perguntei.

—A Luiza de ha quinze annos.

E eu disse entre mim: Estará ella dizendo ás outras:—Elle é aquelle velho?!

E passei ávante.

E meu sobrinho ia recitando com sentimental ironia os versos do meu poemeto consagrado áquella moça, que fôra formosa e linda:

E eu amei-a muito... Á tarde
quando o sol..... etc.

É, pois, aquella a Luiza... — murmurei tão manso que só a minha alma podia ouvir-me. E, na noute d'aquelle mesmo dia, assim que a lua assomou nas montanhas, fugi á aldeia da minha infancia, e da infancia de Luiza.....

(Memorias do Carcere.)

PAG. 147

Ditosos aquelles que percorrem
as difficeis paragens d'esta vida
opulentos de seiva, onde não morrem
os vividos alentos da paixão.
Ditosos porque teem no transe extremo,
na alma, hymnos d'amor ao Deus supremo,
e ao mundo um suave adeus, no coração.

Escrevi, ha tempo, sob a mesma impressão, uma

prosa, que me parece mais poesia que o verso, e que muito serve de commentario ao poema. Elle, o poeta, que o foi na vida, na resignação e na morte, que abraçou, sorrindo-lhe, como desgraçado e como christão, não direi quem foi. Cubra-se-lhe a face com uma dobra da mortalha de Alda. São dous nomes, que não profanarei... duas imagens magnificas na dôr e na poesia.

É esta a prosa: diz mais que os versos, penso eu:

VINTE DIAS DE AGONIA

Quiz abrir um abysmo na minha alma. Quiz envolver-me nas trevas de angustia mortal. Quiz imaginar as agonias d'um homem, que, aos vinte e seis annos, cahe na sepultura, depois de erguer-se ao ponto culminante da vida e esperança. Vi-o morrer. Morreu como se a morte, seu unico anjo d'amor, lhe desse um beijo de paz eterna na hora final. Mas os vinte derradeiros dias foram a purificação d'aquelle holocausto sublime, consummado pelas bagas d'um suor frio, pelo cahir d'uma lagrima glacial, pelo estorcimento convulso dos labios, semelhante a um sorriso.

E eu quiz compenetrar-me d'aquelle santo martyrio. Um mancebo, a escrever a pagina mais risonha, a primeira pagina das suas esperanças, apaga as letras propheticas da sua ventura com uma lufada de sangue. Sente expandir-se-lhe o coração, e retrahir-se os pulmões. O espirito de azas arrojadas ala-se aos jardins infinitos da vida. O sangue estua-lhe nas veias, e de-

pois reflue-lhe em borbotões aos labios. O anjo candido da vida ajoelha aos pés do anjo de anniquilação. A faisca electrica do amor quer allumiar aquella fronte, e a nuvem pallida da morte desluz o brilho dos incovados olhos!

Uma corôa de flores, e o capuz de uma mortalha!.. O moribundo não póde escolher. Quer vencer o destino com as orações. Quer com as mãos convulsas segurar a vida, a fugir-lhe em cada suspiro. Quer suster-lhe os bagos da ampulheta que se esvasia. Quer suspender o pendulo d'um relogio, que lhe sôa os derradeiros minutos da vida... Hasde morrer, poeta! Hasde morrer, amante! Hasde morrer, mancebo, duas vezes desgraçado!

Morreu!..

Ninguem falla d'elle!.. E eu tenho-o visto em sonhos. Passa silencioso por de sobre tumulos. A aragem, que faz gemer a ramaria do cypreste, ondula-lhe a mortalha branca. Não ha gota de sangue n'aquella tunica. Tem feições marmoreas. Os olhos, suspensos na immobilidade eterna em que os deixára o osculo da morte, vêem a magestade de Deus. Estende um braço sobre o mundo, que deixára, e assim vai, aquella visão d'um sonho, atravez da vida, como o espirito de Deus sobre a negridão amorpha do cháos.

É assim que eu o vejo, uma, cem, mil vezes. E heide vêl-o sempre, até ao dia do nosso encontro n'um mundo, onde viçam as flôres regadas com lagrimas aqui.

Tenho chamado a uma santa eucharistia aquella

alma errante. Quero a sua dôr identificada com a minha alma... Quero a angustia dos seus paroxismos. Quero muito soffrimento. Que a minha alma, illustrada pela dôr, se abra em inspirações de vidente. Quero comprehender-lhe as suas afflicções. Que o seu espirito falle em mim! Que o fremito da sua mortalha, esvoaçando sobre os tumulos, seja a afinação d'este cantico de agonias! Desce a mim, espirito de mundos invisiveis! Conta-me os segredos da morte.

I

Tenho amado tanto!.. Era eu tão novo ainda, quando senti!.. Aquella flôr d'uma lindeza tão pura, d'uma innocencia tão grandiosa... Maria! Como eu a vejo ainda, lá ao longe, n'aquelle horisonte da minha infancia!.. Eu tinha doze annos... Como era aquelle meu amor? Sei que chorava... Era a prophecia de todos os outros. Riam-se de nós... Porque? Não concebiam que o meu peito podesse conter uma alma grande! Oh meu Deus! vós não marcastes espaço ao espirito.

Eu tinha uma alma illimitada, como faisca da vossa immensidade, como raio nunca extincto da vossa luz!

Vives, Maria?

Quem sabe!.. Nem eu sei já quem tu eras. Sei que te via nas salas, e a casa onde tu vivias, não con-

serva hoje memoria da tua existencia alli. Já scismei longas horas de uma noite de abril, com os olhos fixos na janella, onde te vira doze annos antes! Espelhava-se um raio de luz na tua vidraça; pedi ao astro, que adoravamos ambos, o segredo da tua existencia, e desfalleci na desesperança de vêr-te um dia.

Morreste, Maria?

Nas vallas do cemiterio não vi teu nome, esse nome simples que eu conhecia! Meu pai era amigo intimo do teu. Nossas mães abraçavam-se, contemplando nossos brinquedos. Mas meu pae e minha mãe sahiram, ha muito d'este mundo, e não me deixaram, em tamanha herança de soffrimentos, a consolação do teu appellido!

Viva, ou morta, Maria, és a imagem esvaecida no sonho d'uma creança! És um sorriso nos labios avaros da felicidade. Formosa mentira da minha infancia, não te maldigo! Se não fosses tu, a minha alma não tinha uma flôr, a minha mocidade não tinha um idilio, a poesia do passado, saudosa a tantos, seria escarneo para mim.

Sinto que entre os espinhos do meu coração, esterilisado pelos desenganos, se esconde a serpente da dôr. Deixal-a espedaçar-me; que a flor, deixada lá por ti, é das que viçam na terra da sepultura. Irá comigo!

II

Envenenaram-me a seiva da vida, quando, ver-

gontea debil, eu principiava a florir! Não tive primavera. Desabrocharam em redor de mim tantas sementes que pareciam enfezadas no embrião! E vingaram todas. Fui eu só a arvore amaldiçoada.

Porque?

Entrei, n'este mundo, com o coração cheio de amor, com o amor santo de uma crença, com immensa candura de fé tão alegre para crêr, para adorar, e para ser bom! Que mal faria eu a Deus, ou aos homens? Minha mãe era uma santa; meu pae era o anjo d'aquella mulher... morreram beijando o mesmo Christo, offerecendo a Deus as mesmas virtudes, o mesmo amor, e os mesmos sacrificios. Serei eu o holocausto de expiação das suas faltas? Não, porque um Deus caprichoso é uma blasphemia!

Só, como a andorinha que perdeu o bando, como o naufrago que aportou sósinho a praias despovoadas, achei-me aqui, anhelante d'amigos, soffrego de corações, e ancioso de pae, de irmã, de labios que me bebessem das faces uma das mil lagrimas do orphão.

Ninguem, meu Deus, ninguem!

Eu tinha ouro: desperdicei-o. Tinha innocencia: corrompi-me. Tinha generosidade: dissipei-a. Tinha brios: depravei-me.

E considerei-me moralmente morto aos quinze annos.

Enojou-me a vida. Zombei da Providencia. Atirei com a lama do lodaçal prematuro, em que me enlodei, á face da imagem de minha mãe. E disse muito alto, na presença dos homens, que este mundo não va-

lia uma lagrima honrosa; que a chamada dignidade humana era um sarcasmo de hypocritas ao soffrimento.

Perdido aos quinze annos! Perdido para mim e para a sociedade! Tive horas de chorar-me! Oh! o homem é muito desgraçado quando tem compaixão de si!

Anjo da minha innocencia, onde estavas tu? Envolta a face no véo funebre do lucto, choraste sobre o meu cadaver, e voaste a velar no berço um innocentinho? Não o deixaste seguir os meus vestigios?

Anathema! eu sentei-me cansado, na minha peregrinação, olhei ao longe o caminho que deixava, e vi grandes infelizes que me seguiam!..

Meu Deus! o homem será máo desde o ventre materno? A organisação será o instrumento do crime? Aquelle grito de Job resumirá o longo gemido dos milhares de infelizes que se revolvem no cháos das almas, onde, oh Senhor, não mandastes á luz que se fizesse?

III

Era uma alma privilegiada aquella mulher! O anjo da tristeza rossou-lhe na face, e marcou-a. Nunca mais a viram rir. As virtudes esfolhavam-lhe flores no seu caminho; e ella regava-as com lagrimas propheticas de infinita desventura. Pendia o collo em humildade de victima. Procurava entre os homens o seu algoz. E via nas estrellas do céo as lampadas do altar do seu sacrificio.

Pediu aos tumulos que lhe abrissem o seio. E os tumulos responderam-lhe que não eram os mortos algozes dos vivos.

Pediu ao Senhor que lhe affastasse o calix da agonia. E o anjo da consolação não desceu ao gethsemani do anjo das lagrimas.

Encontramo-nos a chorar.

"Vai teu caminho, filha do desgosto! Não rosses esse manto polluido de manchas. Olha que a desgraça é contagiosa. O meu halito envenena. Os meus olhos fascinam com o fulgor da ira. Vai teu caminho, e não perguntes ao forçado das galés o peso do seu grilhão!"

Quiz caminhar e não pôde. Expulsei-a com a força da minha ultima virtude, e vi-a immovel.

Fatalidade!

Erguemos um marco no nosso caminho. Assignalamos aquelle encontro. Duas existencias vinculadas ao mesmo poste da ignominia. Dous corações varados pelo mesmo punhal!.. Quem pôde separar a onda do murmurio? Quem pôde separar a luz do raio? Vivemos assim, e não podemos assim morrer.

"Eu, d'antes, via-te brincar com as flores, minha pobre amiga!.. Levou-t'as o norte, quando mal te amanheceu a mocidade... Porque não brincas?

"Quem te disse a ti que eu detesto as alegrias dos que me rodeiam? Porque não folgas?

"Quem te diz que as minhas lagrimas não bastam para encher a taça do destino? Não chores!..

Chorava, sempre!

Queria dar-me a sua vida! Innocentinha, beijava os labios, que lhe cuspiam na face! Pomba resignada, pousava na mão, que a ferira de morte.

Adorava-me com devoção ascetica. Nunca me encarou com olhos enchutos. Nunca me fallou sem o sobresalto do respeito.

Dizia-me:

"Deixa-me assim morrer... Não tenhas compaixão de mim! Ser-me-ia um céo esta vida se podessès amar-me... Não ha outra? Deixa-me voar a um mundo d'onde possa velar os teus dias. Eu sei que és muito infeliz. A desgraça e o amor... repellem-se. O tumulo hade attrahir-nos, não é verdade?"

Aquellas lagrimas estancaram-se.

Não a vi morrer... Mas ao longe, muitas leguas distante d'aquelle leito que entregava um cadaver ao esquife, na hora derradeira, senti o coração sobreexcitado.

E uma voz ouvi que me dizia:

"Morrerás d'aquella morte!"

Meu Deus! Deixa-me contemplal-a no raio de uma estrella!

As minhas ultimas orações rezei-as sobre o seu tumulo. Eram o ecco amortecido das orações de minha mãe.

IV

São cinco horas da manhã. Os soffrimentos do cor-

po e as dôres do espirito parece que me trituram a existencia átomo por átomo. Estou fatigado de luctar com as agonias precursoras d'uma grande agonia. E, comtudo, o homem é forte! Ainda tenho vida na intelligencia, e energia na materia. Posso ainda dizer que soffro. Posso ainda apertar a mão a um amigo. Dizer palavras de esperança e piedade a uma amiga. Reuno ainda as minhas reminiscencias n'um ponto negro, que augmenta... augmenta até cerrar-me todo o horisonte da minha vida.

Foi-me preciso grande esforço para enervar esta maquina, ainda robusta, quando o espirito a não impellia. Eu era ainda forte, quando o meu espirito vital se resumia nos instinctos mechanicos da organisação.

Aos vinte e seis annos envelheci na materia, e aos quinze envelhecêra na alma. Luctei onze annos. Hoje sinto-me combalido como o cadaver, que estremece ainda, electrisado pela faisca.

Sinto no peito uma consumpção vagarosa, mas dorida. Não sei que fructo de morte está sazonando aqui ao pé do coração. Dissolvem-se as fibras que prendem o motor á roda da vida. Sinto em mim este trabalho, que produz um cadaver; este verme do coração, que me sorve o sangue, e m'o despede em vomitos afflictivos.

MORRERÁS D'AQUELLA MORTE!

E Laura morreu tysica.....

.....

Vou escrever a Miquelina, amiga lacrimosa, organisação angelica, sombra derradeira das minhas af-

feições... É um feudo do coração, que eu pago áquella rainha de mil vassalos, que desceu do seu throno de risos para ajoelhar no meu estrado de lagrimas.

"Miquelina! Repara bem nas tuas cartas. Cada uma é um sorriso das minhas consolações. Escreves-me, ha seis mezes, e não conseguiste ainda accender uma luz, diante de mim, n'este subterraneo de trevas onde cahi. Se podesses esquecer-me!.. Miquelina! eu rasgo a alliança que fizemos. Dissolvo o vinculo do sagrado juramento que nos prende. Fica ahi com a tua amisade, minha santa amiga. Dá esse thesouro dos anjos a algum mendigo de consolações, que possa approveital-o. Ai! filha, eu não posso. O fim da minha vida vai ser uma infermidade repulsiva. O leproso de Aoste não queria que lhe enchugassem as suas lagrimas. Fraqueza de homem, que inclina a fronte fulminada pela desgraça sobre o regaço de uma mulher... não quero têl-a! Que podes tu fazer, Miquelina! Chorar? Não ha lagrimas de sangue que me regenerem... não se entram as portas da vida com esse baptismo... Não me julgas morto? Deus te permitta um momento de elevação até ao meu martyrio!.. um momento só! . . . . . .

"Não te disse eu que a imagem d'aquella mulher me esperava sentada na lousa do meu tumulo? Lá a vêjo, Miquelina!.. Se podesses dizer-lhe que morro!.. Não, não, pela tua honra, que a matas! Olha... não vês duas criancinhas, que lhe sorriem no colo? E depois... ai d'ellas! Eu e tu seriamos os responsaveis

de muitas agonias, que arrastariam á minha situação esses dous orfãos...

Adeus. Heide vêr-te, quando poder erguer-me d'este leito..."

V

É uma jolda de infames essa turba de biltres que voltea em redor de mim, contemplando, pasmada, os actos da minha vida.

Estupidos, não ousam perguntar-me porque vivo assim. Devoram-se d'um rancor selvagem quando não podem explicar as alegrias do espirito!

Esses homens sahiram pela porta falsa dos bordeis, e vieram syndicar as minhas immoralidades.

Ao filho da intelligencia, que arrasou as barreiras hypocritas das *conveniencias*, chamáram-lhe devasso, atravez da mascara traiçoeira da opinião publica.

Abride as vossas portas, farizeus da deshonra! Queremos as orgias dos vossos salões! Vossas mulheres elanguescem no torpor voluptuoso das Faustinas. Vossas filhas, prostituidas na alma, adjúdicam-se ao mais hypocrita de vossos commensaes.

Hortensia foi vendida por seu marido, pontifice da moral do universo. Mas as vossas prelecções de decoro não encantam os ouvidos como as orações de Cicero. Tragai, silenciosos, o calix da deshonra: não apostoleis. Scarron viu a mulher nos braços d'um amante, suffocou a affronta, e não veio ás praças per-

guntar quantos eram os devassos amantes da devassa Ninon.

Não posso respirar a podridão do cadaver, embora a involvam n'um crepe dourado.

Estes sordidos, que se arreiam da libré beatifica de austeros, enojam-me. Digo qué não ha Deus, nem ha justiça, quando o crime clandestino é abafado pelo ouro com que se enroupa. A sociedade absolve as infamias do rico. As virgens, arrastadas pela fome a um leito d'ouro, não gravam com lagrimas na fronte do algoz um signal de reprovação. Maldita seja a sociedade!.. O homem é a deshonra do Creador!....

Tenho febre...

Perdoai-me, testemunhas lagrimosas das minhas tribulações, almas queridas que me seguistes até este leito, ultima paragem da minha carreira!.. Perdoai-me!

VI

Quando olho d'aqui para esses retalhos de vida que espalhei na minha trabalhosa carreira de dez annos, introverto-me, pasmo, e vejo em mim os destroços de uma lucta dilacerante entre um anjo e um demonio.

No mesmo dia, e na mesma hora abençoei o mundo com saudações angelicas, e amaldiçoei-o com imprecações satanicas!

No mesmo dia, e na mesma hora busquei a feli-

cidade na virtude, e saciei as minhas ancias na voluptuosidade do crime.

Vi a mesma mulher vendada por amiculo da innocencia, e falsificada com mascara de impostura.

E estes homens, que se chamam meus irmãos, pela semelhança do organismo, chamavam-me: "visionario, extravagante romanesco."

Escorias do espiritualismo, machinas de deglutição, quem lhes permitte rasgar a crusta de materia que os separa da região das almas? Quem pôde insuflar alma no molusco, que sente a dôr sem a consciencia do mal, que saboreia a nutrição sem a consciencia da vida? Quem disse ao reptil que se elevasse do rasto da sua condição para acompanhar o vôo da aguia, que se rossa pelo flanco das nuvens?

Eu sei que adormecia ao repontar da alva, quando a palpebra, humida de pranto, parecia ter contadas as lagrimas d'aquella noite.

E no dia d'essa noite quantas illusões me alvoreciam no seio, quantas esperanças eu colhia no meu imaginario jardim!

O amor, esta ancia, esta sêde soffrega, este afogueado aspirar e arder... o AMOR... foi a minha vida inteira.

Ouvi palavras de mulheres, que as vendiam por uma pouca de vaidade. Vi sorrisos machinaes, que me pareceram expansões espontaneas do coração.

A mulher confundia-se com a actriz.

E, depois, vinha a hora da reflexão. O espinho da duvida cravava-se na corda vibrada pela mão da

poesia. O som da profecia perdia-se nas ruinas d'este mundo intimo, que me déra o estro. E a ave das trevas carpia, na longa noite da alma, os seus gemidos de desolação, poisada nas ruinas d'onde fugira, ao escurecer, a alva pomba da fé.

Quantas mulheres amei eu com devoção, com desesperação, com demencia?

Não sei! Lembra-me que foram muitas, e que, no rapido fugir d'uma hora, amava com paixão impetuosa uma eternidade. Uma hora foi, muitas vezes, o espaço de tempo em que eu vivi com o enthusiasmo, com o fervor de uma idolatria, por longos annos soffreada.

"Amar uma hora!" diziam, a rir-se, estes realejos inalteraveis, chamados *homens constantes*, que vos dão, todos os dias, a mesma musica, as mesmas frivolidades glaciaes, e a mesma symetria na disposição do seu programma amoroso.

"Amar uma hora!"

Estes homens-vegetaes são como o cascudo tronco d'um sobro de quatro seculos, que na longa estação da sua vida, não viveu um minuto pela exaltação do espirito, e pela vibração da mais pequena de suas fibras. Os chamados "constantes" são assim organisados. Quando Lamartine lhes diz que o minuto d'um homem tem mais vida do que os quatro mil annos dos cedros do Libano, riem-se. E o riso alvar d'estes detrahidores do coração primoroso, e, por tanto, infeliz, tem alguma cousa em si que me contrista e nausêa. Envergonho-me de pertencer á especie humana, quando o na-

turalista me diz que tal homem é meu irmão.

Mentira!

O espirito repelle com raivosa indignação a ignominia que a sciencia impõe ao homem da intelligencia, irmanando-o com a estupida maquina, tambem chamada homem, por que ostenta uma posição vertical, uma cabeça altiva, e umas pernas, que lhe dão dominio no espaço que calcam.

Chatterton, será irmão do imbecil, que morre de fome, sem a coragem do suicidio?

Armand-Carrel, que morre varado de uma bala em desforço d'um melindre, será irmão do carrasco, que recebeu a vida com a condição de exercitar a estrangulação, segundo a lei?

Joanna d'Arc, a mulher que atravessa de victoria em victoria até vestir de lavaredas o seu espirito de fogo, será irman d'essa amante de Luiz XV, que, ajoelhada no carro da morte, pedia ás turbas que a salvassem do patibulo?

Aristoteles! tu sim... Escreveste, ha dois mil e duzentos annos, uma verdade eterna! [1]

VII

Uma paixão, aos vinte e tres annos, no homem que envelhecera, fatigado de abalos e desastres; uma

[1] Ha na especie humana individuos tão inferiores aos outros, como o corpo é para a alma, ou o animal para o homem; estes seres são proprios unicamente para os trabalhos do corpo, e incapazes de fazerem coisa mais perfeita... *Arist. Polit.*

paixão, que nos surprehende com um desmentido cruel á consciencia em que viviamos da nossa atonia de espirito, é uma transição da neve, que nos regela, ao fogo, que nos abraza... é uma suprema desgraça!

Foi na noite maldita d'aquelle baile. Achei-me na presença d'aquella mulher.

Acobardei-me como aos treze annos. Estremeci. Amesquinhei-me á vista d'aquella fragil creatura, que tremia diante da minha famosa altivez de espirito. Um coração de rocha, fendido pela vara miraculosa da fatalidade, manava jorros de lagrimas.

Eu fechara-me n'um tumulo. A dôr expansiva, a exuberancia de fél, o impeto do homem vivo contra a lousa forçada, partiu-a! Respirei o ar da vida, n'aquelle momento. Pareceu-me lindo o céo, perfumada a natureza, lympido o oceano de luz, e encantada a minha existencia.

Hora ditosa, oasis santo do meu abraseado caminho, magia do céo, sorrir d'anjos, remissão do meu inferno incomportavel!

Devera ser a ultima aquella hora para mim! Fui homem então! Bemdisse com devoção o meu creador, que deposera no filtro das agonias todas as fezes do meu drama de crimes, e me julgara digno de uma hora de virtude, e me coroara de não sei que aureola celeste, e me abrira as portas do eden, e me déra a Eva da regeneração, para que a culpa que infelicitou uma pobre mulher fosse remida por outra! . . . . . .

. . . . . .

Não posso! Tenho fogo no peito, e contorço-me

n'este leito sem encontrar a menos attribulada das posições!.. Esta solidão é o remanso do pensamento... mas a dôr do corpo não me deixa a liberdade das reminiscencias... Eu soffro muito!..

JULIA... Ao menos o teu nome... JULIA! Que existencia a nossa!..

VIII

Não podia ser minha... Venderam-na! Victima humilde, beijou as mãos do sacrificador!.. Matou em si as mil formosas vidas, que sonhara... Pendeu a fronte fulminada pela desgraça, e regou de lagrimas estereis a algema de captiva! Pobre creança! Amanhecia-lhe o seu dia de bellesa, e fizeram-lhe cobrir o rosto d'um véo, que só devia erguer-se na presença de seu senhor! Nascera debaixo do sol europeu, nutrira o espirito da seiva do livro de Jesus, julgára-se emancipada da servidão ignobil, vergonha das nações incultas, e aqui fizeram-na odalisca, serva de harem, segregada do mundo espiritual, e posta ahi no muzeu de regalos, como cousa que representa um preço, um capital, uma propriedade!

"Era pobre e fizeram-na rica!.. Deve ser escrava!..."

Almas sordidas! Foi assim que me responderam os impudentes apologistas da chatinagem de mulheres!.. Estes taes eram os *honrados* na aura popular.

Honra!.. Quando a civilisação anniquilou os *coutos* onde o assassino, o infame, e o sacrilego se refugiavam, abrigados pelo privilegio do nobre, veio o refugio da *honra*, essa amarra de salvamento a que se apegam muitos barbaros de coração!..

"Era pobre: fizeram-na rica... Deve ser escrava!"

E é! Bem sabiam elles que a pobre mulher não respiraria um gemido na hora amaldiçoada da sua renuncia de coração, de pensamento e liberdade. Despida das galas, que a esperança lhe vestira á feição da sua alma angelica, Julia sepultou-se. As trevas, onde a fizeram rainha, não contaram ao dia as suas lagrimas. O céo nunca mais recebeu o perfume d'aquella flor. E os homens, que a viram ir, toucada de rosas e diamantes, pensaram que as rosas fanadas valiam menos que os diamantes esplendidos!.....

IX

Era tudo silencio em redor de nós.

Vinha de longe um murmurio. Era o ecco da minha alma, que fallava com Deus, além, no infinito dos céos. Era o som plangente da onda, que vinha trazer á praia a nota partida do hymno santo, que sobe a Deus da amplidão dos mares.

Julia sentara-se ao pé de mim, triste como Rachel, e silenciosa na sua angustia como a viuva de Nahim.

Cahia-lhe um raio de prata sobre o coral dos labios. A alvura das faces empalidecia-lh'a o reflexo da lua. Nos olhos amortecidos via-se a belleza desbotada pelo delir das lagrimas. Mas era bella como a filha d'uma divindade! Era sublime de santa poesia!

A alma d'aquella mulher resumia, n'este momento, as dôres de longa vida.

Nascera para a virtude austera. Bebera nos seios d'uma santa o leite da religião. Afizera os ouvidos do espirito ao cantico da esperança, cuja nota final balbucia o justo no seio do Senhor.

E a violencia empeçonhara-lhe a fé, denegrira-lhe as noções da justiça, desmentira-lhe o influxo da providencia nos actos humanos, e dissolvera-lhe os vinculos sagrados que a prendiam ao céo pelo sagrado liame da virtude.

E calara esta revolução dilacerante que sentira em si.

Nem ella tinha um irmão, uma amiga, a quem dissesse: "A virtude é mentira. Soffro resignada, não por me aterrar da culpa, mas porque não posso ser culpada!"

E este grito das entranhas, este estallar de coração, que se parte pela fibra mais dolorosa, fugira-lhe dos labios, pela primeira vez, na minha presença, a sós comigo. . . . . .

. . . . . .

O juramento que eu fiz era uma renuncia da minha alma com todas as suas aspirações.

Vi um futuro de flôres, regadas de lagrimas, mas... vi um futuro!..

N'essa hora senti esta dor, que me calcina o peito... Ao transpor os umbraes da vida, encontrei a morte...

Tysico!..

E ella ajoelhou-se, pedindo a Deus, com anciedade extrema, a minha vida! Innocente, ainda tinha fé!..

X

Paz, meu Deus! áquella martyr,
martyr humilde, que chora,
só, calada em sua angustia,
e, inda assim, soffrendo, adora...

Adora os ferros que a pungem,
adora as leis, que a sepultam
n'esse abysmo, onde tão raro,
nobres lagrimas se occultam.

Adora o calix da morte,
lenta morte imposta á escrava,
que sorri, se os labios rossa
no violento fel, que trava.

Sobre o seio, arfando em ancias,
pende a fronte fulminada...
Ouve um grito... É a consciencia
que lhe diz: "foste comprada!"

Véo de lucto inconsolavel
cobre a face ao anjo expulso...
Vê que a honra imposta ao pranto
á deshonra imprime o impulso...

Quer vencer-se... quer a vida...
Delirante, anciosa, diz:
"Quero a luz, o ar e a esperança...
"Quero a vida, e ser feliz!"

Olha em torno... vê algemas...
Olha ao longe, e lá fulgura
uma estrella... *a liberdade*...
Mas... ao pé... *a sepultura!*

Triste!.. triste até á morte!..
O perfume d'estes céos
esta luz, o ar, a vida,
pobre escrava, não são teus!

. . . . . .

Quando eu me acolhia no regaço carinhoso da musa dos tumulos, saboreava confortos de paz, que já agora não sinto. Pedi á corda de ferro do meu alaude um cantico, que fosse o ultimo... o ultimo que fosse o mais orvalhado de lagrimas!.. É um engano! A poesia não é a linguagem do infortunio... Nos gemidos não ha harmonia! Das notas, que fogem partidas ao coração, não se formam hymnos!

São gritos convulsivos de desesperado.

XI

Julia! recordas aquellas noites, que passavam como as sombras derradeiras da nossa felicidade? Não as viste, como o debil reflexo de uma luz, que já não póde atravessar as trévas interpostas entre a esperança e o desgraçado.

Que doce me não era o chorar então! Os anjos fallavam-me n'aquellas melodias da musica! Eu já vi annos depois, que limpavas lagrimas, quando os mesmos sons te acordavam na alma as doridas reminiscencias d'aquellas noites. Pensavas tu que o anjo da saudade queimára as azas candidas na flamma da paixão? Cuidavas que a saudade immortal não renascia das cinzas nunca arrefecidas?

. . . . . .

E, depois, Julia, eu não quiz morrer no prolongado flagello, com que a minha propria consciencia me punia. Fugi de ti, como se foge á deshonra, como se fogem ás cavillações d'um inimigo traidor!

Debatiam-se n'uma lucta de rancorosa vingança duas facções, aguilhoadas pelo espinho sangrento do interesse sordido.

Alistei-me nas fileiras mais rareadas; ergui do chão a arma, que cahira da mão d'um cadaver; perfilei-me no local onde se finára um homem, que adorava a existencia.

E as balas, em redor de mim, semelhavam não sei que zumbido de demonios, que apupar sarcastico ás esperanças, que me trouxeram alli.

Sabes tu que a vida é uma zombaria á desgraça?

E quando o sangue espadana as faces, e quando o ranger dos ossos arrepia as carnes, e quando a cabeça do morto, impellida pelo pé do vivo, bate, no fundo da cova, sobre o craneo partido do companheiro... então, Julia, recrudecem os odios á sociedade, faz-se o tedio no coração das illusões da vida, nega-se a virtude e a honra, duvida-se de Deus e da justiça, blasfema-se de céo e terra.

E eu maldisse a hora do meu nascimento.

Chamei-te, e vi-te, ave do céo, librar as azas explendidas entre a nuvem cerrada dos vapores da polvorada. Ouvi o psalmo cadencioso da tua voz, cantora do céo, por entre o silvar agudo das balas, e o reboar cavernoso dos canhões.

Misto do céo e inferno, lá ficam no lento arrastar da minha vida, esses dias em que a minha alma se avinculou á tua imagem, porque eu não queria abraçar a morte sem pronunciar o teu nome.

O adversario, que me varasse com uma bala, seria o sacerdote, e o fosso dos cadaveres o altar de nossas nupcias.

A morte escarneceu as minhas ultimas esperanças!.. Escarnecido sempre!..

XII

Dizem-me que, lá fóra d'este quarto, se respiram

aromas da formosa natureza que renasce. O céo dizem-me que é azul como a superficie d'um lago em tardes d'agosto. O ar, temperado pelos raios tepidos do sol d'abril, côa não sei que alegrias na alma, onde a poesia da primavera rebenta em viçosas estrofes como os gomos da madre-silva. Eu já senti o que eram estas galas do espirito, festejando a bem-vinda dos poetas, a fada radiosa de grinaldas, a inspiradora dos canticos matinaes, a virgem leda, que se assenta nas quebradas dos montes, esparzindo pelos vallados perfumes de rosmaninho, e lençoes de aguas cristallinas.

Hoje!.. eis-aqui a minha ultima paragem... Um leito requentado pela febre de tres mezes, e um ar impregnado d'esta bafagem tepida das exhalações corrompidas do pulmão, que se desfaz!

Não me fallem do sol, que eu tenho saudades do sol!.. Não me digam, que fóra d'este filtro onde sinto coarem-se-me os atomos de vida na sepultura... não me digam que, fóra d'este quarto, ha o alvorecer d'um bello dia de março, um ar cheio de vida, um céo cheio de jubilos, e uma primavera fecunda de saudades e extasis!

É matarem-me mais cedo!.. é zombarem do moribundo, que não póde morrer tranquillo, se lhe disserem que o mundo é bello!..

Mentem!

O mundo é hórrido como o apparelho d'um cadafalso! Eu venho d'ahi fugido, com as faces escorrendo sangue, com os olhos petrificados pelo terror, e com o coração cheio d'um amor impetuoso, e exhausto

d'alentos, que me amparem na esperança de ser feliz uma hora! . . . . . .

. . . . . .

Sabios da terra! vinde aqui ao leito d'um mancebo, que vos quiz acompanhar os vôos audaciosos!

Sabios da terra! dai uma esmola de sciencia a este mendigo de consolações, que bateu ás portas do mundo, rico de confortos, e foi repellido como o pobre da parabola de Christo!

Sabios da terra! dizei-me se o homem acaba no homem; se a campa é o ultimo alcaçar d'esta realeza, que tem por docel o firmamento cravejado de milhões de lumes!

Sabios da terra! dizei, se passados alguns dias, este corpo, ulcerado pelos vermes da infermidade, vai ser o vil pedaço de barro, que o gusano dos tumulos acaba de pulverisar!

Dizei-me, oraculos! É mentira a alma? É mentira Deus? É mentira os mundos, que lá em cima caminham, como caravanas, que levam regiões de espiritos á região do Supremo Ser? . . . . . .

Profissão de fé do seculo xix. [1] Aqui está um livro, que resume os trabalhos da intelligencia humana, desde que as gerações tiveram a consciencia da sua historia, e a tradicção do seu principio. É este o fecho da abobada para a qual todo o homem inspirado conduziu uma pedra. Eis-aqui a profecia do ultimo profeta. Consultemos a sybilla, que falla em nome

[1] De Eugenio Pelletan.

das gerações idas ás gerações vindouras. Consultemos o archanjo da civilisação, que faz soar a trombeta, e chama os homens á resurreição da ideia, morta nas agonias do materialismo. Paremos diante de Jericó, cidade da mentira e da superstição. O Josué restaurador fará soar a trombeta; e veremos então a terra da Promissão, o reinado do espiritualismo! Que falle o propheta d'este seculo, e eu possa adormecer no meu somno eterno, acalentado pelo seu hymno!

"[1] ... Mostrei-vos a vida humana sobre o planeta, mostrei-vol-a cada vez mais activa, cada vez mais expansiva no tempo e no espaço, cada vez mais divina pelo sentimento e pela ideia, cada vez mais independente da natureza e da materia, cada vez mais espiritual, intima, e pessoal, emfim. Mas é isto bastante? O progresso, debaixo do sol, limita-se ao facto vivo, ao homem carnal, que vemos e apalpamos? O nosso destino resume-se n'um atomo que se esvae n'um tumulo? A morte é o termo derradeiro d'esta magnifica Illiada do progresso, que eu desenrolei perante vós? A apparição do homem na scena de Deus termina por uma brincadeira?

"Eis-aqui um creador de ideias, um genio. Viveu e pensou. Subiu tão alto quanto póde subir um homem. Entreviu, pela ascensão da sua intelligencia, um ideal immenso. A sua visão inspirou-lhe necessariamente immensos desejos. A morte vem no auge da sua aspiração—da mais sublime explusão do seu des-

[1] Cap. XXXI.

tino. Extingue-lhe da retina o raio luminoso, suffoca-lhe nos labios a palavra, apaga-lhe no corpo a electricidade e a luz, arrebata-lhe os instrumentos da vida, e repelle com o pé o resto ao nada.

"O *nada!* Que palavra eu disse, amigo! O *nada!* O ser, em toda a sua plenitude, repugna e foge a tal pensamento. Instincto, rasão, sentimento, consciencia, tudo em nós, até á ultima fibra do corpo, protesta contra nossa propria destruição. O *nada!* mas então Deus não exaltaria os melhores, os privilegiados do espirito á contemplação do seu esplendor e da sua sabedoria, senão para precipital-os de mais alto n'um castigo terrivel! Aperfeiçoaria, sem cessar, a vida: impulsal-a-ia incessantemente para o progresso, para abandonal-a depois, em meio caminho, anciosa e desesperada? Imporía ao homem a sciencia, a meditação, esta virtude da alma, unicamente para ter lanço de impôr-lhe mais imprevista pena o requinte do nada!

"Mas, se o nada fosse o derradeiro termo do ser, porque seria tão longa a viagem a tal fim? Porque tamanhos esforços por chegar finalmente a ser aquillo que todos são de per si, sem empenhar esforços? Porque crear a humanidade para a deixar interrompida, suspensa, sem significação possivel, sem conclusão? Porque principiar uma creação para supprimil-a? Deus teria de principiar por onde acabou—pelo nada. Não teria ao menos feito o homem testemunha da sua impotencia ou da sua injustiça. Em verdade não sei porque discuto o nada!.. só a palavra é uma blasfemia! Graças a Deus, n'este instante, discutimos com o si-

lencio, porque o completo aniquilamento da vida humana não tem, no seculo XIX, um só phylosopho.

"O homem de nossos dias crê na vida futura. Porém, como, com que sol, com que fórma, em que theatro? Eis aqui toda a questão. Vou examinar rapidamente comvosco cada systema de per si.

"Ha uma eschola, que pretende que o grande todo humano, o grande Pan, é o unico imperecedouro, o unico immortal; que cada vida, individualmente tomada, é uma manifestação, que vem, passa, foge, desapparece sem jámais voltar. Dada a morte d'um homem, a natureza retoma a materia que imprestou. O corpo torna ao cadinho de mysteriosa alchimia. Cede a outros seres a sua molecula. Fluctua disperso no espaço. É arvore, flor, rochedo, humus, sopro, nuvem, vapor.

"Pela mesma rasão, e da mesma maneira, que a natureza retoma, atomo por atomo, a materia—a humanidade que é para o espirito o que a materia é para o corpo humano—sua universidade e unidade—retoma a alma, depois da morte, pensamento por pensamento. Um genio, Orpheu, por exemplo, é morto. As ménades dispersam ao longe os pedaços do seu cadaver. Sua cabeça, levada na corrente do tempo, murmura ainda uma palavra eterna. O espirito humano revive assim em cada ideia, em cada lição, que elle emittiu, e transmitte desde o seu alvorecer até ao seu occaso de luz. Assim a immortalidade de Homero é a sua poesia.

"Ninguem por certo negará esta immortalidade.

Sim, uma parte da nossa alma fica na terra, depois da nossa existencia. Fluctua indefinidamente de metempsycose em metempsycose, incessantemente retomada, continuo aviventada por uma nova geração. É a nossa sobrevivencia aqui; nossa perpetua presença entre os vivos. Quem quer que tu sejas, illustre ou obscuro, desde o momento em que prégares o bem e o bom, a uma creança que seja, serás sempre presente a esta alma assignalada por tua mão, e impregnada de tua palavra. Mas será isto verdadeira immortalidade? Um nome, uma lembrança, uma palavra, um ecco disperso, errante, á ventura, na memoria?.. A obra sería, então, mais immortal que o obreiro, um minuto de vida teria mais poder que a vida inteira. Dizei antes que o effeito é superior á causa, que o movimento é superior ao motor, que o espirito communica a sua duração ao acto, mas que a renuncia, que a perde, como a abelha abdica a vida no ferimento, que faz. Mas não! A consciencia protesta contra semelhante paradoxo do destino... Se o genio é immortal na sua creação, o *eu* humano, que constitue esse genio, é immortal tambem.

"Uma outra eschola, que mais respeita a esta nonada [1] a esta entidade intima que denominamos "nossa alma" nossa personalidade—affirma a resurreição, a perpetuidade do homem, mas sem a memoria, ou com a memoria confusa do seu estado passado. Esta eschola argumenta por analogia, e diz: Se o in-

[1] Segundo Leibnitz—o elemento simples dos corpos.

dividuo deve viver ainda, é que já viveu; por que a immortalidade repelle a idéia de fim e de principio. Ora, aqui em baixo, não ha algum conhecimento de vida anterior, além das entranhas maternaes; logo a vida anterior é para o homem um estado imperceptivel.

"Mas, sem a memoria, a resurreição o que é? Que é a personalidade, sem a consciencia?

"Não é um ente resuscitado que vós mostraes, um ente continuado—é um ente de nova creação, um ente novo. Entre a immortalidade e o nada qual é a differença? O que eu ahi vejo é um *nada* n'um circulo vicioso. Inutilmente, para repellir a objecção, quereis renovar a doutrina da reminiscencia confusa, inventada por Socrates, quando os vapores da cicuta lhe toldavam o cerebro. Apagais a lampada, e deixaes a torcida que fumega ainda. Que quereis vós que eu faça d'uma scintilla que não brilha, d'uma memoria que nem sequer se lembra da sua identidade?

"O homem, dizeis vós, não tem a consciencia do seu estado anterior. Tendes razão; mas que quereis concluir d'ahi?

"Não sabeis que a vida é progressiva, que marchou, lenta e successivamente, do fluido ao mineral, do mineral á arvore, da arvore ao animal, antes de chegar ao homem, seu ultimo termo, seu ultimo progresso, e que só no homem tem conhecimento da sua entidade? Não direi que ella tem uma memoria; mas uma consciencia, sim. Porque é que quereis que o homem possua uma personalidade em uma epocha

em que a personalidade não estava ainda formada? quando errava ainda debaixo de fórmas preparatorias, e atravez dos limbos obscuros da sua existencia?

"Uma terceira eschola, tradição prolongada do brahmanismo em nosso seculo, diz que a vida immortal é uma incarnação successiva da alma em um outro corpo, uma emigração, uma palingenesia perpetua do individuo no seio da humanidade. Se esta metempsycose fosse possivel, todo o soffrimento seria legitimo, porque seria a consequencia, a expiação de vida passada. A caridade veria no homem desgraçado o crime d'outr'ora. Recearia ella, estendendo-lhe a mão, rasgar antes de tempo o decreto do Senhor. O progresso paralisaria, pois, para certos homens, para certos genios, que logar encontrarieis vós?

"Ó Platão! ó meu mestre! ó apostolo santo do idealismo! como se daria que, todas as vezes que tomasses debaixo do sol um manto vivo e um nome de homem, cumprisses um progresso, de ti para ti, em graça, em poesia, em profundidade, ó tu, que ha longo tempo, estás sentado na tua cadeira eburnea, ó maior e o mais inspirado entre todos os philosophos teus successores?

"De certo, ha ahi—e eu sou o primeiro a reconhecêl-o—continuamente, transmissão do seculo ao seculo, do pai ao filho, de todas as ideias e de todas as noções do passado. Se n'este instante, abrissemos a alma de cada homem promovido á intelligencia, e lhe decompozessemos cada fibra constituitiva, encontrariamos ahi, camada sobre camada, as sciencias diver-

sas, as diversas verdades, que a serie inteira das gerações encontrou successivamente. Ahi veriamos, que cada um de nós, em tal ou tal ideia, é alternativamente indio, hebreu, assyrio, grego, romano. N'este sentido, mas só n'este sentido, a vida individual, elevada, em nossos dias, ao maximo da intelligencia, é a incarnação de toda a humanidade. É por isso que a humanidade é eterna, que não tem passado, nem presente; e que a vida e a morte, no ponto de vista intellectual, formam um só pensamento sempre vivo, sempre progressivo, sempre identico, sempre continuado. Mas esta metempsycose é a incarnação da obra na alma, e não a alma na sua essencia. Procede não por via de geração, mas por via de educação.

"Emfim, uma quarta eschola, puramente mystica, proclama que a alma, depois da dissolução dos corpos, vae receber directamente em Deus a sua recompensa. Exalta-se a um céo invisivel, incorruptivel, para viver a sua eternidade fóra de toda a manifestação, de toda a condição de espaço, em uma completa immobilidade, em uma completa immutabilidade, ignorante ou sábia, inculta ou desenvolvida, pouco importa, participa igualmente, pela adoração e contemplação, da beatitude e plenitude da Divindade.

"Esta vida immortal, se podesse existir fóra de uma imaginação exaltada pelo ascetismo, seria evidentemente a cummunidade—ainda mais—a promiscuidade da resurreição. Seria igual a remuneração, a felicidade, nas almas desiguaes em virtude e em conhecimento. Supprimindo a ideia do espaço, supprime-se

a ideia de ser, e a relação do finito como infinito supprimindo o progresso. Não póde conceber-se o ente vivo sem concebel-o activo, e activo sem concebel-o agente, desejoso, mudavel, passando d'uma a outra fórma, d'um a outro pensamennto. Mas o homem perdido, esvahido em Deus, sem desejo, sem mudança, eternamente cheio da sua propria eternidade, ou seria o infinito, ou seria o *nada* de joelhos diante do infinito. Eu não me canso a discutir esta hypothese. Remetto-a a toda e qualquer doutrina, que suppre com o milagre o argumento."

XIII

A leitura fatiga-me. Á hora da morte, estudar o segredo da morte é muitissimo doloroso. A mão quasi arrefecida pelos gelos do cadaver, não póde já erguer a cortina do sanctuario dos tumulos. Ainda assim... é necessario crear uma esperança!.. Eu quero a immortalidade! Preciso que esta ancia da minha alma se não quebre debaixo d'uma pedra! Quero colher uma flor no céo, orvalhada com as lagrimas, que eu derramei aqui n'um chão esteril. Oh meu Deus! a minha corôa de espinhos não seria nunca um deadema glorioso da vossa justiça!

Deixai pois perguntar ao padecente, que conta, no oratorio, os escassos minutos, se os horisontes da vida são marcados pelos postes do seu cadafalso!..

Responde-me tu, homem de Deus, intelligencia d'anjo vidente dos destinos que traduzes, talvez, na terra, a pagina, que lêste nas estrellas do céo!

"A humanidade crê na immortalidade com uma crença irresistivel, eu o sei, de diversas maneiras e por diversas razões. Mas esta diversidade não offende; pelo contrario confirma a crença. Nenhuma hypothese é absolutamente falsa, como podemos já proval-o. Cada theoria contém uma parcella de verdade. Eu vou mais longe, e acrescento: Longe de regeitar a previsão, por não dizer a presciencia de uma vida ulterior além da agonia, como uma chimera, como um erro destinado a fugir diante da intelligencia, o homem reconheceu sempre, e proclamou, cada vez mais na razão directa do seu augmento de razão, a realidade, a necessidade da resurreição. Quanto mais vivia, mais a vida, rica de sentimentos e ideias, lhe raiava no futuro, gloriosamente reflectida em um outro hemispherio de existencia. No principio, ignorou a immortalidade; mais tarde, entreviu-a; mais tarde ainda, affirmou-a; mas como a civilisação de então era, sobre tudo, material, o homem proclamou simplesmente o renascimento da materia. Só o corpo resuscitava, e cumpria as simples necessidades corporeas em outro theatro. Bebia, comia, pelejava, dormia. E, á medida que o progresso, sem cessar crescente, elevava o homem pela intelligencia, e subordinava a sensação ao pensamento, a fé no mundo futuro tomava um caracter mais ideal e moral, de certeza. O homem via na immortalidade a sancção do seu destino aqui, a sua re-

muneração. Comprehendia que a sua segunda existencia avançaria necessariamente no sentido do progresso, continuaria a primeira existencia ampliando incessante em si, e em redor de si a personalidade e a ideia.

"Assim, a crença na immortalidade é progressiva como a humanidade, como a civilisação. Esta prova devia satisfazer o espirito. Mas o espirito é mais inquieto, quer ir além: saber debaixo de que fórma e sobre que scena deve reviver. Assim posta, é insoluvel a questão—convenho eu n'isso; por quanto, para conhecer uma outra vida, é preciso vivêl-a; para conhecer o segredo da morte, é preciso morrer. Queremos que a alma viva duas existencias: a que é, a que não é ainda. Ah! meu Deus!.. vivamos, e esperemos. Tenhamos confiança... e não nos impacientemos com a nossa eternidade. Entremos n'uma outra vida, como entramos n'esta, com os olhos fechados.

"Comtudo, esta resposta não satisfaria a minha consciencia. Eu devo ainda uma prova á necessidade da certeza. Eu posso achar na vida actual a presumpção da futura, e concluir por deducção. Por quanto, se a immortalidade é uma prolongação, e não um rompimento do ser, comecemos por investigar o ser continuado, e poderemos presuppôr a continuação.

"Esperar a immortalidade? — não me exprimi bem. Não temos necessidade de esperal-a para proclamal-a, para vêl-a tão visivelmente como no dia do nosso enterro. Realisamol-a, cada dia, em nós: possuimol-a já. Temos uma faculdade intima, myste-

riosa, que denominamos com um nome vago, e muitas vezes falso—a memoria. Lá vem successivamente, e sem interrupção, fixar-se, alliar-se, tudo o que vimos sentimos, aprendemos, quizermos, conhecemos e amamos. Não ha em nós uma acção, uma virtude, uma falta, um conhecimento, uma ideia, que lá não vá e ahi não fique insculpida como na lamina de prata do tabernaculo. E a memoria o que é que recebe na hora, que passa, em sua dobra profunda? É o facto puramente physico, accidental, contingente, passageiro, o repouso, o movimento, o dormir, o sonho, a nuvem, o ruido, a flor, a commoção do momento? não. A hospeda desdenhosa deixa ir, e fugir a sensação a todos os ventos do finito. Acolhe, pelo contrario, e accumula preciosamente tudo que participa, de perto ou de longe, com a ideia de infinidade, de eternidade: a sciencia, a poesia, o enthusiasmo, a verdade a beneficencia. Uma vez entrada na memoria e transfigurada por ella, a recordação é immortal: sim, immortal! Não approveis ainda, mas esperai:

"Em verdade o acto anterior á recordação pertence exclusivamente a um espaço e a um instante dados; mas, uma vez convertido em recordação, não pertence nem a este nem áquelle dia, nem a este nem áquelle lugar... Está sempre presente, sempre inteiro. Póde ser evocado sempre, sempre recordado. E como é que a lingua humana denomina o que está fóra do tempo? Denomina-o immortal, creio eu. E onde nutre a recordação a sua immortalidade? No seio da memoria. A memoria é uma, inteira, identica, inde-

pendente do local e do tempo, hoje o que hontem era, reproduzindo e regenerando sempre da mesma maneira, sem mais nem menos, a noção, a verdade que ella, uma vez, adquiriu. Eis-aqui um homem distrahido na impressão do momento, vagando de sensação em sensação. Vive no exterior. É musico, supponho eu. Um signal revoca-o á orchestra. Accorda em si o pensamento, e a harmonia salta do seu instrumento, e elle tem a certeza d'encontrar em qualquer instante da sua vida, a sua sciencia. Confia na sua memoria como se ella fosse já, n'esta vida, uma immortalidade. Começais a comprehender o mysterio? Prosigamos.

"Este ser interior e constante, que sentimos sempre, e que denominamos memoria, é, pois, desde esta vida, o ser immortal, ou antes o embrião destinado á immortalidade, que nós propriamente formamos e constituimos, cada dia e cada hora, com nossas obras, estudos, aspirações e virtudes. Todo homem na terra por decreto divino, é o creador da sua propria eternidade, ou, mais exactamente creador do lugar que occupára na eternidade. Tal logar não o recebe das mãos da morte; conquistou-o d'antecipação.

"N'este mundo, toda acção participa da ideia da infinidade. Quanto maior quantidade de raios d'esta infinidade misturardes á vossa existencia, e maior heroismo e enthusiasmo empregardes nas funcções da vossa immortalidade, tanto mais verdades e sympathias tereis em vós, como estancias ascendentes, que vos elevem ao céo; quanto mais vos engrandecerdes em essencia e força, e maior testemunho derdes da

duração, tanto mais profetisareis á vossa alma seculos de esplendor. E quando entrardes na morte...—não digo bem—na vida eterna, Deus se levantará para receber-vos.

"Onde, e em que grão de pó? Não sei. Ha-de o homem, seguramente, ignoral-o sempre. Mas, pela irresistivel logica da ideia, eu creio poder affirmar que a vida immortal terá o espaço infinito por lugar de peregrinação, porque a eternidade e a immensidade são de tal sorte solidarias, de tal sorte dependentes uma da outra, que, apenas interpellada e chamada uma, invoca e espera sempre a outra, como sua inseparavel companheira. O homem irá, pois, continuamente de sol em sol, subindo sempre, como sobre a escada de Jacob, na jerarchia da existencia; passando sempre, segundo o seu merito e seu progresso, de homem a anjo, de anjo a archanjo. Mas esta migração perpetua no seio do espaço é possivel, e accessivel á razão? Vêde: cada mundo está rodeado de insondaveis precipicios. O dedo de Deus interpoz um passadiço d'uma a outra margem, para o trajecto da larva errante da alma, que foge do tumulo.

"Aceito a objecção. A alma humana, bem o sei, não póde viver em parte alguma sem estar envolta na natureza, ou em substancia da natureza. Mas, para responder a tal difficuldade, a sciencia não depoz em nossa alma uma suspeita, ou mais que uma suspeita? A phisiologia não provou já que a alma, sequestrada da materia, de nenhum modo em contacto com ella, ainda a domina por meio d'um medianeiro, que se

chama o fluido nervoso, e reside no cerebro no centro d'este fluido? A sciencia não provou ainda que o fluido nervoso era exactamente o fluido electrico, modificado sómente pelo organismo vivente; de sorte que se possa dizer que a electricidade, é o primeiro involucro da alma, e a sua atmosphera? Sobeja-me esta prova. Como a electricidade está universalmente derramada no espaço, posso suppôr, sem demasias de temerario, que a alma avança ao nivel pelo espaço, sobre o fluido electrico, como sobre o sólo d'uma mesma esplanada.

"Mas, se assim é, se devemos sempre subir, em columna radiosa, de estrella em estrella, de transfiguração em transfiguração, para uma continua plenitude d'amor e de intelligencia, de que serve a presistencia da personalidade? A que vem a memoria? Porque levaremos comnosco lembranças do que fomos? tal memoria, avivando-nos a lembrança d'uma falta ou d'uma fraqueza, não será um obsessão, um soffrimento? Respondo: não. Se a recordação é um remorso, é um testemunho da nossa grandeza. Pois o remorso o que é? É a reacção da virtude contra o crime. É o trabalho da consciencia contra o mal para trazer o mal á innocencia. É o fogo purificador, que devora a mácula: é o redemptor. É um merecimento, depois da sua obra. Se a recordação, pelo contrario, nos apresenta um acto infimo, que lembra sómente a inferioridade da nossa vida passada, não julgueis que essa lembrança será, na memoria do archanjo, aquillo que é hoje na memoria d'um homem do nosso planeta. A

alma immortal, transfigurando-se, transfigura sem cessar sua memoria, perfumando-a de seus perfumes.

"Porque é, pois, que o poeta, o pensador, no derradeiro crepusculo da vida, recolhe com uma piedosa commoção, e resuscita com uma eloquente ternura, as acções, as reminiscencias, as mais simples em apparencia, e as mais insignificantes da sua mocidade? porque? porque recopila o progresso de sua alma para o futuro, e retempera-o ao raio da sua immortalidade. Pela mesma razão, o homem de nossos dias continua a admirar a poesia infantil das primitivas idades da historia. Como se lhe depara na leitura da antiguidade um rico teclado de sensações, sente, por consequencia, mais que o poeta sentiu. Cria a obra, d'alguma sorte, segunda vez, e adjudica voluntariamente ao obreiro primitivo a sua propria creação. Ditosa illusão do espirito humano, que, regenerando sem cessar a poesia passada ao foco vivo da sua sensibilidade, permitte ao homem sempre admirar o que uma vez admirou. Assim, para nenhuma geração uma hora de poesia se perdeu.

"Um justo vai morrer. Repousa no seu leito de agonia. Uma lampada bruxuleia á sua cabeceira. A pendula secular de seus avós sôa a sua hora derradeira, com esse grave som, que assemelha o som da eternidade. Sua filha, de joelhos, comprime em seus labios a mão gelada do moribundo. Sente já descer-lhe nos olhares a sombra escura. No ultimo pensamento retrospectivo, recapitulou toda a sua existencia. Viu-lhe n'essa rapida revista o numero das virtudes. Pre-

venira-se contra as eventualidades do incognito. E quando, curvado sobre elle, um amigo lhe pergunta como é esse momento de mysterio, responde: "Sempre tranquillo." Emfim, sua mão estremece pela ultima vez. O anjo da morte passou. Passando, colheu a alma do justo. A lampada arde ainda. O ponteiro caminha sempre no mostrador.

"E, depois esse corpo sem alento, torna-se sagrado, como se o dedo de Deus lhe tocasse. Dir-se-hia o altar, d'onde, extincto o sacrificio, a flamma subiu á região celeste. D'onde vem esse respeito á fôrma quebrada do homem, se o homem, no findar da vida, se desfaz em um pouco de fumo? Tal respeito é involuntario, imperioso, de todos os tempos, de todas as nações. Faz parte da alma humana; nasceu com ella como um elemento constituinte da sua essencia. Se é um erro, a alma é um erro tambem. É necessario escolher: ou o nada, ou o homem é uma mentira. A questão assim posta está resolvida. A immortalidade está provada."

XIII

E por tanto, eis-me aqui passando, como a larva, ás novas fórmas de uma nova existencia.

A minha alma é immortal! Sinto-me orgulhoso d'esta convicção á hora da morte!

As cortinas d'um outro hemispherio vão ser-me erguidas!

Asseveram os sabios da terra que a sepultura é o cadinho onde os homens se purificam em anjos.

Mas a metamorphose é feita á custa de dôres. O homem é coisa de condição deploravel, em quanto não despe o involucro da carne para vestir-se da electricidade dos espiritos!

Bem podéras, meu Deus, correr, depressa, diante de meus olhos, esta ultima cortina da materia!

Dá que eu deponha no barro o manto de vida, que o barro me deu, sem sentil-o cahir a pedaços arrancados pela dôr! . . . . . .

. . . . . .

Eu quero ainda vêr o mundo pelo prisma d'uma phantasia, que já não póde escaldar-se no enthumiasmo de poeta. A atmosphera da minha alma é fria. O gelo do tumulo, como preexistencia da morte, vai-me esfriando, fibra a fibra, as molas, que jogavam vertiginosamente impellidas pelo genio.

Se não fossem as contursões machinaes do corpo que se despedaça, eu quizera que a morbida tranquillidade do meu espirito assim tivesse sido, no frenetico decorrer da minha vida.

Disseram-me que o symptoma infallivel da morte é a conformidade com ella.

Assim o juro com a mão sobre a consciencia, que me manda resignar.

Estou tranquillo! Lances da minha vida, que hontem me azedavam as agonias, esqueceram-me hoje. A memoria, que não póde acompanhar-me na transfiguração da eternidade, vai legando á terra as recordações da terra. . . . . .

. . . . . .

Dá-se, n'este momento, um drama sublime em minha alma. É o proemio do grande livro que não póde lêr-se á luz da vida.

Se não fosse este cilicio de espinhos, que me cinge o peito, devêra ser dos anjos o hosanna de graças, que vem, d'um mundo remoto, embalar-me o sonho do espirito. . . . . .

Esta mulher de vestes brancas, de faces pallidas, com o extase nos olhos, e a vibração da supplica nos labios, é Julia!

Cinge-lhe a fronte o resplendor d'uma santa!

Vejo, em torno d'ella, uma chorêa d'anjos, que esparzem flôres, e entoam não sei que psalmo, que me não parece cantico, nem gemido, nem voz, nem silencio, nem sonho, nem realidade.

É esta a minha ultima e a minha primeira visão dulcissima sobre a terra.

Eis-aqui o homem que Pindaro definira: eu sou o sonho d'uma sombra!

Julia! O mundo era pequeno para nós. A poesia santa de nossas affeições asseverava-nos a immortalidade, que principia hoje.

Eu vejo-te ajoelhada no perystilo do sanctuario, onde o sonho da vida se converte em eucharistia perpetua no seio do Senhor.

Voaremos de mundo em mundo, impellidos pela mesma faisca electrica, embriagados da mesma taça de delicias, abraçados ao mesmo raio de luz d'um sol, que lá deve estar em cima escondido nas profundezas do céo!

Quem te disse a ti, minha irmã d'angustias, que o meu dia d'amanhã será talvez a aurora da minha nova existencia? Porque vieste agora só, meu fanal da morte, mostrar-me a luz de esperança, quando as sombras da duvida me faziam terrivel este fim?

Onde tens vivido até este instante, magica apparição? Vens agora recordar-me que fui um homem de paixões arrojadas, e uma creança de illusões loucas?

Que venham ao pé d'este leito os infelizes da terra! Aqui ensina-se o despreso de vida, e desprezase a compaixão dos que ficam.

Quem morre assim não póde ser atheu.

O anjo do Senhor está sentado á cabeceira do agonisante.

As saudades do mundo, pouco e pouco, esvaecidas, cedem a alma ás esperanças da immortalidade.

Este prodigio não o podem fazer os homens. O moribundo não dominaria o espirito pela logica da resignação.

Ha um mez aterrava-me a ideia da mortalha, cuja sombra agora vejo com o sorriso do coração, e com as lagrimas bemditas do reconhecimento.

É Deus! O homem não sabe senão ser mau. A desesperação na vida não póde ser nunca serena tranquillidade á hora da morte!

Uns morrem, abandonando-se á misericordia divina. É tranquilla a sua morte.

Outros expiram nos braços da sciencia. É sublime o seu passamento.

Uns e outros são profetas da immortalidade, e eleitos do Senhor. . . . . .

. . . . . .

Grande Espirito! Mysterio sem principio, que principias em ti e em ti acabas!

Deus! não affastes dos olhos de meu espirito este quadro que me enleva, esta esperança que me indemnisa de quantas vi levadas na torrente das illusões, onde a humanidade se perde e purifica para crêr em vós!

XIV

Era no sonho febril dos meus rapidos instantes de repouso.

Tinham-me corrido tão suaves as horas da vigilia!.. Das regiões altissimas da alma cahi, algemado ao peso da materia, n'este mundo dos homens, n'este bazar de vendilhões, em que a honra se vende por um punhado de lentilhas, e se compra por outro.

Em redor de mim estavam as sombras tremulas d'uma lampada. Além, com a face escondida entre as mãos, um amigo que contrahi nos ultimos dias da minha vida... Parecia chorar.

Chorar um homem!..

Ó suavissima consolação das lagrimas! quem podéra merecer-te, á custa d'estas ultimas agonias da vida!

Chorar um homem... é delir no pranto espinhos, que o frenesi da desesperação não desencrava da alma!

Felizes são os que choram!.. Experimentaste, oh Christo, a felicidade das lagrimas! Aconselhaste-as ao genero humano, que remias d'aquella grande dôr, que, antes de ti, não podia respirar a atmosphera d'um céo em que fallaste!

Quizeste, oh Christo, fazer os homens bons pela compaixão; e conseguiste amaciar o coração da mulher, que lava com suas lagrimas muitas nodoas, degradantes ao genero humano, indigno de ti, oh anjo da cruz e do resgate!

Ensinaste a soffrer e a chorar, filho da mais attribulada das mulheres! Ha desoito seculos que choraste; e a geração, que passa, vai d'este horto de afflicção e prece a buscar-te no mundo dos espiritos com as vivas reminiscencias das tuas lagrimas!

A parte do mundo, que te adora, tem razão para adorar-te; porque foste tu quem prégou o sermão da montanha.

Foste tu, oh Nazareno, quem limpou na face da Samaritana o escarro da affronta, e restaurou a dignidade perdida de Magdalena!

A ti meus hymnos de môrte, a ti, mensageiro de Deus, que surgiste no dia das agonias do escravo, e disseste: "Felizes os que choram!".....

.....

XV

Era, no sonhar febril dos meus rapidos instantes de repouso...

Encostada ao meu leito, com o ouvido aconchegado á minha respiração, com os olhos absortos no estremecer das minhas palpebras, Julia esperava, na anciedade afflictiva do receio, que eu abrisse os olhos para vêl-a, e os labios para balbuciar-lhe o adeus do caminhante, que vai primeiro atravessar os limbos da morte.

Acordei.

A que vens, esposa do tumulo?

—Não é á beira do tumulo, é no limiar da existencia, que contrahimos perante Deus, e a imagem do infinito, a mystica união, que tem a eternidade por limite.

—E as torturas, e as violencias, e os desconfortos, que levamos d'esta vida, serão o patrimonio... a riqueza de santas alegrias, que o dedo de Deus marcará com o sello da sua perpetuidade?.. Falla, inspirada dos espiritos! abençoa as lagrimas... o incenso que queimaste nas lavaredas de uma paixão, que sacrificas a este idolo de barro, a esta sociedade ulcerada no coração...

—Abençoada seja a hora em que amei, pois, embora amargurada, e sem esperança aqui, este amor é a vida unica do meu coração!.. Bemdita seja a mão de Deus, que lançou no fundo da minha alma este germen fecundo de sensações apaixonadas e ardentes, este manancial inexgotavel de tão puros e suaves affectos...

—Que sentes, filha da amargura?

—A necessidade d'uma ventura immensa, e des-

lumbrante. O meu espirito concebe-a. É uma embriaguez deliciosa... O que eu sinto? Uma esperança frenetica e delirante... Um desejo de morte, e de repouso... O somno entorpecido do espirito...

—Fada mysteriosa, verbo dos anjos, propheta balbuciante, que vês além dos horisontes do tumulo?

—Irmãos pelos affectos e pelas dôres profundas, professamos a mesma crença, commungamos ás mãos do mesmo sacerdote: mas não é no inverno desabrido e gelado d'uma vida gasta e agonisante que nos encontramos. É durante o estio abrazador da paixão, com o coração a trasbordar lagrimas e affectos, que repousaremos suavemente no seio de uma affeição tranquilla e santa.

—Como é o teu amor, archanjo das lagrimas?

—Um martyrio na vida do tempo, e um mysterio entre o meu coração e o Eterno! É uma planta maldita, que nasceu ignorada, e ignorada morrerá.

—E, por tanto, tudo está consummado para nós sobre a terra?

—Tudo!

—Espera...Eu fui teu escravo longo tempo... Deves pagar a minha servidão com lagrimas... O tumulo que t'as receba. Dizem que os cemiterios são mudos... Não creias, Julia. Ha segredos entre os vivos que chamam, com anciosa fé, as sombras dos mortos. Se morresses, antes de mim, eu collaria os labios na pedra avarenta de tuas cinzas! E tu virias, espirito arrojado, pelo rasto dos vôos, que deixaste impressos no mundo, virias, ao som de meus labios, e envolverias a

minha fronte na dobra da tua mortalha!.. Não me fujas!.. Vieste, sacerdotisa de moribundos, murmurar-me ao ouvido as orações da agonia... Falla.....

. . . . . .

. . . . . .

XVI

Um sacerdote!

—Que me quereis, senhor?

—Uma alma contricta, e um adeus resignado ao mundo.

CONCLUSÃO

O dia dezenove das agonias de * * * era o quarto dia do mez d'abril de 1851.

A noite do dia trez não permittiu duvidar da sua proxima morte. Queixou-se, ao escurecer, d'uma dôr lancinante, que lhe cortava os tecidos do peito. A febre encrustara-lhe os labios d'um roxo-escuro, semelhante á putrefação d'uma ferida. A respiração, convulsa e accelerada, arfava-lhe as paredes toraxicas com estos violentissimos. Uma hora depois, a transpiração cessou; o infermo revolvia-se no leito, como se encontrasse um espinho em cada ponto de apoio.

Mandaram-lhe um sacerdote para junto da cruz que sua irmã lhe posera á cabeceira do leito.

A magestade funebre d'aquelle trance imprimia nas vestes do levita caracter de tremendo mysterio, que só agonisante poderá avalial-o á luz da eternidade.

Era tudo sublime alli n'aquelle quarto! O moribundo é grande e sublime nos fins da vida, quando mais se revela a debilidade de suas forças, a mizeria de seus orgulhos, a mesquinhez da sua condição.....

—Padre—exclamou o enfermo com o esforço de vontade, que já não póde imperar no machinismo da voz—padre!.. esta morte, assim trabalhosa, é...como foi toda a minha vida... Que mais quer que eu lhe diga?..

—Não sente em si alguma cousa invulneravel aos golpes, que lhe retalham o corpo?.. Não vê que o espirito, no desprender-se dos fios, que o prendem á materia, é ainda um ente que recorda as tormentas passadas, os naufragios da vida? Não se sente immortal quando os orgãos da vida se dissolvem?

—Sinto... sinto... Eu já sabia que era immortal... O que eu não sei... tentação van!.. quem m'o poderá dizer n'esta vida?!..

—O que, senhor?

—O segredo da immortalidade...

—Eu.

—É um homem que m'o diz...

—E o mais humilde, e o mais ignorante dos homens... Não são estes habitos que me fazem o interprete da linguagem muda do seu destino. Não é o padre que lhe prophetisa o segredo da immortalidade: é o homem, que consulta o oraculo da consciencia... é o

seu irmão de amarguras, que procura, no fundo da sepultura, á lampada da intelligencia, a metamorphose do homem...

—Falle... falle... que me adormece estas dôres dilacerantes... Se tem a inspiração de Deus, não me esconda os segredos do meu destino... Eu tenho uma esperança... se ella é mentirosa... não m'a desvaneça... Oh! diga-me que eu posso encontral-a ainda... voar com ella nos turbilhões dos mundos... Padre! não ha por ventura mundo... não ha estrella, onde se encontrem duas almas, que este mundo varou com o mesmo punhal, que este deserto deixou ressequir na mesma sede... que este inferno queimou com a mesma lavareda?.. Não ha, padre!.. não ha uma providencia, pregoada por todas as religiões, revelada e adorada por todos os sacerdotes... uma justiça eterna, que recompense com eternas alegrias os martyrios aqui supportados, as leis malditas aqui obedecidas, as taças de fel aqui devoradas no silencio... Não ha, padre?.. É, pois, mentira a minha esperança?.. depois do inferno da vida... vem o inferno do nada?.."

O sacerdote quizera logo responder, mas não o deixou a torrente da rapida exclamação. O agonisante, exaltado a impetos de frênesi, descahiu na immobilidade d'uma anemia semelhante á serenidade do cadaver. Fecharam-se-lhe os olhos, exsudaram-lhe bagas frias na testa incendida, e os labios entre-abertos coavam uma respiração quasi imperceptivel.

O padre ajoelhou: os que estavam alli, sentiram-

se commovidos, e ajoelharam-se, sem fé, obrigados por impulso mysterioso.

O tysico permaneceu assim duas horas.

No despertar, soltou um como rugido semelhante ao ranger das costellas que se lhe partiam. A respiração cavernosa ressoava, e parecia suffocal-o a cada instante.

O ouvido, applicado aos labios, escutava um ruido tumultuoso, uma dissonancia indiffinivel de sons na região do coração. Dir-se-hia que duas forças, morte e vida, se despedaçavam alli em dolorosa repugnancia.

O moribundo, n'esse dia, parece que detestava os entes mais amados nos seus ultimos dias. Repellia, com as feições descompostas e com tregeitos horriveis, as pessoas que o consolavam com palavras futeis, n'aquelles trances em que Deus parece abandonar o homem. Sangraram-n'o. Foram rapidas as melhoras. O infeliz perguntava se d'alli até á morte lhe era permittido confiar no remanso de allivio que estava gozando. O medico, com imperturbavel placidez, respondeu-lhe que sim.

Tranquillo, nada alterado na phisionomia, livre na respiração, sonoro na palavra, e recostado em dous travesseiros, sem o menor constrangimento, assim principiou o ultimo dia d'aquellè homem, que não devera ter conhecido o primeiro.

O sacerdote não o abandonara um instante.

Sua irmã, com o forçado sorriso da forçada esperança, animava-o a esperar do Altissimo a sua saude.

O agonisante sorria-se.

Ás nove horas da manhã, pediu ao sacerdote que ficasse a sós com elle.

Ficou.

As lagrimas, choradas no coração do ministro de Deus, são como as lagrimas vertidas no oceano: apenas derramadas, confundem-se, e perdem-se. Só Deus as estrema.

E ninguem dirá o que passou ahi n'esse quarto!..

O sacerdote, quando voltava para os que, na ante-camara, discutiam aquella scena imprevista, trazia o rosto banhado de lagrimas, e ao passar pela irmã do moribundo, murmurou:

"Jesus, o Salvador, triumphou!"

Entraram. Viram um rosto sereno... sereno de mais... Estava morto.

FIM.

LIVRARIA DE VIUVA MORÉ, EDITORA

BIBLIOTHECA MORÉ

CAMILLO CASTELLO BRANCO

AGULHA EM PALHEIRO, 2.ª edição—1 vol. 500
AMOR DE PERDIÇÃO, 2.ª edição revista pelo auctor — 1 vol. 500
AMOR DE SALVAÇÃO—1 vol. 500
DOZE CASAMENTOS FELIZES, 2.ª ed. revista pelo auctor—1 vol. 500
ESTRELLAS FUNESTAS—1 vol. 500
ESTRELLAS PROPICIAS—1 vol. 400
MEMORIAS DO CARCERE, 2.ª edição revista pelo auctor—2 v. 800
AS TRES IRMÃNS—1 vol. 500
ROMANCE D'UM HOMEM RICO; 2.ª ed. com um prefacio—1 v. 500
NO BOM JESUS DO MONTE—1 vol. 500
ESBOÇOS DE APRECIAÇÕES LITTERARIAS 500
A SEREIA — 1 vol. 500
UM LIVRO, 3.ª edição — 1 vol. 500
O JUDEU, romance historico — 2 vol. (No prelo).

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

A MOCIDADE DE D. JOÃO V, 2.ª ed. rev. pelo auctor—3 v. 1$500

JOÃO DE ANDRADE CORVO

UM ANNO NA CORTE, romance; nova ed. rev. pelo auctor—3 v. 1$500

THEOPHILO BRAGA

VISÃO DOS TEMPOS—1 vol. (com o retrato do auctor) esgotada.
TEMPESTADES SONORAS—1 vol. 500
POESIA DO DIREITO—1 vol. 500

ADRIÃO PEREIRA FORJAZ DE SAMPAIO

O BUSSACO E A SERRA DA LOUZAN—1 vol. 500

ARNALDO GAMA

O FILHO DO BALDAIA—1 vol. (No prelo).

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ENSAIOS CRITICOS—1 vol. (No prelo).

FR. FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO (O FLAVIENSE)

DICCIONARIO GEOGRAPHICO DE PORTUGAL E SUAS POSSESSÕES—Nova edição conforme a moderna divisão territorial por *Manoel Bernardes Branco*—1vol. em 8.º . . . 800

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ANNOS DE PROSA, romance—1 vol. 8.º 500
DIVINDADE DE JESUS—1 vol. 8.º. 600

JOSEPH GREGORIO LOPES DA CAMARA SINVAL

SERMÕES, com uma introducção por C. Castello Branco—1 vol. 1$000

FRANCISCO SOARES FRANCO JUNIOR

O PREGADOR CATHOLICO, collecção de vinte e quatro sermões novos—1 vol. 8.º . . . . . 1$000

A. GRATRY

MEZ DE MARIA, vertido em linguagem 240